



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CAMPUS CHAPECÓ  
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**MÁRCIA LUCIANE PAPPIS**

**ABORDAGEM SOCIAL DO SUICÍDIO:  
O SUICÍDIO ENTRE JOVENS E ADOLESCENTES COMO FENÔMENO DA  
MODERNIDADE TARDIA**

**CHAPECÓ  
2018**

**MÁRCIA LUCIANE PAPPIS**

**ABORDAGEM SOCIAL DO SUICÍDIO:  
O SUICÍDIO ENTRE JOVENS E ADOLESCENTES COMO FENÔMENO DA  
MODERNIDADE TARDIA**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado  
como requisito para a obtenção do título de Licenciada em  
Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientadora: Prof. Dr. Claudete Gomes Soares

**CHAPECÓ**

**2018**

Pappis, Márcia Luciane  
Abordagem social do suicídio: o suicídio entre jovens e adolescentes  
como fenômeno da modernidade tardia / Márcia Luciane Pappis. -- 2018.  
120 f. : il.

Orientadora: Claudete Gomes Soares.  
Monografia -- Universidade Federal da Fronteira Sul, Licenciatura em  
Ciências Sociais, 2018.

1. Suicídio. 2. Jovens. 3. Modernidade. 4. Cultura de Massa. 5. Mídia.  
I. Soares, Claudete Gomes, orient. II. Universidade Federal da Fronteira  
Sul. III. Título.

**MARCIA LUCIANE PAPPIS**

**ABORDAGEM SOCIAL DO SUICÍDIO:**

**O SUICÍDIO ENTRE JOVENS E ADOLESCENTES COMO FENÔMENO DA MODERNIDADE  
TARDIA**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientadora: Prof. Dr. Claudete Gomes Soares

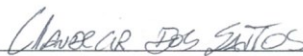
Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

18 / 09 / 2018

BANCA EXAMINADORA:



Prof.<sup>a</sup> Me. Joana Golin Alves- UFFS



Prof. Dr. Claudécir dos Santos-UFFS



Prof.<sup>a</sup> Dr. Claudete Gomes Soares- UFFS  
(orientadora)

## **AGRADECIMENTOS**

Este é o momento de agradecer por uma conquista que para mim tem um significado grandioso, diante de todos os obstáculos superados ao longo dessa trajetória e que permitiram que a cada dificuldade eu pudesse me fortalecer em sabedoria e em minhas ações. Chegar até aqui me permite olhar para minha trajetória, satisfeita por tudo o que aprendi. No entanto, sem o apoio de inúmeras pessoas tudo isso não seria possível. A oportunidade de realizar uma graduação só foi possível através dessa universidade pública e popular, que proporcionou condições para que a graduação em ensino superior fosse possível.

Agradeço, primeiramente aos meus pais pela vida. Considero-os o meu exemplo de coragem, força e persistência. Palavras não serão suficientes para fazer compreender o que significam para mim, são pessoas maravilhosas. Aos meus irmãos e irmãs que trilham comigo essa história e que me ensinam a singularidade de cada ser humano, diante de uma pluralidade e diversidade de pensamentos e ações. Em especial, a minha irmã Verenice pelo apoio e pela força concedida nos momentos de dificuldades nessa etapa que se conclui e que tem tanto significado para nós, considerando que esse era apenas um sonho e que agora se realiza. Ao meu namorado Gláucun pela compreensão, ajuda, carinho, amor e paciência no tempo que dediquei à graduação e em particular, à essa pesquisa. Saliento o meu reconhecimento e agradecimento a todos os familiares comemoram comigo essa conquista.

Agradeço a todos (as) os (as) professores (as) por fazerem parte dessa história, principalmente, agradeço à professora orientadora Claudete Gomes Soares que não mediu esforços para que eu pudesse chegar neste momento, sempre tão sábia, compreensível e dedicada mostrando o que significa o amor ao trabalho. Aos meus colegas e amigos que fizeram e fazem parte desta caminhada, eu só tenho a agradecer. São dádivas essenciais em minha vida e que deixam ensinamentos valiosos.

Ao Fernando e a Daniela, gratidão pelo auxílio na tradução do resumo e na formatação deste trabalho.

Finalmente, agradeço às jovens que disponibilizaram seu tempo, cedendo as entrevistas que foram essenciais para o enriquecimento deste trabalho, e que contribuem grandemente para um maior entendimento sobre o tema. Sobretudo, a gentileza e dedicação em relatar sobre as experiências de vida.

Enfim, a todos que estiveram envolvidos nessa etapa, muito obrigada!

**“Nenhuma sociedade que esquece a arte de questionar [...] pode esperar encontrar respostas para os problemas que a afligem.” (BAUMAN, 2000, p.14)**

## RESUMO

Essa pesquisa objetiva problematizar as relações entre o suicídio e a sociedade na modernidade tardia com foco nas experiências de jovens e adolescentes, visando: fazer uma discussão sobre a atual sociedade e suas características; mapear a concepção e fatores do suicídio; identificar as relações entre mídia, tecnologia e jovens; identificar fatores de risco em relação ao suicídio entre adolescentes e jovens e compreender os sentimentos em relação ao suicídio. As representações sociais nos permitem estudar o que os jovens pensam, simbolizam, sentem e quais os comportamentos assumem diante destas realidades, essenciais na sua socialização, sendo nesta pesquisa desenvolvidos por meio de levantamento bibliográfico, de pesquisas em redes sociais, em jornais, e outros meios tecnológicos, incluindo análise da série americana “13 Reasons Why” e do “Jogo da Baleia Azul” que abordam o tema, além de entrevistas de história de vida. As entrevistas que tiveram como metodologia a história oral, foram realizadas com duas jovens entre 15 e 29 anos que experimentaram situações de ideações e tentativas de suicídio, superaram esta situação e se dispuseram a relatar suas histórias de vida. O desenvolvimento do trabalho contou com a discussão teórica sobre a modernidade e seus impactos na individualidade e na formação das autoidentidades, bem como a relação com as instituições modernas e o papel dos meios de comunicação de massa/mídias nas experiências dos jovens. As histórias de vida servem para ressaltar alguns elementos presentes nessa discussão. Pode-se perceber a fragilidade das instituições integradoras, como a família e a escola, geradoras de segurança para os jovens. Revela-se uma precária atenção dessas instituições na formação desses sujeitos, gerando sentimentos de isolamento, solidão, tristeza, insegurança, falta de confiança, ansiedades entre outros que levam à depressão. Como resultado dessa debilidade das instituições na modernidade tardia tem-se as ideações suicidas, automutilações, tentativas de suicídio e o suicídio como uma forma de ‘fuga’, de alívio das situações que vivenciam em seu cotidiano, principalmente no período de transição para a adolescência. As situações de risco ao suicídio entre jovens e adolescentes são problematizadas neste estudo.

Palavras Chave: Suicídio. Jovens. Modernidade. Cultura de Massa. Mídia.

## **ABSTRACT**

This research aims to problematize the relations between suicide and late modern society with focus on the experience of the young adults and teenagers aiming: to discuss about modern age and the current society and its characteristics; map the conception and factors of suicide/ identify the relations between media, technology and juveniles; identify the risk factors towards suicide between teenagers and young adults and understand their feeling towards suicide. The social representations allow us to study their thoughts, symbolization and behavior towards suicide, essentially to their socialization, being this research done by bibliographic survey, by social network and other technologic means including analyzing the American series “13 Reasons Why” by Netflix and the “blue whale game”, which address the issue and personal life stories interview. The interviews had as methodology the oral reports of two young women between 15 and 29 years old who experienced situations of ideation and attempts of suicide, overcoming these situations and offering their life stories. The development of the work counted on the theoretical discussion about the modernity and its impacts on the individuality and self-identity, as well as the relations with modern institutions and their role on the means of mass communication and media on the experience of the young. The life stories serve as to emphasize some elements present on this discussion. It is notable the perception of fragility of the integrating institutions, like family and school, supposed to offer safety to these young children and teenagers. It is revealed a precarious attention of these institutions in the formation of these people, generating feeling of loneliness, sadness, insecurity, lack of trust, anxiety among others who lead to depression. As a result of these debilities in the institutions in late modernity, we have suicide ideation, self-mutilation, suicide attempts and suicide as a form of escape, of relief of the situations that they live in their day-to-day life, especially during the transition to adolescence. The situations that currently are leading young adults and teenagers to suicide is discussed on this study.

**Keywords:** Suicide. young. Modernity. Mass culture. Media



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 1 - < Proporção de óbitos por suicídio segundo características sociodemográficas e meio utilizado, Brasil, 2011 a 2015> .....	41
Figura 1 - < Imagem retratando sentimentos manifestados por jovens nas redes sociais>.....	57
Tabela 2 - < Notícias jornalísticas sobre suicídio>.....	58

## **LISTA DE SIGLAS**

ABP	Associação Brasileira de Psiquiatria
CFM	Conselho Federal de Medicina
CVV	Centro de Valorização da Vida
DATASUS	Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde do Brasil
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PBM	Pesquisa Brasileira de Mídia
SIM	Sistema de Informação sobre Mortalidade
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UNB	Universidade de Brasília
USP	Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>MODERNIDADE TARDIA E OS SEUS IMPACTOS NA RELAÇÃO INDIVÍDUO E SOCIEDADE</b>	<b>24</b>
2.1	A EXACERBAÇÃO DO INDIVIDUALISMO NA SOCIEDADE MODERNA E SEUS RISCOS	24
2.2	MUDANÇA E TRANSIÇÃO EM SOCIEDADES TRADICIONAIS E SOCIEDADES MODERNAS	31
2.3	CONTEXTO DOS JOVENS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA	344
2.4	O PAPEL DAS INSTITUIÇÕES NA MODERNIDADE	38
<b>3</b>	<b>MÍDIAS, JOVENS E SUICÍDIO: A INFLUÊNCIA DOS MEIOS MUDIÁTICOS NAS EXPERIÊNCIAS DOS JOVENS</b>	<b>46</b>
3.1	O SUICÍDIO E AS EXPERIÊNCIAS DA JUVENTUDE COM AS MÍDIAS	50
3.2	A SÉRIE THIRTEEN REASONS WHY: UMA TENTATIVA DE ROMPER COM O TABU DO SUICÍDIO OU UMA INFLUÊNCIA PARA O ATO?	62
<b>4</b>	<b>HISTÓRIAS DE VIDA</b>	<b>68</b>
4.1	AMANDA MARIA SANTOS	68
4.2	FERNANDA ALINE FERREIRA	89
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>105</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>115</b>
	<b>ANEXOS</b>	<b>120</b>

## 1 INTRODUÇÃO

No decorrer do processo de formação no curso de Licenciatura em Ciências Sociais, mais especificamente a partir da disciplina de Sociologia I- que apresentou o campo de estudo do pensador clássico Émile Durkheim- que, entre outros temas, aborda a respeito do Suicídio, surgiu o interesse e possibilidade de pesquisa sobre esse tema.

A atenção para a temática descrita acima se sucedeu a partir da busca por informações em diferentes espaços virtuais e de conversas com pessoas do meu convívio social. Ao questionar essas pessoas sobre o tema elas me relatavam o conhecimento de um amigo, um parente, um vizinho ou outra (s) pessoa (s) próximas do convívio social que tentaram e/ou que cometeram suicídio. Além disso, ao atentar sobre a questão descreviam como sentiam-se e agiam a respeito dos fatos, e também sobre o que pensavam a respeito do suicídio. A maioria não compreendia porque as pessoas próximas haviam cometido suicídio, não conseguiam encontrar motivos e nunca imaginavam que aconteceria, chegando a culpar-se pela morte do ente.

Isso possibilitou-me a despertar um olhar mais crítico com relação ao tema e interesse pelas experiências de vida dos jovens que passaram por situações que envolvem o suicídio e também pelo o que os jovens pensam sobre o suicídio. Também me estimulou à pesquisa, os números alarmantes de casos de suicídio demonstrados em documentos da ONUBR<sup>1</sup> (Organização das Nações Unidas no Brasil) que destaca os dados da OMS (Organização Mundial da Saúde), ressaltando que o suicídio é responsável por uma morte a cada 40 segundos no mundo e ainda por ser a segunda maior causa de morte entre jovens com idades entre 15 a 29 anos.

Em âmbito local, através de dados apresentados pelo SIM (Sistema de Informação sobre Mortalidade), DATASUS, Cadernos de Informações de Saúde de Santa Catarina, além das redes sociais e mídias em geral é possível observar elevadas taxas de suicídio na região.

Em Santa Catarina, os índices de homicídio e suicídio se equiparam em 2001, ambos com 13,5% das mortes, apenas seguido das mortes por acidentes de transporte. A incidência de suicídio por 100.000 habitantes é muito maior no Planalto Serrano (12,9), Meio Oeste (9,7) e Extremo Oeste (10,9) do que em outras regiões do Estado. Em comparação com outros

---

1

ONUBR. Nações Unidas no Brasil. 2016. Disponível em:><https://nacoesunidas.org/oms-suicidio-e-responsavel-por-uma-morte-a-cada-40-segundos-no-mundo/>< acessado em:11/09/17

Estados, o risco de suicídios em Santa Catarina é quase o dobro do registrado no país, onde apenas Rio Grande do Sul supera os índices do Estado. O documento revela, também, que no Estado catarinense o enforcamento (71,2%) e armas de fogo (17,1%) são os principais meios de mortes por suicídio. (PEIXOTO, 2003).

No ano de 2016, as mortes por lesões autoprovocadas voluntariamente no Estado de Santa Catarina, notificadas ao SIM e divulgadas pelo DATASUS<sup>2</sup>, mostra que ocorreu 674 óbitos por suicídio. Deste total, o maior número de suicídios foi registrado na Região do Vale do Itajaí, contabilizando 134 suicídios. A Região da Grande Oeste registrou 90 mortes por suicídio, sendo 27 mortes ocorridas no município de Chapecó-SC. (DATASUS, 2016).

Uma análise sobre possíveis fatores sociais, causa do suicídio nas experiências de jovens na modernidade, pode contribuir sociologicamente para a compreensão da sociedade atual e das relações que os jovens estabelecem com outros indivíduos e instituições, na expectativa de que se rompa o silêncio sobre esse tema que ainda é estigmatizado e negligenciado pela sociedade, no entanto, sabemos que pode e deve ser evitado e que a prevenção é o trabalho de todos.

Considerando esses elementos, inicialmente o trabalho será dedicado ao debate sobre o individualismo presente na sociedade moderna, além da função que as instituições (família, igreja, escola, etc) desempenham nas experiências dos adolescentes e jovens. Essas são instituições, a princípio socializadoras, cuja socialização na realidade atual pode ser geradora de confiança ou de geradora de risco, principalmente quando não conseguem dar segurança para os jovens em sua transição para a vida adulta.

É possível afirmar que os jovens estão inseridos em um processo de mudanças, na busca por novas experiências, e no decorrer dessa transição diversos sentimentos estão envolvidos na construção das suas autoidentidades<sup>3</sup>. Conforme as experiências dos jovens com as instituições e outros ambientes sociais em que estão inseridos, será possível compreender os sentimentos desencadeados nessas relações, que podem estar acompanhados de isolamentos sociais, tristeza, ansiedades, alterações de humor, com a propensão de levá-los a dificuldade de encontrar soluções para os problemas, gerando fatores de risco em relação ao

---

<sup>2</sup> DATASUS. Mortalidade- Santa Catarina- Lesões Autoprovocadas Voluntariamente. 2016. Disponível em: <<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sim/cnv/obt10sc.def>> acessado em: 01/08/2018

<sup>3</sup> O termo “autoidentidade” será aqui aplicado conforme o novo acordo ortográfico da Língua Portuguesa. Quando referenciado o autor Anthony Giddens (2002) o termo segue sua originalidade conforme descrito pelo autor. Escrito desta forma: auto-identidade.

suicídio que, “[...] é toda morte que resulta mediata ou imediatamente de um ato positivo ou negativo, realizado pela própria vítima.” (DURKHEIM, 2000,p.11). Ou, seja, consiste em uma ação da vítima contra si própria, com o objetivo de provocar sua morte.

O autor mencionado é o primeiro sociólogo a abordar a questão do suicídio, um tema que se coloca como uma das bases da sociologia. Defende o suicídio como um fato social nas Ciências Sociais e abrange o problema da individualização nas sociedades modernas. Apesar dos escritos de Durkheim serem publicados há mais de 100 anos, a questão da individualização e o problema do suicídio continuam sendo muito atuais em nossa sociedade.

Além do mais, é necessário dedicar um capítulo deste trabalho ao papel que os meios de comunicação e de informação ou mídias exercem sobre as experiências dos jovens na modernidade. Ao se mencionar às mídias ou meios de comunicação e informação, busca-se abranger os meios tecnológicos mediados nas quais os jovens possuem acesso, como a internet, as redes sociais, televisão, celulares, computadores, games, entre outros espaços utilizado para a comunicação e acesso de informações. Para fins teóricos científicos, entre os autores utilizados para falar sobre as mídias está John B. Thompson (1998).

Algumas notícias recentes a respeito do tema do suicídio relacionado aos jovens também serão abordadas, assim como a função que essas notícias exercem em âmbito coletivo. Considerando que tem se dado ênfase por parte dos noticiários às questões voltadas ao suicídio por conta dos altos índices de causas por morte infligida, dados que apresentam maior visibilidade ao público adolescente.

Considerando que é notável o espaço que o tema do suicídio tem ganhado na cultura de massa, como no caso do jogo da “Baleia Azul” que impõe, majoritariamente ao público adolescente, desafios com objetivo do ato suicida dos participantes. Além disso, esses mesmos meios midiáticos estão investindo em programas que abordam o tema do suicídio, como por exemplo a série americana “Thirteen Reasons Why” que menciona o suicídio entre os jovens e que tem ganhado um público significativo.

Conforme consulta bibliográfica, é possível ter a percepção que grande parte de estudos voltados ao suicídio são realizados pela área da saúde, principalmente nos cursos de Medicina, Enfermagem e na Psicologia, ou seja, há na Sociologia e nas Ciências Sociais poucos trabalhos que se voltam ao tema. O fato de não ter muitos trabalhos estudados nas ciências sociais nos abre uma lacuna ao percebermos que o aumento dos casos de suicídio está

muito relacionado ao estilo de vida presente em nossa sociedade, gerando uma necessidade de dialogarmos mais sobre o tema.

Portanto, o presente estudo voltado a abordagem social do suicídio, tem por objetivo problematizar as relações entre o suicídio e a sociedade na modernidade tardia com foco nas experiências de jovens e adolescentes, com base em uma ideia fortemente veiculada por Giddens (2002) no livro *Modernidade e Identidade*: “O mundo moderno é um “mundo em disparada”: não só o ritmo da mudança social é muito mais rápido que em qualquer sistema anterior; também a amplitude e a profundidade com que ela afeta práticas sociais e modos de comportamento preexistentes são maiores.”(GIDDENS, 2002, p.22).

Para fazermos isso foi necessário: uma discussão sobre a sociedade atual e suas características; mapear a concepção e fatores do suicídio na modernidade; identificar as relações entre mídia, tecnologia e jovens; identificar fatores de risco em relação ao suicídio entre adolescentes e jovens e compreender os sentimentos dos jovens em relação ao suicídio.

O suicídio para Durkheim (2000) só pode ser tratado sociologicamente por meio da análise da sociedade e, de forma alguma, os atos de autodestruição devem ser explicados por motivações exclusivamente pessoais. Demonstra em seus estudos que há uma determinação social, externa ao indivíduo, que pode ser visualizada nos elementos estatísticos, considerando que “cada sociedade se predispõe a fornecer um contingente determinado de mortes voluntárias” (DURKHEIM, 2000, p.24). Na nossa época, tem nos desafiado o número de morte voluntária de jovens, e esses números podem estar relacionados com a própria característica individualizadora da sociedade moderna.

Com relação aos atos suicidas, o autor menciona que são “forças reais” que operam sobre o indivíduo, e que não depende apenas dele mesmo, ou seja, é uma combinação de forças que vai se apresentando à medida que se desenvolvem. Podem ser consideradas a combinação de influências familiares, religiosas, midiáticas, escolares e outras, e que vão se impondo na medida em que o indivíduo se relaciona socialmente. (DURKHEIM, 2000, p. XXVI). O autor define o suicídio em 3 tipos: O suicídio Egoísta que é motivado pelo isolamento exagerado do indivíduo com relação à sociedade, quando este não possui laços sólidos de solidariedade com o grupo social. O suicídio altruísta que, neste caso é o extremo do anterior, o indivíduo estando excessivamente ligado à sociedade, sentido obrigação em cometer suicídio, desvencilhando-se de uma vida que não se pode mais suportar.

Por último, o suicídio anômico que deriva da noção de anomia, ausência de normas e é diferente dos suicídios altruísta e egoísta que estão ligados ao grau de integração do indivíduo ao meio social. O suicídio anômico está relacionado ao desregramento social, a um desequilíbrio da sociedade. No momento que a sociedade reduz/perde a característica reguladora das ações dos sujeitos, como no caso de alterações na ordem coletiva, como crises financeiras e industriais, divórcio, viuvez ou mudanças repentinas entre outros, a própria ausência dessa regulação origina o suicídio anômico. Geralmente as demandas são acima das possibilidades reais de sua vida, portanto, cai no desespero.

Conforme Durkheim (2000), nos três casos, o suicídio resulta da relação entre os indivíduos e as normas, e se manifesta como fenômeno individual. No entanto, respondem a causas sociais e ‘correntes suicidógenas’ de diferentes tipos que estão presentes na sociedade. O suicídio aparece como um resultado das características do meio social, é gerado pela sociedade em questão, considerando a necessidade de analisar cada sociedade em seu próprio período.

Renato Ferreira (2008) que desenvolveu estudo sociológico sobre o tema na universidade de Coimbra- PT, define que:

[...]a palavra suicídio vem da expressão latina “sui caedere”, que significa “matar-se”, e foi utilizada pela primeira vez em 1717 por Desfontaines. Por vezes designado como “morte voluntária”, “morte intencional” ou “morte auto-infligida”, na língua portuguesa esta palavra significa o acto deliberado pelo qual um indivíduo possui a intenção e provoca a própria morte (FERREIRA, 2008, p.3).

Em se tratando da preocupação com o problema do suicídio, a Organização Mundial da Saúde (OMS), uma agência especializada em saúde pública afirma que o suicídio é um fenômeno complexo e que por muito tempo já tem prendido a atenção de filósofos, teólogos, médicos, sociólogos e artistas. Para a OMS há uma estimativa de que, anualmente, as mortes por suicídio possuem maiores índices do que as mortes ocorridas em todos os conflitos mundiais combinados, o que coloca o suicídio entre as dez causas de morte mais frequente em muitos países do mundo. No ano de 2000 cerca de um milhão de pessoas cometeram suicídio, mas presume-se que os números reais sejam mais elevados, considerando que as taxas de suicídio tiveram aumento de 60% nos últimos 50 anos, mesmo sofrendo variações demográficas (OMS, 2006).

As condutas de adolescentes e jovens permeados por ideações e atos suicidários são considerados problemas de grande importância para a Saúde Pública. Em grande parte dos



países da Europa o suicídio se apresenta como a segunda maior causa de morte dos jovens, sendo superado apenas por acidentes. Além disso, as tentativas de suicídio entre jovens são muito mais frequentes que o gesto fatal e está relacionado com as dificuldades enfrentadas no processo de desenvolvimento da adolescência, incluindo aspectos individuais, familiar e social (SAMPAIO, 2000).

As dificuldades enfrentadas que correspondem aos comportamentos suicidas envolvem diversos fatores como: sentimento de perda, a baixa autoestima, a desilusão, insegurança, incompreensão por parte da família e violências familiares, influência/isolamento social, ausência de amigos e da família envolvem diversos fatores: como o sentimento de perda, a baixa autoestima. (SAMPAIO, 2000)

Quando falamos em adolescência e juventude, não é raro confundirmos os termos. Desta forma, é fundamental situar como alguns órgãos e instituições definem a faixa etária destas categorias, e como é possível perceber uma certa dualidade/confusão nos termos. Para o IBGE, por exemplo, as categorias adolescente e jovem se apresentam como sinônimos. A categoria jovem compreende o grupo de indivíduos de 15 a 24 anos de idades, e criança e adolescente compreende o grupo de 15 a 19 anos. (IBGE, 2010).

No entanto, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) compreende como adolescente todas as pessoas entre 12 e 18 anos de idade (ECA, 1990). Já para a OMS (2017) adolescentes se encaixam de 10 a 19 anos de idade. Percebe-se que cada órgão define a faixa etária de acordo com seus critérios, sejam eles políticos ou sociais, ou ainda mesmo para fins estatísticos.

No campo da saúde, a adolescência é definida como um período de transição entre a infância e a fase adulta, acompanhado do desenvolvimento físico, mental, emocional, sexual e social dos indivíduos, obtendo também, aos poucos a independência econômica e a integração nos grupos sociais. (EISENSTEIN, 2005)

Juarez Dayrell(2010) considera a juventude como uma categoria construída socialmente, de acordo com os contextos históricos, sociais e culturais em que estão inseridos, e esses contextos são marcados por diversidades nas condições sociais, culturais, geográficas, etc. Além disso a juventude é considerada dinâmica, que se transforma conforme as mudanças sociais que ocorrem historicamente nas sociedade, ou seja, são jovens que, enquanto sujeitos, experimentam e sentem de acordo com o contexto sociocultural em que estão inseridos.

Considerando os conceitos apresentados acima, é necessário o esclarecimento de que serão mencionados ao longo da pesquisa as definições de adolescentes, jovens e juventude como uma só categoria, dentro de uma faixa de 15 a 29 anos, conforme o Estatuto da Juventude<sup>4</sup> define para sermos mais específicos. Não convém ao longo deste trabalho questionar ou debater a respeito das categorias, mas, sim, utilizar destas categorias com o propósito de construirmos um debate a respeito dos impactos sociais das alterações provocadas pela modernidade tardia nas experiências vivenciadas por esses sujeitos.

Cerca de 90% dos casos de suicídio em crianças e adolescentes é resultado de algum tipo de perturbação mental diagnosticados como perturbações de humor, ansiedade, abuso de substâncias, e perturbações comportamentais do funcionamento social, incluindo a depressão e seus sintomas. Outros fatores que envolvem o suicídio envolvem a perda de relações românticas, dificuldade de lidar com desafios acadêmicos, baixa autoestima, conflitos em torno da identidade sexual, etc (OMS, 2006).

Além disso, as perturbações de humor e de ansiedade, fugir de casa, sentimento de desespero estão associados ao aumento do risco de tentativas de suicídio, que estão muitas vezes relacionadas com as experiências de vida humilhantes, como o fracasso na escola, trabalho, conflitos familiares ou parceiros românticos. Esse conjunto de fatores aumenta o risco de suicídio 10 vezes mais do que indivíduos que não vivenciam essas situações. Além disso, a organização menciona que “o sentimento de desesperança decorrente de circunstâncias difíceis da vida constitui um indicador ainda mais potente do risco de suicídio do que a depressão por si mesma. (OMS, 2006)

Os diagnósticos sobre os comportamentos suicidógenos apresentados pela OMS são possíveis de serem pensados como problemas da modernidade e da própria formação das autoidentidades dos jovens e adolescentes. Direcionando nosso olhar para teóricos como Zygmunt Bauman (2001), Anthony Giddens (2002) entre outros contemporâneos que propõem reflexões sobre a modernidade, é possível fazermos uma análise dos problemas que emergem na modernidade e das suas implicações na sociedade, inclusive, que podem resultar em um mal-estar social.

O sociólogo britânico Anthony Giddens (2002) é considerado um importante pensador social da contemporaneidade, pelo interesse na reformulação da teoria social, compreensão da

---

<sup>4</sup> Estatuto da Juventude: atos internacionais e normas correlatas.2013. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/509232/001032616.pdf> acessado em 19/09/2018

modernidade e de seu desenvolvimento. Seu livro “Modernidade e Identidade” será utilizado no decorrer deste trabalho, com o propósito de contribuir para este estudo.

A terminologia modernidade alta ou tardia utilizada por Giddens expressa como os princípios dinâmicos da modernidade afetam as práticas sociais e comportamentos dos indivíduos na sociedade, em âmbito global. Utiliza os termos modernidade alta ou tardia para indicar uma nova etapa da modernidade com características próprias, em que os indivíduos diante de uma realidade de constantes mudanças, podem escolher aspectos do passado ou as novas formas sociais da sociedade contemporânea.

O termo “auto-identidade” utilizado pelo autor, está relacionada diretamente com contexto de globalização na modernidade tardia. A construção da autoidentidade é compreendida pelo próprio indivíduo, que decidirá o modo de vida, os estilos e gostos que deseja adquirir e essa construção pressupõe uma continuidade ao longo do tempo e espaço, considerando as influências do meio social em que o indivíduo está inserido. Ou seja, a autoidentidade é a identidade que o próprio sujeito interpreta reflexivamente ao longo de sua vida.

Um estilo de vida pode ser definido como um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça, não só porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular da auto-identidade.[...]Os estilos de vida são práticas rotinizadas, as rotinas incorporadas em hábitos de vestir, comer, modos de agir e lugares preferidos de encontrar os outros; mas as rotinas seguidas estão reflexivamente abertas à mudança à luz da natureza móvel da auto-identidade.(GIDDENS, 2002, p.79-80)

Zygmunt Bauman (2001) sociólogo e filósofo polonês, também terá contribuição neste estudo para indicar aspectos da sociedade contemporânea marcada pela fluidez das relações que se apresentam instáveis, em que a dinâmica da sociedade moderna é de mudanças constantes, não havendo mais uma solidez nas relações entre os indivíduos e entre os aspectos que compõe a sociedade moderna.

“Modernidade Líquida” refere-se a uma diluição das relações sociais entre sujeitos e instituições sociais. Considera um conjunto de relações fluidas no mundo contemporâneo, e coloca como um atributo crucial da modernidade a relação entre espaço e tempo, que são resultados da globalização, por exemplo.

Na sociedade moderna ou pós-moderna, como o autor menciona, a liquidez é uma inconsistência, uma incerteza, insegurança de uma falta de pontos de referência estabelecidos

socialmente, como padrões, códigos ou regras da época anterior (classe, família, religião, ideologia política, entre outros) e que podem servir como ponto de referência ou orientação para as ações dos sujeitos.

A falta desses pontos de referência torna o mundo individualizado. Não que cada sujeito seja livre para fazer suas próprias escolhas, segundo suas vontades, sem que dependam da sociedade, mas pela sociedade se caracterizar pela autoconstrução individual, em que inúmeras identidades se manifestam independentemente e em diferentes momentos, ou seja, a vida passa a ser compreendida como projeto individual.

Para alcançar o objetivo da pesquisa, é indispensável apresentar como parte deste estudo foi desenvolvido, ressaltando que o ato de investigar aspectos presentes nas experiências dos jovens e adolescentes na sociedade contemporânea apresenta-se de forma a complementar o desenvolvimento desta pesquisa, considerando que o foco aqui é a sociedade moderna, as instituições e a sua capacidade/incapacidade de proteger os adolescentes a ponto de levá-los a uma situação de risco.

A ideia da realização de entrevistas como parte que complementa esse estudo, é mais um meio de buscar nas experiências e representações dos jovens e adolescentes as relações que estabelecem com a sociedade, com as instituições, com os meios tecnológicos entre aspectos presentes em seu cotidiano.

Primeiramente, o local para realização das entrevistas seria na instituição escolar do município de Chapecó-SC com estudantes de 15 a 18 anos, incorporando as entrevistas ao estudo sobre a modernidade, as instituições, as mídias e outros aspectos vivenciados por jovens e adolescentes relacionando também com o tema do suicídio.

O vínculo com o ambiente escolar, enquanto bolsista e professora da instituição cativou-me a compreender nas representações sociais e experiências destes sujeitos as relações que estabelecem com a sociedade, com as instituições, com as mídias e outros espaços por estes sujeitos frequentados e a relação estabelecida com o tema do suicídio. Ao apresentar a proposta para a direção da escola, foi mencionada a necessidade dessa proposta ser aprovada pelo comitê de ética, o que levaria alguns meses, tardando o estudo.

Neste mesmo período uma estagiária que realizou alguns trabalhos para a minha orientadora relata-a, em uma conversa, alguns episódios vivenciados no seu passado e que tem relação com experiências ligadas ao suicídio.

A partir deste fato, decidimos então pela realização de entrevistas por meio da história oral. A jovem foi convidada a participar da entrevista relatando suas experiências de vida, desde a infância até o momento atual.

Meus colegas e amigos também foram fundamentais nesse processo, pois quando busquei saber se conheciam jovens e adolescentes que passaram por experiências de ideação e tentativas de suicídio, mas que já teriam superado, mencionaram alguns nomes. Mantive contato com esses sujeitos e como já era esperado acontecer em entrevistas como esta, em que há uma delicadeza de falar sobre o tema, houve um caso de desistência. Em outro, a jovem passava no presente momento por uma crise, não havendo a possibilidade de ceder a entrevista. Em outra situação, uma estudante universitária amiga de minha irmã visita-a, e durante a conversa a jovem relata alguns fatos passados de sua vida envolvendo experiências com o suicídio. Mencionei sobre minha pesquisa e a convidei para uma entrevista, sendo então aceita.

A decisão de realização de duas entrevistas foi pelo fato de propormos a metodologia de história oral. O relato da história de vida tende a se caracterizar por um período longo de falas e a transcrição das entrevistas em forma de texto acaba estendendo o trabalho, o que se tornaria cansativo para o leitor.

Ao utilizarmos o método da história oral como parte deste trabalho, baseando-se nas propostas de Alberti (2013) buscamos estudar os acontecimentos vivenciados pelos entrevistados que encaixam-se no perfil da proposta de estudo e que se dispuseram a contar sua história de vida desde a infância até o momento atual de sua vida, aprofundando-se também em questões que dizem respeito à esta pesquisa.

Para a autora, a entrevista de história oral registrada por meio de gravação e transcrição, documenta a visão do passado buscando a ampliação do conhecimento sobre acontecimentos através de estudos de experiências e visões particulares dos entrevistados, visando compreender suas ações e estabelecer relações com o tema trabalhado.

Houve uma preparação inicial seguindo a proposta da autora, considerando o contato inicial com as entrevistadas e apresentação do objetivo da pesquisa. Além do acordo sobre o local de realização das entrevistas individuais, a apresentação e entrega do termo de consentimento livre e esclarecido para as entrevistadas.

O local da entrevista foi acertado em comum acordo com os entrevistados, conforme a disponibilidade. Uma entrevista foi realizada na residência da professora orientadora da pesquisa e a outra na minha residência, espaços que puderam ser adequados à necessidade e comodidade dos entrevistados e gravação do depoimento.

Antes de iniciar as entrevistas me senti tensa e, de certa forma, insegura pois nunca havia realizado uma entrevista de história oral. O contato inicial com uma das entrevistadas foi no dia da entrevista, tomamos um café juntas para nos conhecermos melhor e ficar mais à vontade. A outra jovem que entrevistei já tive contato anterior, fato que já me deixava mais segura, também por já haver entrevistado a outra jovem anteriormente.

Apresentei às entrevistadas o objetivo da pesquisa e a metodologia para dar sequência à atividade que teve em média duração de duas horas cada entrevista. Foi apresentado e entregue a cada entrevistada um termo de consentimento livre e esclarecido, ficando uma cópia assinada para mim e outra para a entrevistada. Ressalto que as entrevistas foram incorporadas no trabalho, transcritas em forma de texto e são parte complementar do estudo. Os nomes das entrevistadas são trocados por nomes fictícios, assim como o nome dos familiares, amigos, cidades, bairros e instituições, com o propósito de preservar as identidades.

Para as entrevistas foi utilizado o recurso de gravação portátil de voz (áudio) e a consulta de um roteiro foi necessário para nortear as questões do tema e para articular perguntas a partir de “ganchos” fornecidos pelas entrevistadas, aprofundando questões que, por estes sujeitos foram abordadas, baseado na metodologia da história oral de Verena Alberti (2013).

Ao desenvolver pesquisas sobre um tema delicado como o do suicídio é possível nos deparar com obstáculos de encontrar alguém que esteja disposto a contar sua história de vida, como foi o caso desta pesquisa. Considerando a delicadeza em falar sobre o tema e da dificuldade em encontrar pessoas dispostas a contarem sobre suas experiências de vida, já indica o tabu sobre o assunto em nossa sociedade.

Apesar disso, o número de entrevistados não interferiu na qualidade da pesquisa, pois as falas apresentam ricas informações que contribuíram significativamente para este estudo, como as relações estabelecidas com outras pessoas, com a família, escola, igreja. Os sentimentos e pensamentos permeados ao longo da infância, da adolescência e do momento

atual, entre outros fatos relatados e que foram essenciais para compreendermos as experiências dos jovens e o que os leva ou não a situações de risco na sociedade contemporânea.

O ato de entrevistar, para mim, foi desafiador e gratificante ao mesmo tempo. A necessidade de seguir um caminho (roteiro), saber ouvir o entrevistado, saber o momento de intervir e como reagir aos relatos me mostrou que preparar-se para este trabalho é fundamental. Me senti grata por poder ouvir as experiências de vida dos entrevistados e de compreender, mesmo que brevemente, os sentimentos expressos nas falas das jovens. Ao longo das falas as entrevistadas emocionam-se ao falar sobre algumas experiências, choram e também riem, relembrando momentos marcantes da infância e da adolescência.

No primeiro capítulo pretendo desenvolver uma análise sobre a modernidade e suas características em diferentes tempos, trazendo brevemente características do século XIX por Durkheim a partir da divisão social do trabalho, dos laços coletivos e individuais e o suicídio como um fato social na modernidade. Abordarei o século XXI por meio da análise de Giddens, Bauman e outros autores quanto às influências globalizantes e solidez das relações na modernidade. O individualismo e os riscos da exacerbação do individualismo para os jovens são características importantes nesta análise, considerando sua influência na construção da autoidentidade, que é fenômeno da modernidade tardia e conceito fundamental para entender o fenômeno do suicídio entre os jovens, além da fragilidade dos laços coletivos com outros indivíduos e com as instituições.

Proponho explorar sobre o processo de transição etária nas sociedades tradicionais e nas sociedades modernas, elencando suas distinções e as influências da modernidade nesse aspecto. Da mesma forma, abordar a respeito das influências da modernidade no núcleo religioso nas sociedades tradicionais e sociedades modernas, bem como as influências da modernidade na composição das famílias e nas possibilidades de escolhas de estilos de vida familiar, apresentando também, dados relativos aos perfis familiares que apresentam maiores índices de suicídios.

Além disso, serão comparados dados sobre números de casamentos e divórcios entre as famílias na modernidade e a influência desses aspectos na formação das autoidentidades dos jovens e adolescentes. As comparações têm como propósito mostrar ao leitor como as transformações da modernidade e dos aspectos globalizantes têm impactado a dinâmica da sociedade e como essas transformações influenciam as relações e práticas dos indivíduos na

modernidade, principalmente como essas mudanças afetam as experiências dos jovens na sociedade.

O segundo capítulo é relacionado aos meios de comunicação e informação/mídias nas experiências dos jovens e adolescentes na modernidade, voltando-se a temática do suicídio. Abordar sobre os meios de comunicação, seu desenvolvimento e expansão mundial e nacional, a influência das mídias no cotidiano dos indivíduos e sua utilização no país, as influências e os riscos dos meios de comunicação e informação nas experiências dos jovens referindo-se a temática do suicídio, relacionado com o jogo da ‘baleia azul’ e da série ‘13 reasons why’. Além de abordar os diversos debates sobre o suicídio entre jovens e quais as medidas tomadas pelas instituições e profissionais para a redução dos índices de suicídios de jovens. Na abordagem do suicídio como notícia também é proposta uma análise sobre o grau de influência do jogo e da série nas experiências dos adolescentes e jovens.

O terceiro capítulo deste trabalho é a apresentação das histórias de vida de duas jovens que passaram por experiências de ideação e tentativa de suicídio e que superaram essa situação. As histórias de vida, baseadas na metodologia história oral, descrevem as experiências vivenciadas pelas jovens desde a infância até o momento atual e é considerada parte deste trabalho, em que busca-se compreender de que forma as experiências dos jovens podem influenciá-los no risco ao suicídio.

Nas considerações finais proponho amarrar as análises dos itens 1, 2 e 3 com o objetivo de compreender sociologicamente sobre as experiências vivenciadas pelos jovens na modernidade que podem levá-los a cometer suicídio ou ter ideações suicidas, considerando sugestões para a diminuição nos índices de suicídio no mundo.



## 2. MODERNIDADE TARDIA E OS SEUS IMPACTOS NA RELAÇÃO INDIVÍDUO E SOCIEDADE

[...]eu era bem sozinha, até porque minha mãe ficou quatro anos sem saber tudo o que eu fazia. Eu era muito sozinha, em questão de não ter com quem conversar, pra confiar mesmo, então eu me sentia muito sozinha, muito sozinha, e aí vinha aquela tristeza, uns pensamentos muito ... tipo “se está todo mundo incomodado com a tua presença porque tu não se mata logo. (AMANDA - ENTREVISTADA 1, 18 ANOS)

O nosso desafio é relacionar essas características ao tema do suicídio entre jovens e adolescentes na sociedade moderna, a partir de reflexão sobre a modernidade tardia e o fenômeno da autoidentidade na modernidade.

Inclui-se a relação dos jovens com outros indivíduos, com as instituições familiar e religiosa, principalmente, e demais aspectos dinâmicos do cotidiano desses sujeitos, com o propósito de contribuir para o estudo sobre a abordagem social do suicídio entre os jovens.

### 2.1 A EXACERBAÇÃO DO INDIVIDUALISMO NA SOCIEDADE MODERNA E SEUS RISCOS

Refletir sobre as características da modernidade e seus impactos na sociabilidade dos jovens e adolescentes pode contribuir significativamente para compreendermos como a modernidade exerce influência nas experiências dos jovens e sua relação com o suicídio.

Ao analisarmos a modernidade em seus diferentes tempos, compreende-se, com base em Émile Durkheim (2000) que o século XIX é um período de grandes transformações tecnológicas e científicas desde a Revolução Industrial, vindo a modificar os modos de vida dos indivíduos e das instituições, principalmente partindo da sociedade europeia.

No século XXI, as transformações da modernidade são marcadas por diversos aspectos, onde inclui-se a globalização como um marco de grande significado, vindo a alterar significativamente o cotidiano dos indivíduos, afetando por exemplo, a dimensão entre tempo e espaço(encurtando distâncias), as opções por estilos de vida são mais diversificadas, tecnologias cada vez mais avançadas, as especializações nas mais diversas áreas profissionais entre outros aspectos modificam as formas de vida dos indivíduos, questões que são abordadas por autores contemporâneos.

Apesar das diferenças entre os períodos, é possível destacar o individualismo como uma característica marcante da modernidade já no contexto do século XIX. Durkheim (2000)

que dialoga sobre as instituições integradoras neste período, menciona sobre o individualismo como característica marcante na sociedade.

A sociedade moderna do século XXI também é caracterizada pela exacerbação do individualismo, além de outras características da própria modernidade tardia ou pós modernidade, e que são abordadas pelos autores contemporâneos Anthony Giddens (2002) e Zygmunt Bauman (2001). Os autores direcionam seus estudos sobre a dinâmica da sociedade contemporânea, suas características e impactos nas formas de interação social nos dias atuais.

Aspectos relacionados à exacerbação do individualismo moderno com as experiências cotidianas dos jovens contribui de forma significativa para a compreensão dos riscos do suicídio entre esses sujeitos, em razão do modo como essa característica moderna afeta a construção da autoidentidade dos jovens e adolescentes na contemporaneidade.

O individualismo, que é característico das sociedades modernas, provoca nos jovens sentimentos<sup>5</sup> de solidão, de isolamento, de ansiedades, falta de confiança e outros aspectos que podem desencadear em ideações e atos de suicídio, como se percebe através dos dados sobre suicídios<sup>6</sup>, que são cada vez mais crescentes nas sociedades.

Na sequência, o desafio é de expor as relações entre o individualismo e o suicídio na modernidade, bem como as tipologias do suicídio segundo suas causas, dando ênfase para o suicídio egoísta<sup>7</sup> que, a princípio, têm suas características mais fortemente ligadas às experiências de suicídio entre jovens, com uma menor integração destes sujeitos à sociedade.

Ao dialogarmos sobre o individualismo na sociedade contemporânea é necessário, primeiramente, apresentar de forma breve de quais aspectos resulta o individualismo, refletindo, nesse sentido, sobre a divisão do trabalho na modernidade a partir de “*Da divisão do Trabalho Social*” de Durkheim (2010). O autor propõe uma discussão sobre a divisão do trabalho social, considerando como um fenômeno que se generaliza nas sociedades modernas. Também aborda sobre a interação social entre os indivíduos no meio social, considerando que

---

<sup>5</sup> Os sentimentos experienciados pelos jovens e abordados aqui brevemente serão mais especificados ao longo deste trabalho não cabendo, neste momento, o aprofundamento sobre seus aspectos.

<sup>6</sup> Refere-se aos dados sobre os suicídios que foram apresentados na introdução. Também no decorrer do item serão mencionadas notícias sobre suicídios entre jovens, agregando à pesquisas.

<sup>7</sup> A ideia aqui é expor os aspectos individualistas da sociedade. Compreende-se que o suicídio consiste em fenômeno individual e que responde às causas sociais, e neste caso, pensa-se o suicídio egoísta como característica predominante entre os jovens devido a fraca integração social destes com a sociedade.

a sociedade e a própria coesão social está relacionada ao nível de consenso estabelecido entre os indivíduos, chamando de solidariedade.

Distingue a solidariedade mecânica de solidariedade orgânica, em que a primeira se refere a uma condição de alto grau de consciência coletiva:

O conjunto das crenças e dos sentimentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade forma um sistema determinado que tem vida própria; podemos chamá-lo de consciência coletiva ou comum. (DURKHEIM, 2010, p.50).

Predominante em sociedades tradicionais, a solidariedade mecânica, que possui insignificante divisão do social do trabalho, independe das vontades individuais, ou condições particulares dos indivíduos. Ela possui uma condição única e não se altera de gerações à gerações, mas sim, liga umas às outras. Neste tipo de sociedade as consciências coletivas e individuais dos sujeitos são similares e com caráter definido, existem sentimentos comuns, ou seja, a consciência coletiva exerce uma força que se sobrepõe a consciência individual, fazendo com que as pessoas ajam de acordo com grupo em que está inserido.

Ao passo que a solidariedade orgânica possui característica predominante nas sociedades contemporâneas, pois a medida que a evolução social avança os indivíduos tendem a possuir uma maior facilidade para seguir um sentido próprio, pois a solidariedade está enfraquecida. Há, nesse sentido, uma maior autonomia das consciências individuais, pois a sociedade é caracterizada por uma maior individualização.

Além disso na sociedade moderna, as crenças e práticas são menos definidas, abrindo espaço para as divergências entre os indivíduos, ou seja, “[...]quanto mais as regras de conduta e as regras do pensamento são gerais e indeterminadas, mais a reflexão individual deve intervir para aplicá-las aos casos particulares” (DURKHEIM, 2010, p.133).

Ao falarmos sobre consciência é necessário compreendermos que para o autor há uma dualidade de consciência: a consciência individual em que cada sujeito define suas condutas de acordo com seu próprio interesse, e a consciência coletiva, em que suas vontades são comuns a toda a sociedade.

Há em nós duas consciências: uma contém apenas estados que são pessoais a cada um de nós e nos caracterizam, ao passo que os estados que a outra compreende são comuns a toda a sociedade. A primeira representa apenas nossa personalidade individual e a constitui; a segunda representa o tipo coletivo (DURKHEIM, 2010, p.79).

Nesse sentido, nas sociedades mecânicas a consciência coletiva ultrapassa a consciência individual, e nas sociedades orgânicas ocorre o inverso, consciência individual predomina sobre a consciência coletiva devido ao enfraquecimento dos estados de consciência, com a diminuição da regulação das relações entre os indivíduos pelas obrigações instituídas pelo direito penal. É importante frisar que os laços sociais e a moralidade social entre os indivíduos não se findaram, apenas alterou seu perfil, considera que ainda há dependência entre os indivíduos devido a especialização de funções, pois a divisão social do trabalho é decorrente das gradativas mudanças no meio social, como o desenvolvimento tecnológico e científico, incluindo os meios de comunicação, o crescimento demográfico, aumento da mão-de-obra entre outros aspectos (DURKHEIM, 2010).

Isso não quer dizer, de resto, que a consciência comum esteja ameaçada de desaparecer totalmente. Mas ela consiste cada vez mais em maneiras de pensar e de sentir muito gerais e indeterminadas, que deixam o espaço livre para uma multidão crescente de dissidências individuais (DURKHEIM, 2010, p.155).

De acordo com o autor, no contexto da modernidade, os indivíduos possuem condições de vida que se diferem, pois os pensamentos e sentimentos dos indivíduos são diferentes, a consciência coletiva não é determinada e não influencia nas ações com a mesma intensidade que nas sociedades tradicionais, resultando em individualidades mais intensas. Ora, quanto mais desenvolvida a divisão do trabalho, mais fortalecida a consciência individual e mais enfraquecida a consciência coletiva.

As transformações da modernidade contribuíram para a uma ruptura dos laços sociais entre os indivíduos, mesmo que não completamente, pois ainda permanecem por meio de instituições, como a igreja por exemplo, laços considerados de consciência coletiva, como veremos adiante.

Durkheim, no estudo de *O Suicídio*, indica a partir de estudos empíricos que o fenômeno do suicídio egoísta, neste caso estudado, é considerado uma manifestação clara de ruptura dos laços sociais entre os indivíduos, buscando demonstrar que sobre o ato suicida há uma determinação externa a caracterizando-o como fato social.

De acordo com o autor, apenas a sociedade em seu conjunto ou por intermediação dos órgãos ou instituições têm condições de desempenhar um papel que modere as ações dos indivíduos, limitando seus desejos. A sociedade “[...] é o único poder moral superior ao indivíduo, e cuja superioridade este último aceita. Só ela tem a autoridade necessária para

dizer o direito e para marcar o ponto além do qual não devem ir às paixões.” (DURKHEIM, 2000, p.315)

O autor refere-se a uma sociedade caracterizada pelo controle social das vontades individuais, onde o meio social exerce um poder sobre as ações, sentimentos e pensamentos dos indivíduos. Ao romper com as ordens pré-estabelecidas pelo grupo o indivíduo estará se desintegrando do meio social.

Propõe em seu livro *O suicídio* expor as tipologias do suicídio de acordo com suas causas, distinguindo-os em três tipos: o suicídio egoísta, o suicídio altruísta e o suicídio anômico. O suicídio egoísta, que será priorizado neste estudo, se apresenta pelo caráter de isolamento social do indivíduo na sociedade moderna, e que condiciona a uma individuação exagerada em relação ao meio social.

É a sociedade moderna e seus aspectos que promovem nos indivíduos os desejos, os sentimentos, moldando-os de acordo com seu próprio caráter, e quando há uma ausência da coesão coletiva tem-se o suicídio egoísta. Por esse ângulo, “[...]o estado em que o eu individual se afirma excessivamente diante do eu social e às expensas deste último, poderemos dar o nome de egoísta ao tipo particular de suicídio que resulta de uma individuação descomedida” (DURKHEIM, 2000, pp. 258-259).

A ação desagregadora da sociedade resulta nesse desprendimento dos indivíduos com o grupo, gerando: afrouxamento dos vínculos sociais, isolamentos, tristeza, depressão devido ao desencantamento destes com o estado em que se encontra a sociedade. O suicídio egoísta manifesta-se em indivíduos que possuem fracos laços com a sociedade, ou seja, estão demasiadamente voltados para si mesmo e não para o conjunto social.

Ao direcionar essa análise para a questão dos jovens e suas experiências cotidianas, é possível refletirmos acerca desses aspectos presentes nas vivências dos adolescentes e jovens no meio social na sociedade contemporânea do século XXI. Jovens que em suas experiências cotidianas vivenciam situações de violências domésticas e escolares, separação dos pais, a carência de atenção, afeto e proteção familiar e outras experiências. Aspectos como os citados são mencionados nos relatos de experiências das minhas entrevistadas, que passaram por situações de ideações e tentativas de suicídio.

A partir dos relatos é possível notar que a família, a vizinhança, a escola e outros espaços de socialização não garantem o sentimento de vínculo coletivo. Os sentimentos de

insegurança, de solidão, de tristeza tomavam espaço nas experiências vividas pelas entrevistadas, a ponto de tornarem-se depressivas e acabarem com o sofrimento, através de automutilação e tentativas de suicídio, na tentativa de “fuga”, por não encontrar um sentido no meio em que estavam inseridas. Ou seja, essas experiências são características do afrouxamento dos laços sociais, em que o estado individual sobrepõe ao coletivo, resultando em isolamento do jovem.

Para Durkheim (2000) a individuação, que é uma característica da modernidade, relaciona-se diretamente com o suicídio egoísta, que se caracteriza por um estado de melancolia e isolamento e outros fatores que impactam na sociabilidade do indivíduo, em um espaço onde a integração está enfraquecida, refletindo no indivíduo em frustração com a falta de amparo da sociedade em que está inserido, ou mais especificamente, do grupo social a que pertence.

Essa concepção de sociedade individualista descrita pelo autor correlaciona-se com as ideias defendidas por Giddens (2002) em sua obra “Modernidade e Identidade” quanto aos aspectos do individualismo exacerbado das sociedades modernas. Diferentemente das sociedades pré-modernas ou tradicionais, em que a coletividade prevalece sobre os indivíduos.

Para o autor, nas sociedades pré-modernas, o modo de vida dos indivíduos ou grupos sociais são influenciados pelo passado (gerações passadas) no qual a tradição une os indivíduos envolvendo um controle demasiado do tempo e de suas ações; o coletivo se sobrepõe ao individual em razão de elos comunitários, desempenhando uma ordem social. A religião, a família, os costumes passados entre gerações une a comunidade com os mesmos propósitos e crenças.

As condições de globalização alteram a própria dinâmica da modernidade, com a separação entre espaço e tempo, a reapropriação de especialidades com a divisão social do trabalho, as tecnologias, etc.

A modernidade, pode-se dizer, rompe o referencial protetor da pequena comunidade e da tradição, substituindo-se por organizações muito maiores e impessoais. O indivíduo se sente privado e só num mundo em que lhe falta o apoio psicológico e o sentido de segurança oferecido em ambientes mais tradicionais (GIDDENS, 2002, p. 38).

Na modernidade tardia, o indivíduo passa a ser influenciado pela globalização, mas ao mesmo tempo, se sente-se incapaz de controlar essas influências, gerando uma falta de sentido

peçoal, um isolamento existencial, e possíveis problemas psíquicos. “A modernidade deve ser entendida num nível institucional; mas as transformações introduzidas pelas instituições modernas se entrelaçam de maneira direta com a vida individual, e, portanto, com o eu” (GIDDENS, 2002, p.9).

Pode-se perceber as influências da globalização como um fenômeno que é tanto político, quanto social, econômico e tecnológico e que afeta os diferentes grupos sociais no mundo, influenciando nas formas de comunicação, no núcleo das famílias, de gênero, transformações das culturas. Ressaltando que para o autor os meios de comunicação potencializam essas transformações para todos os espaços do mundo.

Uso como exemplo de influência a intensificação das relações no que se refere a um âmbito global. Os jovens se interconectam com os outros indivíduos e grupos em diversos espaços do mundo através dos meios tecnológicos, resultados dessas transformações globais, e se torna uma ferramenta de uso constante dos jovens ligados a outras realidades, como por exemplo, tendo acesso às informações do mundo todo por meios da internet, a comunicação mediada pelas ferramentas de comunicação, muito mais do que face a face, fazendo amizades virtuais de longa distância muito mais do que locais, transformando a forma de interação com a sociedade.

Outro exemplo que posso citar, é a das transformações no núcleo familiar e religioso considerando as experiências das entrevistadas. Ambas possuem uma composição familiar não- tradicional, cresceram em família monoparental. A religião possui uma característica pouco consistente sobre seu significado/sentido em alguns episódios vivenciados pelas jovens. Portanto, percebe-se que há, de fato, uma alteração na forma com se constituem os aspectos na modernidade, considerando que a globalização tenha influência sobre os modos de vida dos indivíduos.

Possibilitada pelo fenômeno da globalização, a sociedade moderna é propensa a mudanças constantes. Os jovens e adolescentes são livres para escolher o caminho que desejam seguir, escolher estilo de vida de acordo com suas vontades, através também de maior possibilidade de comunicação com outros indivíduos, especialidades, etc.

No entanto, essas possibilidades e liberdades podem gerar nos jovens: inseguranças, medos, ansiedades nas situações que vivenciam, pois não garantem segurança, certezas, considerando que o processo de individualização, característico da sociedade moderna tem se

intensificado. A dimensão dos sentimentos manifestados pelos jovens na sociedade moderna pode ser compreendida se comparado às experiências nas sociedades tradicionais, caracterizadas por um sentimento de maior segurança.

## 2.2 MUDANÇA E TRANSIÇÃO EM SOCIEDADES TRADICIONAIS E SOCIEDADES MODERNAS

As passagens de uma fase da vida a outra, quando falamos em categorias como: infância, adolescência, juventude, adulto, ou idoso requer atenção principalmente quando nos referimos a contextos sociais e culturais em diferentes períodos da história. É possível realizar um paralelo entre as sociedades tradicionais e modernas quando falamos desses processos. Consideramos alguns autores que propõem o estudo desses ciclos de vida social fazendo brevemente um paralelo entre sociedades modernas e tradicionais. Trago o tema transição nas sociedades tradicionais para evidenciar a singularidade dessas transições nas sociedades de modernidade tardia, caracterizada pela ausência de marcos previamente definidos e definitivos.

Para o antropólogo Van Gennep (2013) “a vida individual, qualquer que seja o tipo de sociedade, consiste em passar sucessivamente de uma idade a outra e de uma ocupação a outra.” (GENNEP, 2013, p.24). E essa passagem de uma etapa a outra está relacionada com o meio social (contexto) em que o indivíduo está inserido.

As sociedades tradicionais ou pré-modernas possuem contornos mais definidos, com uma maior separação dos papéis, da passagem de uma posição a outra, da separação das idades, das situações que envolvem um padrão imposto pela própria sociedade em questão. Essas transições geralmente são acompanhadas por atos especiais que, em sociedades pré-modernas são chamados de cerimônia. São atos sagrados com sentido religioso. (GENNEP, 2013).

Além disso, o antropólogo francês, que é conhecido por suas descobertas e estudos sobre ritos de passagem, aponta que o próprio fato de viver sujeita o indivíduo a passagens de uma situação social a outra, fazendo com que a vida individual seja uma constante sucessão de etapas. Essas passagens possuem um sentido ritualístico mais evidente nas sociedades tradicionais.



No intuito de ampliar o entendimento do modo como a transição da adolescência para a fase adulta têm suas práticas com contornos bem definidos nas sociedades pré-modernas, pegamos como exemplo o estudo do antropólogo Evans- Pritchard (2002). O autor analisa uma tribo Nuer<sup>8</sup> que vive no sul do Sudão, nordeste da África, descrevendo as práticas desenvolvidas por este povo nômade, que possui um modo de vida patriarcal e que vive em função da cultura do gado.

Entre esse grupo, as mulheres e crianças tem uma posição inferior à dos homens. As meninas cumprem suas tarefas nos estábulos ordenhando as vacas, são chamadas leiteiras, e os homens cuidam do gado, pastoreando bezerros no pasto.

O estudo do autor permite exemplificar a respeito dos adolescentes que passam para a fase adulta por meio de um ritual de iniciação, chamado de cerimônia. Todos os meninos da tribo passam por um ritual de iniciação da adolescência para a idade adulta, o cerimonial de iniciação é complexo e o sistema etário tem uma grande importância social entre a tribo. Os meninos são iniciados normalmente na idade de 14 a 16 anos, devem obter o consentimento do pai para as atividades realizadas e geralmente de 4 a 12 rapazes submetem-se juntos ao rito, que pode ocorrer em qualquer estação do ano, mas geralmente ocorre na estação das chuvas, pois é mais fácil cuidá-los quando são em grupos.

Após a operação, os rapazes vivem em isolamento parcial e estão sujeitos a operações árduas como: a testa é cortada até o osso com uma faca, sendo seis cortes compridos de orelha a orelha, onde as cicatrizes permanecem até o fim das suas vidas. Todos os rapazes iniciados dentro de um determinado número de anos sucessivos pertencem a um único conjunto etário. A vida dos meninos depois da passagem da adolescência para a idade adulta se modifica rápida e acentuadamente de condição, seus deveres domésticos são alterados e a nova condição é ligada à ordenha do gado pelo resto das suas vidas, considerando que nessa passagem cada filho casa e recebe vacas do rebanho para cuidar, além de envolver outras tarefas domésticas, hábitos de comer, etc. Nessa passagem para a idade adulta o jovem recebe do pai ou do tio uma lança, tornando-se um guerreiro, também ganha um boi e se torna um homem do rebanho.

Ressaltando que, no interior da tribo, a posição de cada indivíduo do grupo é definida em relação a todos os outros e a condição é de mais velho, igual ou mais jovem. Compreende-se que nessa sociedade, cada indivíduo deve cumprir à risca os atos e as normas do grupo e os

---

<sup>8</sup> Consiste em um grupo de povos africanos que habitam o vale do Rio Nilo e vivem do gado, sendo esse grupo nilota estudado pelo antropólogo Evans Pritchard (2002)

comportamentos determinados pela posição de cada indivíduo no interior da organização tribal. Além disso, o sistema grupal dos Nuer é caracterizado por um alto grau de coletividade, e nos rituais de iniciação são fixadas idades, divisões de tarefas, o tempo/espaço entre outras normas. (EVANS-PRITCHARD, 2002).

Compreende-se que na modernidade o processo de transição de uma fase à outra e/ou de uma ocupação à outra, segue caminhos distintos das transições nas sociedades tradicionais ou pré-modernas, justamente pela sociedade moderna apresentar uma organização social, costumes, estilos de vida diferentes.

As atividades ritualísticas que marcam as transições da vida, por exemplo o nascimento, a adolescência, casamento e morte, têm declinado nos contextos sociais modernos (GIDDENS, 2002, p.138).

Para o autor, as sociedades modernas, que são marcadas por uma pluralização de escolhas e de estilos de vida, com uma maior fragilidade dos laços coletivos, possibilitam aos indivíduos escolherem entre diversos estilos de vida, formas de agir, como e quando querem seguir determinada escolha, o que caracteriza uma menor nitidez da separação das fases da vida e do período de transição, ou seja, não se tem uma definição clara.

Por exemplo, a indefinição de períodos/fase em que os indivíduos transitam da infância para a adolescência, da adolescência/juventude para a fase adulta tem muito a ver com o contexto em que estão inseridos, ou seja, não há uma idade exata para que essas passagens ocorram. Considera-se aqui o caso das entrevistadas que tiveram a percepção dessa passagem de uma fase e ocupação a outra em períodos distintos:

Eu acho que por eu ter me envolvido muito cedo com drogas, eu amadureci muito rápido, quando menos eu percebi. [...] Como eu tinha que pensar rápido nas coisas eu era muito desconfiada, eu amadureci muito rápido, não tive algo muito significativo, mas acho que basicamente foi isso, quando eu percebi eu tava crescida[riso]. (ENTREVISTADA 1, FEMININO, 18 ANOS)

As experiências das jovens entrevistadas contribuem para compreendermos que a sociedade, marcada pelo individualismo, não define nitidamente a sucessão de etapas e de ocupações na sociedade e que não há um período específico para as transições etárias e ocupacionais:

Eu acho que você tem que ir no seu tempo, cada um corre o seu próprio horário, seu próprio tempo. Às vezes pra você com vinte e cinco ter uma empresa está ótimo, talvez eu com cinquenta anos esteja trabalhando de empregada de alguém, seja meu tempo, ou uma pessoa com cinquenta anos fazendo faculdade, ou uma pessoa com vinte e três que parou os estudos no ensino médio. Cada um percorre o próprio

tempo, cada um tem um tempo para suas próprias coisas. (ENTREVISTADA 1, FEMININO, 18 ANOS)

O relato nos indica que a sociedade moderna é caracterizada por contornos próprios, as escolhas e momentos são definidos pelo próprio indivíduo em razão de contextos e experiências específicas. A passagem da infância para adolescência/juventude das entrevistadas ocorre a partir dos 10 anos para uma, e dos 14 anos para a outra entrevistada. Para as jovens, o amadurecimento foi influenciado pelas experiências de vida, pela necessidade de responsabilidades desde a infância, pelas tarefas domésticas quando comparadas aos amigos/colegas/vizinhos, pela necessidade de atenção e carinho da família (que não ocorria), por maior parte do tempo ter que substituir as brincadeiras por tarefas domésticas, pelos problemas financeiros enfrentados pela família, por não ter amigos em quem confiar, entre outros aspectos que contribuíram para a transição etária e ocupações:

[...]eu amadureci muito cedo, eu tinha doze anos eu já estava com o pensamento lá de.... Imagina, eu já estava cobrando do meu pai quando eu tinha doze anos. Quando eu tinha dezessete anos me falaram que eu tinha um amadurecimento além da idade que eu tinha, acho que por ver a minha mãe sofrer tanto. (ENTREVISTADA 2, FEMININO, 27 ANOS)

Para a primeira entrevistada, o que mais mudou da infância para a adolescência foi a consciência, o nível de responsabilidade pelos atos, os objetivos de vida mais definidos. Para outra jovem, é perceptível nas falas que, desde a infância, havia a necessidade de se responsabilizar pelos afazeres domésticos, pelo cuidado dos irmãos, pelos poucos momentos de lazer, pelas dificuldades enfrentadas pela família e por isso na transição da infância para a adolescência ressalta com maior atenção às mudanças biológicas.

Têm-se a impressão de que nas sociedades modernas o processo de transição é, de certo modo, flexível. A infância, adolescência e juventude, fase adulta são condições que podem se confundir quanto às práticas, observando-se que a passagem de uma fase à outra não é muito evidente. Neste caso, pouco se considera a institucionalização dessas passagens impostas pelas legislações e que também podem ser violadas pela própria sociedade quando exige o que se deve fazer, o que não pode, etc.

A individualização da sociedade nos indica que essas sucessões de passagens ora podem ser mais breves, ora estendem-se, podendo inclusive dar um sentido de ambiguidade, quando se vivenciam experiências ora que remontam à infância, e em outros momentos a juventude ou fase adulta.

## 2.3 CONTEXTO DOS JOVENS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA

O contexto da juventude na modernidade é tema de debate nos mais diversos espaços, tanto em meio acadêmicos, em movimentos sociais, políticas públicas etc. No ano de 2004, um programa do Governo Federal, intitulado “Projeto Juventude” era dedicado em pesquisar, discutir e dar visibilidade sobre a questão da juventude brasileira contemporânea, buscando com isso construir políticas públicas voltadas a este público.

O estudo enfatiza que entre 2003 e 2004 a população jovem consistia em 34 milhões de indivíduos, cerca de 20% da população brasileira. Ainda, de acordo com o IBGE<sup>9</sup> os jovens de 10 a 14 anos somam 21,76% da população nacional em 2018. E a estimativa do IBGE (2018) é que em 2030 a população jovem passe por um processo de desaceleração, representando 17,59% da população.

De acordo com o “Projeto Juventude” no contexto moderno a condição juvenil está relacionada ao fato de os indivíduos viverem um período específico do ciclo de vida em determinado contexto histórico e cultural. Um período em que a formação física, intelectual, social, psíquica e cultural está se completando, além de um processo de passagem da dependência familiar para a autonomia individual. “Trata-se, portanto, de uma fase marcada centralmente por processos de desenvolvimento, inserção social e definição de identidades, o que exige experimentação intensa em diferentes esferas da vida.” (PROJETO JUVENTUDE, 2004, p.10)

Além do mais, o projeto afirma que na modernidade o período da juventude se alongou, tornando-se mais complexa, trazendo novas questões para a sociedade, e que os jovens estão inseridos em um contexto social de múltiplas condições que demandam suporte adequado na construção da sua autoidentidade e inserção no meio social.

Efetivamente, é possível ressaltar que “A juventude vive, hoje, [...]possibilidades ampliadas no que diz respeito à liberdade de escolhas e práticas comportamentais, potencializando os processos de experimentação e definições próprios dessa idade. ” (PROJETO JUVENTUDE, 2004, p.11)

Na sociedade contemporânea, como é mencionado acima, não se tem uma definição específica de passagens da adolescência para a fase adulta, pois as ampliações de possibilidades e de estilos de vida permitem uma maior experimentação das experiências, sem

---

<sup>9</sup> IBGE. Projeção da População do Brasil e das Unidades da Federação. Disponível em:<<https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>> Acesso: 13/06/2018

período específico para uma escolha ou realização de determinado ato, como nas sociedades pré-modernas.

Apesar desses aspectos evidenciados na sociedade moderna serem positivos no processo de transição da adolescência para a fase adulta, em que permitem aos jovens vivenciarem novas e diferentes experiências, há a possibilidade de depararem com dificuldades de se inserir no meio social ou de formar laços com outros indivíduos, em razão da exacerbação do individualismo, onde se estabelece uma real dificuldade destes atores lidar com a dinâmica social estabelecida.

A independência financeira, a saída da casa da família de origem, iniciar em um novo emprego, as relações afetivas, os estudos, entre outros aspectos podem ser considerados indefinidos para os jovens e adolescentes na modernidade.

Apesar da pluralidade de escolhas, possibilidades e estilos de vida, características da sociedade moderna conforme as análises de Giddens (2002), essas características podem se apresentar aos próprios jovens como incertezas.

Não há garantias de que essas possibilidades lhes proporcionarão satisfação, felicidade, ou que a escolha será duradoura, a ponto de se sentirem seguros. As incertezas são ainda maiores por estarem em um processo de transição para a vida adulta, que atinge seus corpos biológicos e os papéis que devem assumir.

As dificuldades de lidar com esses novos horizontes podem desencadear angústias, medo, insegurança, e outros sentimentos ou emoções, que podem afetar a forma como respondem a essas situações.

O sociólogo polonês crítico da sociedade contemporânea, Zygmunt Bauman (2001) dedicou-se em explicar a forma como se organizam as relações sociais na contemporaneidade. Utiliza o termo “modernidade líquida”, “fluída” e “leve” para diferenciar a dinâmica imediata da sociedade moderna em comparação com a sociedade “sólida” pré-moderna. Se propõe a analisar as mudanças na sociedade moderna contemporânea.

Conforme o autor, a dinâmica da pós- modernidade se apresenta como característica o imediatismo. Uma sociedade que é considerada “fluída”, por não se fixar no espaço e nem prender no tempo, possui maior propensão/facilidade de mudar, de se transformar.

Essas são as razões para considerar “fluidez” ou “liquidez” como metáforas adequadas quando queremos captar a natureza da presente fase, *nova* de muitas maneiras, na história da modernidade” (BAUMAN, 2001, p.9).

A forma como o autor se posiciona sobre o tema da modernidade nos ajuda na compreensão relacionada ao excesso de “individualização” presente na sociedade atual, em que há opções além do contato face a face, com aumento de contato mediado por meio dos espaços virtuais, o que contribui para a fluidez dos laços entre estranhos<sup>10</sup> com maiores formações de amizades mediadas. Escolher o que é melhor para si, em um ambiente plural de oportunidades e possibilidades é conveniente, porém, pode gerar insegurança no indivíduo que em meio a tantas opções, não vê certezas.

“A “individualização” consiste em transformar a “identidade” humana de um “dado” em uma “tarefa” e encarregar os atores da responsabilidade de realizar essa tarefa e das consequências de sua realização. ” (BAUMAN, 2001, p.40). Há, nesse sentido, uma autonomia individual que torna os sujeitos responsáveis por construírem a própria identidade, que não garante, necessariamente, a autonomia de fato com relação às suas escolhas, conforme o autor.

Para o autor, a fluidez desses laços se apresenta como uma dificuldade de encontrar relações sólidas, que possam ser sinônimos de confiança. O contato face a face implica em conexões corpo a corpo, “olho no olho” e dificuldade em romper com essa relação, exigindo uma necessidade de justificar-se, de desculpar-se com o outro, além de elaborar motivos para o rompimento desse vínculo, as quais geralmente é permeado por um impacto.

Essa dificuldade ou incapacidade de interagir com a diferença, se dá também no enfrentamento da pluralidade ou diversidade, ou seja, o indivíduo busca dispensar a interação com àqueles que são diferentes nos diversos aspectos. Lida melhor com o semelhante, pois quanto maior a diferença, menos esse indivíduo irá sentir-se à vontade, fator que contribui para o excesso de individualismo na modernidade.

Mesmo que a interação face a face e interação mediada possuam características distintas, quanto a relação estabelecida entre os indivíduos, isso não quer dizer que em uma haja fluidez dos laços, nas relações mediadas, e não haja nas relações face a face. As duas formas de mediação podem estar diretamente relacionadas com a fluidez dos laços entre os indivíduos na modernidade.

---

<sup>10</sup> A estranho refere-se a pessoas que não se conhece, ou indivíduo não está familiarizado

Os estudos de Bauman nos permitem perceber a fragilidade dos laços sociais na sociedade contemporânea mediante o fato de que a falta de confiança, a insegurança e as ansiedades se expandem mais fortemente nas sociedades modernas em razão da alteração no modelo de contato.

## 2.4 O PAPEL DAS INSTITUIÇÕES NA MODERNIDADE

Abordar socialmente o suicídio a partir da relação entre os indivíduos na modernidade, além das características da sociedade e seus impactos sobre as experiências dos jovens nos desafia a ter uma visão e análise abrangentes sobre a modernidade.

E isso inclui a abordagem das instituições como parte importante deste estudo. As instituições se referem organizações ou estruturas que desempenham o papel de ordem social e de integração social entre os sujeitos. Como por exemplo, o sistema religioso, o familiar e o escolar, que exercem importância significativa na sociedade moderna, além do nível de influência que as instituições produzem nas experiências dos indivíduos, sobretudo nas experiências dos jovens.

Consideremos, a princípio, que as instituições representam um papel integrador no meio social e exercem influência positiva na diminuição nos índices de suicídio. (DURKHEIM, 2000). Dando sequência, é necessário analisar o papel desempenhado por algumas instituições na sociedade, como a religião e a família.

Uma das semelhanças entre as religiões, como indica Durkheim (2000) em seus estudos empíricos, é a proibição ao ato do suicídio, com imposições morais aplicadas pelas religiões que possuem um caráter cristão.

O aspecto de maior significância entre os sistemas religiosos é a intensidade ou fraqueza integradora, com relação aos princípios, baseados em uma única maneira de pensar e agir, aproximando ou distanciando as vontades individuais (DURKHEIM, 2000).

Para o autor, o sistema religioso fortemente integrado impõe o mesmo dogma/crença de uma ordem tradicional, onde os indivíduos absorvem a crença ou imposição moral de forma inquestionável, não havendo lugar para mudanças ou liberdade de pensamento. Já os sistemas menos fortemente integrados estão dispostos a estabelecer uma maior autonomia das consciências individuais. Quando há uma menor adesão e enfraquecimento da conexão do

indivíduo com a religião, os fiéis estão dispostos a se instruírem, pois sentem-se necessitados a isso devido a desorganização em que a religião se apresenta.

Com essas análises, o autor enfatiza que as religiões não exercem influências benéficas pelas próprias concepções religiosas que geram, mas por constituírem-se como uma sociedade. “O que constitui essa sociedade é a existência de um certo número de crenças e de práticas, tradicionais e, por conseguinte obrigatórias, comuns a todos os fiéis ” (DURKHEIM, 2000, p.203).

A pluralização e a fragmentação das religiões podem caracterizar uma fragilidade desse sistema integrador nas sociedades modernas. O pluralismo pode surgir como uma ameaça às identidades religiosas, na medida em que este significa uma perda do controle sobre os sentidos e os bens simbólicos que são produzidos no interior destas instituições” (STEIL, 2001).

O próprio conceito de pluralidade religiosa está diretamente relacionado com a modernidade, originado da ruptura com um monopólio religioso, através do avanço da modernidade e o rompimento da relação entre Estado e Religião, entre outros fatores (STEIL, 2001).

Como a modernidade compreende uma pluralidade de religiões e interpretações de mundo, essa pluralização das religiões está ligada muito mais a uma condição estrutural das religiões, no sentido de que se tenha espaço para diferentes grupos religiosos, com culturas distintas, muito antes do que um regresso dessas instituições na modernidade, ou seja, de voltar a um passado religioso. Ressaltando que, em sociedades modernas, organizadas por instâncias seculares que são autônomas, como o Estado e o Mercado, os indivíduos podem cultivar uma diversidade de deuses, assim essas sociedades abrigam inúmeras religiões (STEIL,2001).

Além disso, para o autor, o processo de globalização produziu uma mercantilização do campo religioso, opondo-se à visão tradicional. A modernidade desfruta da ideia de mercado e de consumo como predominantes, permitindo as escolhas religiosas aos indivíduos. “É o indivíduo, em sua liberdade, que opta frente a uma imensa variedade de alternativas religiosas que se apresentam” (STEIL, 2001, p.120).

Dessa forma, a pluralidade de escolhas permite ao indivíduo acreditar e seguir determinada religião ou também desacreditar. Permite que o indivíduo possa mudar sua



religião, ou seguir várias religiões ao mesmo tempo, de acordo com as preferências individuais.

Para Giddens (2002), a religião torna-se mais uma opção dos indivíduos que desejam mudanças, novos olhares, uma requalificação de suas condutas futuras, podendo refazer o projeto reflexivo, ou seja, representando a possibilidade de reinvenção da sua identidade.

Pressupõe-se que os indivíduos que optam por frequentar e acreditar em alguma religião, partilham crença do suicídio como inaceitável. Além de haver a proibição do suicídio, há a imposição de penas morais severas, ensinando que depois da vida na terra inicia-se uma nova vida e que os homens serão punidos pelas más ações (DURKHEIM, 2000).

Assim como a instituição religiosa, a instituição familiar está relacionada com nível de consenso (integração) entre os indivíduos na sociedade, ou seja, a forma como o meio social exerce influência sobre as formas de pensar, agir, sentir, acreditar dos sujeitos. Quando a sociedade é fortemente integrada, os indivíduos permanecem sob sua dependência. Neste caso, “o suicídio varia na razão inversa do grau de integração dos grupos sociais de que o indivíduo faz parte” (DURKHEIM, 2000, p.258). Considera-se que quanto maior o grau de integração dos grupos, menor é a possibilidade de suicídio do indivíduo.

Nos termos do autor, no momento em que o indivíduo se nega em aceitar o controle da sociedade, o indivíduo não depende mais do grupo social, mais depende de si próprio, não reconhecendo as regras impostas pelo grupo, a sociedade enfraquece. Por isso, o autor considera como egoísmo o ato individual excessivo diante do eu social (DURKHEIM, 2000).

Nos dados trabalhados por Durkheim, a taxa de suicídio por um milhão de habitantes é inferior em homens (45 anos) e mulheres (42 anos) que são casados(as) e com filhos. Nos homens solteiros o índice de suicídios permanece superando os casados com filhos e sem filhos. No entanto, as mulheres casadas e sem filhos superam índice de suicídio em relação às solteiras (DURKHEIM, 2000).

A partir dessa análise, no contexto do século XIX, o autor afirma que com a estruturação das famílias há uma maior integração dos indivíduos, e quanto maior a densidade (número de indivíduos que mantêm relações efetivas) maior a coesão. “Sendo a família um preservativo potente contra o suicídio, ela o é tanto melhor quanto mais fortemente constituída” (DURKHEIM, 2000, p.249).

Na contemporaneidade, o Boletim Epidemiológico da Secretaria de Vigilância em Saúde- Ministério da Saúde- Brasil- publicado em 2017 menciona que “no período de 2011 a 2015, foram registrados 55.649 óbitos por suicídio no Brasil, com uma taxa geral de 5,5/100 mil hab., variando de 5,3 em 2011 a 5,7 em 2015 (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017, p.7). Verificou-se a partir deste boletim que o perfil dos indivíduos que cometeram suicídio, a maior proporção ocorre “[...] entre solteiros (as), viúvos (as) ou divorciados (as), conforme demonstra a tabela abaixo” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017, p.8).

**Tabela 1: Proporção de óbitos por suicídio segundo características sociodemográficas e meio utilizado, Brasil, 2011 a 2015**

Fonte: Perfil Epidemiológico das Tentativas e óbitos por Suicídio no Brasil e a Rede de Atenção à Saúde (2017).

Se compararmos brevemente os dados apresentados por Durkheim no século XIX na Europa, com os dados do Ministério da Saúde em 2017 no Brasil, é possível verificarmos maior incidência de tentativas ou atos suicidas entre os solteiros, divorciados ou viúvos. Neste caso, há uma ideia de que a instituição familiar gera integração e coesão, quando consideramos a redução das proporções de ideação suicida entre os membros familiares.

Consideremos aqui a modernidade diante de suas transformações. Sendo assim, necessitamos enxergar as diversidades que a modernidade dispõe, com possibilidade de novas configurações no âmbito familiar:

A instituição familiar tem passado por várias modificações decorrentes de mudanças havidas no seu contexto sócio-cultural e, por ser uma instituição flexível, ela tem se adaptado às mais diversas formas de influências, tanto sociais e culturais como psicológicas e biológicas, em diferentes épocas e lugares. (HINTZ, 2001, p.9)

Além disso, para autora, a família é considerada a partir de pessoas que estabelecem vínculos entre si, e está intimamente ligada à vida cotidiana dos indivíduos, considerando-a por isso, muito importante. Por conseguinte, sempre que preservarem as funções de vínculo matrimonial, com satisfação sexual e educação dos filhos, com sentido de proteção, estabelecimento de vínculos e socialização, será considerada família (HINTZ, 2001).

De acordo com a autora, na modernidade há uma maior possibilidade de constituições

Variáveis	Masculino		Feminino		Total	
	n	(%)	n	(%)	n	(%)
<b>Situação conjugal</b>						
Solteiro (a) /viúvo (a) /divorciado(a)	26.152	60,3	7.440	60,7	33.594	60,4
Casado (a) /união estável	13.574	31,3	3.935	32,1	17.509	31,5
Ignorado/branco	3.656	8,4	883	7,2	4.546	8,2
<b>Meio utilizado</b>						
Enforcamento	28.676	66,1	5.763	47,0	34.446	61,9
Intoxicação exógena	6.024	13,9	3.820	31,2	9.845	17,7
Arma de fogo	4.337	10,0	486	4,0	4.823	8,7
Outros	4.345	10,0	2.189	17,9	6.535	11,7

familiares a partir da livre escolha dos indivíduos, ou seja, as escolhas a partir do aspecto afetivo, com maior realização pessoal dos cônjuges.

A constituição das famílias na modernidade proporciona uma dinâmica diversa. Os novos padrões familiares vão além dos tradicionais como: pai, mãe e filhos e outros. São padrões familiares característicos da modernidade tardia.

Segundo o Programa Bolsa Família<sup>11</sup>, os padrões familiares brasileiros são diversos, consistindo em: Unipessoal, só casal, casal com filhos, monoparental feminino, monoparental masculino e outros parentes, monoparental masculino e outros parentes, casal com filhos, biparental e outros parentes, e outros, conforme explicitado no documento.

Na modernidade, a escolha por um cônjuge está relacionada ao estilo de vida que se refere a um “[...]um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça, não só porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular da auto-identidade” (GIDDENS, 2002, p.79).

As escolhas, frente a uma pluralidade de opções, dão a oportunidade ao indivíduo escolher com quem relacionar-se afetivamente, não por uma ordem pré-estabelecida exteriormente na sociedade ou grupos sociais, por satisfação emocional relacionada ao contato próximo com o outro indivíduo, mantendo-se enquanto essa satisfação persistir, como é o caso do casamento (GIDDENS, 2002).

O casamento moderno está diretamente relacionado a um avanço em relação a constituição de novas combinações familiares. Por outro lado, mesmo que se tenha um compromisso voluntário duradouro entre os cônjuges, sujeita-se à uma sustentação instável e perturbada diante do ambiente social em que estão expostos, gerando preocupações diárias. (GIDDENS, 2002). Além disso, para o autor, o divórcio também aparece na modernidade como um recurso para criação de redes que aproximam novos e antigos parceiros e outros parentes, quando há uma reconciliação ou outro parceiro.

Com relação ao divórcio, é possível observar por meio de dados fornecidos pelas “Estatísticas do Registro Civil” do IBGE<sup>12</sup>, que em 2016 foram registrados 344.526 divórcios,

---

<sup>11</sup> Programa Bolsa Família/ Ministério do Desenvolvimento Social. Brasília: Ipea, 2013. Disponível: [http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/bolsa\\_familia/Livros/Bolsa10anos.pdf](http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/bolsa_familia/Livros/Bolsa10anos.pdf) acessado em 03/08/2018

<sup>12</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Estatísticas do Registro Civil, ano de 2016. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/135/rc\\_2016\\_v43\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/135/rc_2016_v43_informativo.pdf) Acesso: 12/06/2018

aparecendo muito acima da média revelada nos dados de 2006 do IBGE<sup>13</sup>, que registram apenas 164. 974 divórcios. Esses dados permitem perceber que em uma década o número de divórcios no Brasil alcança mais que o dobro dos números de separações conjugais.

O estudo também revela que o tempo médio de duração de um casamento, desde a data do matrimônio até a data do divórcio, é de 15 anos. Sendo ainda maior a proporção de divórcios entre famílias constituídas somente por filhos menores de idade e famílias sem filhos, 47,5% e 27,2%, respectivamente. (IBGE, 2016). Os dados são consonantes ao ano de 2006, que indicam que nos divórcios “[...]havia proporção maior dos casais que tinham somente filhos menores de 18 anos de idade (38,8%), seguidos dos casais sem filhos (31,1%)”(IBGE , 2006).

Em 2016, o número de casamentos civis registrados foi de 1. 095. 535 uniões, e deste total 1.090. 181 são entre pessoas de sexos diferentes e 5.354 são entre pessoas do mesmo sexo. O número total de casamentos é superior ao registrado em 2006 que conta com um total de 889.828 uniões matrimoniais. Ressaltando que em 2006, a celebração de casamentos civis de pessoas do mesmo sexo não era permitida e sua aprovação por lei foi sancionada no ano de 2013 em todos os cartórios do país, segundo o Supremo Tribunal Federal (STF)<sup>14</sup>.

O divórcio pode resultar nos adolescentes e jovens insegurança, ansiedade, falta de confiança, incertezas, resultando em depressões, e conseqüentemente em ideações ou atos suicidas, dependendo do grau de vulnerabilidade do jovem ou adolescente.

Portanto, se por um lado a modernidade favorece, em termos de liberdade, para que o indivíduo possa escolher sem exigências de padrões sociais externos, a forma como constroem modos de vida e relações afetivas, de acordo com suas vontades e opções, por outro traz grandes desafios.

O divórcio, neste caso, não se apresenta como um obstáculo, mas possibilidades que geram novos tipos de relações, afetividades e parcerias, mesmo que gere crises e impactos ao conjunto familiar, como no caso dos filhos terem dificuldade em aceitar a separação, deparar-se com a carência afetiva ou apoio emocional e dificuldades financeiras.

---

<sup>13</sup> IBGE. Estatísticas do Registro Civil. 2006. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/135/rc\\_2006\\_v33.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/135/rc_2006_v33.pdf) acessado em 14/08/2018

<sup>14</sup> Supremo Tribunal Federal. Brasília. 2018. Disponível em: <http://www2.stf.jus.br/portalStfInternacional/cms/destaquesNewsletter.php?sigla=newsletterPortalInternacionalDestaques&idConteudo=238515> acessado em 14/ 08/ 2018

A família por sua vez, concordando com as análises de Hintz(2001) deve ser responsável pela proteção, pela segurança e apoio aos adolescentes e jovens, diante do fato de que é uma instituição social com papel integrador em um mundo permeado pelo excessivo individualismo.

Apesar do dever em exercer o seu papel, a instituição familiar é também afetada pelos riscos da modernidade que ameaça as garantias dela efetivar a integração, garantir a proteção, a segurança, evitar os riscos e sentimentos que podem levar os adolescentes ou jovens a pensarem ou até mesmo cometerem atos contra a própria vida e a sua segurança.

Por exemplo, após o processo de separação, pode haver um período de “luto”, que pode ser curto ou duradouro. Neste processo

[...]os sentimentos provocados pelo divórcio parecem não desaparecer completamente com a passagem dos anos; podem ser reavivados violentamente por eventos subseqüentes, como o novo casamento do antigo parceiro, dificuldades financeiras ou desavenças sobre como os filhos devem ser criados. (GIDDENS, 2002, pp.17-18)

É possível que os jovens e adolescentes experienciam uma situação de crise decorrente da separação do grupo familiar. O impacto pode ser maior àqueles ainda dependentes economicamente e moralmente dos pais, do que aos que já estão em processo independente dos pais.

Sentimentos de angústia, de medo, de tristeza, de solidão, insegurança e outras características decorrentes da situação de individualismo frente ao grupo familiar que, antes do divórcio considerava-se protetor e integrador, pode tornar-se uma constante incerteza, não somente para o jovem, mas para todos os membros do grupo familiar, agora desagregado.

“A incerteza do presente é uma poderosa força *individualizadora*”(BAUMAN, 2001, p.170). Esse individualismo do presente põe em xeque os interesses comuns, segundo o autor. As incertezas são acompanhadas de outros sentimentos: “Os medos, ansiedades e angústias contemporâneos são feitos para serem sofridos em solidão.” (BAUMAN, 2001, p.170). Jovens e adolescentes que estão em meio a essas situações, podem estar confusos, não sabendo lidar com os problemas e, conseqüentemente, os desejos de automutilação, de suicídio e as próprias ações suicidas ocupam espaço na forma como estes sujeitos respondem e/ou buscam uma saída para as dificuldades enfrentadas.

A partir da análise desenvolvida neste capítulo, é compreensível que a modernidade do século XIX e a modernidade do século XXI possuem traços distintos, mesmo considerando

que o contexto europeu marcado pelas revoluções e divisão social do trabalho a partir do século XVIII contribuiu para as transformações sociais e tecnológicas dos séculos seguintes. No contexto do século XIX, havia a expectativa de que as instituições desempenhassem papel integrador nas sociedades.

O papel integrador, principalmente a Família e a Religião nas questões que envolvem os baixos índices de suicídio, são enfatizadas por Durkheim. A sociedade do século XIX já é compreendida pelos aspectos individualistas, quando são analisadas características da solidariedade mecânica e orgânica, compreendendo a esta última como aspecto marcante da modernidade, pela sociedade possuir um baixo nível de consciência coletiva, sendo mais individualistas. O suicídio egoísta é a característica que melhor se encaixa com a análise, visto que há um afrouxamento dos vínculos sociais, isolamento, tristeza, melancolia, depressão no indivíduo.

A modernidade do século XXI, caracterizada pela exacerbação do individualismo, resultado da globalização, transforma o meio social nos mais diversos aspectos: as dimensões tempo e espaço tornam-se independentes um do outro, encurtando distâncias, tendo dimensões globais. As instituições alteram seus perfis, tornando-se diversificadas e pluralizadas, ocorre também uma reapropriação das especialidades nos mais diversos âmbitos da sociedade, os indivíduos estão livres para escolher os estilos de vida que desejam seguir, construindo e reconstruindo suas autoidentidades. Os meios tecnológicos cada vez mais avançados, possibilitam maiores opções de estilos de vida.

As experiências dos jovens estão atreladas aos meios de comunicação e informação/meios midiáticos, que também é resultado das transformações na modernidade e que nos permite relacionar com o tema do suicídio por estarem presentes no cotidiano desses atores. Portanto, o próximo capítulo será dedicado a uma análise dos meios midiáticos e a sua relação com as experiências dos jovens com o suicídio na modernidade.

### **3 MÍDIAS, JOVENS E SUICÍDIO: A INFLUÊNCIA DOS MEIOS MÍDIÁTICOS NAS EXPERIÊNCIAS DOS JOVENS**

Neste item, a intenção é refletir sobre consumo dos Meios de Comunicação de Massa (MCM)<sup>15</sup>/ Mídias pelos adolescentes e jovens em suas experiências cotidianas relacionando-as com as problemáticas em torno do suicídio.

É necessário, inicialmente, compreender o que é comunicação. Thompson, um sociólogo que se dedica em avaliar e compreender a importância da mídia na contemporaneidade, define a comunicação como “[...]um tipo distinto de atividade social que envolve a produção, a transmissão e a recepção de formas simbólicas e implica a utilização de recursos de vários tipos”(THOMPSON, 1998, p.25).

Para que todas essas atividades ocorram são necessários meios técnicos, considerados: “[...] o elemento material com que, ou por meio do qual, a informação ou o conteúdo simbólico é fixado e transmitido do produtor para o receptor.” (THOMPSON, 1998, p.26). Conforme o autor, são utilizados atributos para que o conteúdo possa ser fixado, ou seja, através de conversação face a face ou mesmo através de meios técnicos como alto-falante, telefone, gravação, filmagem, entre outros meios que possam permitir mais ou menos fixação das informações.

Com o surgimento dos meios de comunicação de massa, os indivíduos passam a utilizar esses meios tecnológicos como forma de interação, fator que pode ser influenciador para a exacerbação do individualismo na sociedade contemporânea, considerando que passa haver uma diminuição das interações face a face e um deslocamento das relações sociais de lugares pré-definidos, alterando a nossa relação com o tempo e com o espaço, mesmo que saibamos que as tecnologias podem ser consideradas como um processo de democratização de informação nas sociedades.

Apresenta-se ligeiramente a seguir a respeito do surgimento e a forma de expansão dos meios de comunicação/informação no país. Segundo Thompson (1998) a indústria da mídia surge na segunda metade do século XV, na Europa, como uma ferramenta de poder simbólico das instituições religiosas que reivindicavam autoridade sobre a sociedade da época, utilizando a seu favor o desenvolvimento das primeiras máquinas impressoras. Assim foram

---

<sup>15</sup> O termo refere-se às mídias e aos meios de comunicação e informação em geral

se desenvolvendo cada vez mais inovações tecnológicas, espalhando-se por todo o Ocidente em um período que marca o fim da Idade Média e início da Europa Moderna.

A partir de então cresce e inova-se a indústria da mídia ao longo dos séculos que, no século XIX destaca-se por algumas propensões: “a transformação das instituições da mídia em interesses comerciais de grande escala; [...] a globalização da comunicação; e [...] o desenvolvimento das formas de comunicação eletronicamente mediadas” (THOMPSON, 1998, p.73).

No Brasil, a difusão dos meios de comunicação é bastante recente. Estudos sobre a formação e o desenvolvimento da sociedade da informação, apontam que a partir década de 1950 o país dava início a expansão das telecomunicações através do apoio governamental, que via a necessidade de um sistema nacional de telecomunicações, visando a facilitação e agilidade da propagação de informações, e objetivando “a integração do país”. (CARVALHO, 2006, p. 51).

As telecomunicações eram tratadas como monopólio, e ao longo do tempo também foram sendo criadas redes de telefonias, com investimentos da empresa Telebrás<sup>16</sup> com apoio da Embratel, por exemplo. A partir da década de 1970 houve um aumento na utilização de aparelhos de informática, transmissões conhecidas como “teleprocessamento” ou “teleinformática”. “[...]os principais discursos de suporte à implantação das redes de comunicação de dados relacionavam-se à competitividade da indústria nacional e às finalidades de ordem estratégico-militar (CARVALHO, 2006, p.54).

Conforme Carvalho, a partir dos anos de 1980, a empresa Embratel<sup>17</sup> dispõe aos seus funcionários e seus familiares uma rede de microcomputadores, que eram acessados por pequena parcela da população brasileira. Depois de 1983 a Telesp (Telecomunicações de São Paulo)

[...]introduziu o uso de microcomputadores, via modem, como terminais do Videotexto, uma idéia que vinha sendo trabalhada pelos britânicos. O objetivo era atender a um possível aumento na demanda de usuários através do uso dos microcomputadores que estavam começando a se disseminar no Brasil (CARVALHO, 2006, P.68).

---

<sup>16</sup> Telebrás oferece serviços de acesso dedicado à internet aos prestadores de serviços de telecomunicações fonte: Wikipédia. Telebrás site: <http://www.telebras.com.br/acessoainformacao.php> Acesso: 30/05/2018

<sup>17</sup> Empresa Brasileira de Telecomunicações: Embratel. Disponível em: <https://www.embratel.com.br/>, acessado em 20/06/2018



Como nos mostra o autor, a difusão recente da informação acontece primeiramente com a criação inicial do Conselho Nacional de Telecomunicações-Contel (em 1963) do Código Brasileiro de Telecomunicações (CBT) aliados ao contexto político do período, marcado pelo poder dos militares.

Com o tempo houve aproximação maior entre a informática, as redes de telefonia, e entre os interesses mundiais, envolvendo propostas que visavam integrar o país a outros países potencialmente desenvolvidos. Em maio de 1994, por meio de uma conferência da WWW, anunciou-se que os códigos da Web seriam públicos, visando uma difusão da utilização das redes de comunicação e informação (CARVALHO, 2006).

Há que se considerar que o desenvolvimento dos meios de comunicação cria na sociedade novas formas de relacionamentos sociais, de ação e de interação, que se dissocia do ambiente físico, de tal forma que os indivíduos podem interagir com outros em diferentes espaços e tempos, ou seja, sem a necessidade da interação face a face (THOMPSON, 1998). O desenvolvimento de novos meios técnicos pode aumentar o impacto com que os indivíduos experimentam os espaços e tempo da vida social:

[...] tornam-se capazes de agir e interagir à distância; podem intervir e influenciar no curso dos acontecimentos mais distantes no espaço e no tempo. O uso dos meios técnicos dá aos indivíduos novas maneiras de organizar e controlar o espaço e o tempo, e novas maneiras de usar o tempo e o espaço para os próprios fins (THOMPSON, 1998, p.29).

Considera-se a necessidade de explorar como a comunicação de massa e os meios tecnológicos interferem nas experiências cotidianas dos indivíduos, no qual têm-se uma intervenção destes meios tecnológicos na reformulação dos estilos de vida dos indivíduos, incluindo os de estilos de vida dos jovens e a formação da suas autoidentidades.

Para Giddens (2002) o consumo de massa atinge diferentes modos de vida e participa diretamente nos processos de contínua reformulação das condições de vida cotidiana. As mídias transmitem modelos que são absorvidos pelos jovens, que colaboram na construção de suas identidades. Isso pode ser visto por meio de novelas/telenovelas, séries, jornais, revistas e outros conteúdos consumidos pela massa. Os jovens podem encontrar nestes espaços modelos para a construção da autoidentidade.

Para Giddens (2002), assim como Thompson (1998) a sociedade em que estamos inseridos apresenta aspectos totalmente diferentes daqueles vividos pelas pessoas nas

sociedades tradicionais ou caracterizado pelo agrupamento ou integração e uma mais intensa interação face a face entre os indivíduos.

Para Thompson (1998) os meios de interação face a face têm sido substituídos, mas não de forma completa, por formas mediadas de interação, possibilitando a transmissão de informação de conteúdos simbólicos para indivíduos em diferentes tempos e/ou espaços, através de uso de meios técnicos como mensagens instantâneas, redes sociais, e-mails, vídeos chamadas, etc.

Em um estudo recente realizado pela “Pesquisa Brasileira de Mídia”(PBM) no ano de 2016, desenvolveu-se uma pesquisa por meio da opinião pública, através do Governo Federal. A pesquisa indica que 50% dos brasileiros entrevistados com 16 anos ou mais utilizam internet todos os dias da semana, sendo que 79% acessam a internet em sua residência. Além disso, em 72% da população o acesso à internet se dá através do aparelho de telefone celular, e 25% acessam a internet por meio do computador. É importante também ressaltar que 19% destes participantes são jovens com idades entre 16 a 24 anos. (PESQUISA BRASILEIRA DE MÍDIA, 2016)

Pesquisa feita pelo Índice Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre a utilização da internet pelos indivíduos no país, mostra que, em uma população de 179. 424 mil pessoas com idades de 10 anos ou mais, 64,7% usam a internet, com a maior utilização por jovens de 18 a 24 anos de idade, com cerca de 85% da utilização, e aponta diminuição com o aumento da idade na população adulta. (IBGE, 2018).

A pesquisa também revela que as utilizações da internet têm sido significativas quando comparado ao nível de instrução das pessoas, ou seja, uma propensão maior ao uso de novas tecnologias de informação e comunicação pelo público que tem maior escolaridade, chegando 95,7% naqueles com ensino superior completo, em comparação com o nível fundamental incompleto, com um percentual de 11,2% somente.

O meio técnico mais utilizado pelos indivíduos entrevistados (constituída de 116 073 mil pessoas) é o telefone celular, “com 94,6% (109 818 mil pessoas) para acessar a Internet ” IBGE, 2018, p.43). Com relação à finalidade de utilização desses meios de comunicação e informação, a pesquisa do IBGE -2018 indica que majoritariamente a finalidade do acesso à internet é a de enviar ou receber mensagens de texto, de voz ou imagens por aplicativos distintos de e-mail.

[...]assistir a vídeos, inclusive programas, séries e filmes, foi a finalidade de acessar a Internet indicada por 76,4% dessas pessoas, vindo logo em seguida a de conversar por chamada de voz ou vídeo (73,3%) e, por último, enviar ou receber *e-mail* (69,3%). (IBGE, 2018, p. 49)

Os dados mencionados nesta pesquisa buscam mostrar como os meios tecnológicos de comunicação de massa ou meios de comunicação e informação tem sido fortemente integrado ao cotidiano dos indivíduos no país. Percebe-se que os jovens estão acessando a internet praticamente todos os dias da semana, mostrando um domínio maior do que os adultos ao acessá-los para a troca mensagens de voz e vídeo, fotos, assistir vídeos, séries, filmes. Pode-se dizer que a geração jovem está no auge deste contexto social marcado pela exacerbação do uso de meios de comunicação e informação.

### 3.1 O SUICÍDIO E AS EXPERIÊNCIAS DA JUVENTUDE COM AS MÍDIAS

Se considerarmos que os meios de comunicação de massa e os meios tecnológicos na sociedade contemporânea têm afetado significativamente as experiências dos adolescentes e jovens, é possível questionar: quais programas e informações os jovens têm acessado? Qual a relação entre jogos, filmes, séries e a experiência de jovens nessa sociedade? Como utilizam os meios de comunicação em seu cotidiano? Como os meios de comunicação de massa têm abordado o tema do suicídio envolvendo os jovens?

Sabe-se que o avanço das tecnologias pode resultar em inúmeros aspectos positivos no cotidiano dos indivíduos, como a facilidade de comunicação, de acesso a informações, a praticidade de interagir com outros indivíduos sem a interferência do tempo e espaço. Além do mais, é importante ressaltar a possibilidade de qualquer usuário da internet poder produzir conteúdo e disponibilizar nas redes.

Contudo, esse dinamismo e a possibilidade de qualquer pessoa produzir e publicar conteúdos na rede permite também que indivíduos mal intencionados possam utilizar-se destes meios, inclusive prejudicar outras pessoas. Os usuários dos meios de comunicação e informação estão desta forma, sujeitos às ameaças e perigos da internet.

Essas ameaças relacionam a criação e utilização de páginas falsas, roubos de dados pessoais e exposição de conteúdos que possam prejudicar outras pessoas. Além das violências como assédios virtuais, que são repetidos e praticados por meios da internet com o objetivo de afetar negativamente outros indivíduos.

Os jovens que têm acesso aos meios de comunicação e informação são alvos fáceis de tais crimes (mesmo que saibamos que quaisquer pessoas podem estar sob perigo e ameaça destas ações virtuais). Estes sujeitos que estão vivenciando novas e diferentes experiências cotidianas podem apresentar dificuldade em perceber que estão sob ameaça ou perigo, ou até mesmo em ter olhar crítico a respeito dos conteúdos acessados. Por isso, dependendo da forma de uso pode-se apresentar como ferramenta arriscada.

Além disso os meios de comunicação e informação possuem uma interferência significativa na formação da autoidentidade dos jovens e no próprio estilo de vida, principalmente se pensarmos em uma diminuição de interações face a face e aumento das relações mediadas, incluindo os meios de comunicação e informação como: Blogs, Instagram, Facebook, Whatsapp, Twitter e outros espaços virtuais presentes no cotidiano dos jovens. É através destes meios que esses sujeitos

[...]agem, interagem, socializam, buscam informações sobre os demais atores da rede social, compartilham gostos similares e por vezes antagônicos. É como se escrevessem sua autobiografia incluindo assuntos do cotidiano, conteúdos privados, interesses na rede entre outras tantas informações e comportamentos nas suas interações. (TONATO, 2015, p.29)

Edinéia Tonato afirma que é necessário compreendermos que quem se utiliza de um espaço virtual e rede social, pode falsificar, simular informações em seu perfil, com ações de “má índole.” (TONATO, 2015). Através da perspectiva abordada pela autora, é possível que o usuário destes meios virtuais esteja sujeito aos perigos e riscos disponíveis na internet, e também à violências, violações de identidade, afirmação de popularidade, situações constrangedoras que são criadas e/ou divulgadas nesses esses espaços.

Além disso, refletir sobre os espaços de socialização dos jovens na modernidade coloca em evidência questões importantes como: se a família, religião, escola e outros espaços falham ou não “dão conta” de apoiar os jovens e adolescentes, ou são as causas geradoras de problemas.

Os meios tecnológicos, como a mídia e os meios de comunicação e informação, exercem influências sobre os adolescentes e jovens, mas devemos compreender que o conteúdo só exercerá uma influência dependendo do significado que possui para estes atores.

A mídia se atrela a vida social dos indivíduos apresentando-se como um poder simbólico que influencia as inúmeras instituições: as religiosas, educacionais, familiares entre outras. Nesse sentido, contribui significativamente nas questões voltadas a acumulação de informação e comunicação, além dos recursos financeiros e materiais que permitem que a informação e o conteúdo simbólico sejam produzidos pela sociedade. (THOMPSON, 1998)

Os jovens estão em um período transitório, de dúvidas, de incertezas, ansiedades, medos e outros sentimentos, e os meios de comunicação e informação desempenham nessa geração diversos impactos:

É nesse círculo de ações (entrar na rede social), e relações (estabelecer contato no ambiente virtual com os demais agentes da rede) dos laços humanos que os estudantes compartilham suas angústias, sentimentos, valores, interesses e dão significados a suas interações no mundo virtual e real. (TONATO, 2015, p.25)

A autora em seu estudo, revela que as redes sociais contribuem para a criação de identidades individuais, bem como a interação e sociabilidade e espaços virtuais utilizados pelos jovens criam uma forma de extensão da vida real, caracterizando-se pela condução das situações do cotidiano para o meio virtual, como postagens de formas variadas.

Essas interações só são possíveis pelas influências dos sistemas globais que tornam as relações local/global indissociáveis e que são cada vez mais frequentes na vida cotidiana dos jovens. O rompimento do tempo em relação ao espaço, permitem a esses sujeitos serem influenciados por tendências de diversas parte do mundo (GIDDENS, 2002).

Por um lado os jovens são abertos a novos olhares, novos saberes e estilos de vida, novas dimensões, por outro lado essa influência pode desencadear riscos a formação do eu, da autoidentidade. Os jovens podem também ter dificuldade de compreender os riscos que essas influências desempenham em seu cotidiano. Os conteúdos a que estão expostos nas redes

mediáticas, por exemplo, podem colocar jovens e adolescentes em uma situação de risco. Um exemplo dessa suscetibilidade dos jovens às influências globalizantes e que podem gerar riscos sérios é o do polêmico *Jogo da Baleia Azul*. Um jogo que foi criado na Rússia e que coloca em riscos jovens em vários lugares do mundo.

O “jogo” que recentemente se popularizou no Brasil tem por objetivo último o suicídio, e quem participa sabe que ao longo dos 50 desafios que devem ser cumpridos pelo participante, o suicídio é o ato final. O jogo ocorre por meio da interação entre os participantes, em sua maioria jovens, e o chamado “curador” que é o controlador do jogo.

Através de mensagens instantâneas, os curadores passam aos participantes as regras do jogo, que entre elas está: a não desistência do jogo pelos participantes, resultando em ameaças à família e amigos, a obrigação de cumprir todas as tarefas impostas (sem exceções), enviar fotos ou registros das tarefas cumpridas quando solicitado pelo curador.

Alguns dos 50 desafios que estão disponíveis em diversos sites na rede, incluem: cortar-se com navalha várias vezes, assistir filmes psicodélicos de madrugada, desenhar com uma lâmina uma baleia no corpo, furar-se com agulha, subir em um lugar bem alto (em um telhado), isolar-se e não falar com ninguém e matar-se. A data do suicídio é agendada antecipadamente pelo curador, e o último desafio do jogo é o suicídio.

O jogo causa preocupação em muitas famílias, profissionais da saúde e segurança pública devido a forma brutal com que se apresenta e também em razão de casos de suicídio, tentativas, além de automutilação dos participantes do jogo.

Para Ramal (2017), que publica para a redação do Jornal G1 Globo, têm aumentado o acesso a jogos com apelos de riscos letais, acabando por virar “modinha” entre os jovens, gerando muita preocupação para as famílias, que devem ficar atentas ao que os filhos acessam, observar comportamentos estranhos, e também conversar e conscientizar os adolescentes sobre essas “brincadeiras” que colocam em risco a vida dos jovens. A autora, finaliza fazendo um apelo às instituições familiar e escolar: “Atenção redobrada com os jovens que apresentem tendência a depressão, pois eles costumam ser especialmente atraídos por jogos como o da Baleia Azul ” (RAMAL, 2017).

Diversos outros meios informativos debatem sobre o assunto, e não é pouco. Bedinelli e Martín (2017) publicam no jornal “El País” a matéria “Baleia Azul: o misterioso

jogo que escancarou o tabu do suicídio juvenil”<sup>18</sup>. As autoras afirmam que o desafio apareceu de forma gradativa no Brasil e falam da realidade sofrida por famílias que tiveram histórias de filhos adolescentes que se envolveram no desafio e da dificuldade em superar o problema.

Em todas as situações havia um padrão de automutilação, ingestão de remédios durante a madrugada. Em um dos casos mencionados pela autora, a jovem estudante que desmaiou no chão do banheiro enquanto desenhava uma baleia no antebraço com uma gilete foi socorrida por sua mãe, chegando a ser internada. Ao voltar para casa estava disposta a pular todas as etapas restantes do desafio para cumprir o último, o suicídio.

As autoras mencionam uma pesquisa realizada em Porto Alegre- RS na qual indica que 36% dos jovens de 15 a 19 anos apresentaram pensamentos suicidas e mais de metade desses jovens passaram por situações de depressão e desesperança na vida. Sintomas com baixa autoestima, fracasso escolar, brigas familiares, perdas afetivas, com poucos amigos (que ficam isolados) podem considerar esses sujeitos em grupos de risco ao suicídio. E esses jovens que se enquadram neste grupo podem interessar-se pelo jogo e encontrar uma maneira de acabar com o sofrimento, a dor, a tristeza que estão vivenciando (BEDINELLI e MARTÍN, 2017).

Novamente, podemos perceber as influências globalizantes nas experiências dos jovens, considerando o rompimento do tempo/espaço, uma dinâmica que pode se apresentar complexa, considerando que o jovem pode se sentir confuso, quanto a rapidez com que o desenvolvimento da modernidade e suas características desempenham em seu cotidiano e da vulnerabilidade desses indivíduos nos meios sociais contemporâneos.

Os jovens expressam por meio das redes sociais desabafos, revelações de aspectos vivenciados e que não estão sendo superados, das inseguranças e outros sentimentos que estão experienciando. As manifestações dos sentimentos por meio de redes sociais, para a sociedade, parecem revelar nas dimensões locais e globais as adversidades enfrentadas por esse indivíduo, compartilhando os sentimentos de angústia, isolamento, tristeza, solidão.

Recentemente fiquei sabendo, por meio de jornais, sobre o caso de uma estudante da Universidade de Brasília (UnB) que se suicidou no espaço da universidade em que estudava, no mês de junho de 2018. O acontecimento foi divulgado por Fuzeira(2018) que descreve o

---

<sup>18</sup> Refere-se ao título da reportagem publicada pelo Jornal “El País”

ocorrido para o *Jornal Metrópole*<sup>19</sup>. Relata que a jovem se jogou de uma altura de quinze metros da caixa d' água do bloco das salas e nem mesmo os bombeiros a fizeram mudar de ideia, estava decidida a acabar com a própria vida. O local foi isolado, as aulas suspensas, e a instituição decretou luto de três dias.

A jovem, semanas antes de suicidar-se, utilizou o Facebook para revelar o seu isolamento social, desesperança na vida, sentimentos depressivos e sua desistência de viver. O perfil da estudante ainda continua ativo na modalidade *in memoriam*, e entre as mensagens de isolamento social, de depressão, de despedida, a jovem também faz menção a trechos da série '13 Reasons Why'. No perfil ativo da rede social as frases de despedida chocam: "Parabéns para vocês que ficam. Só os fortes sobrevivem aqui. Se sintam vitoriosos todos os dias".

Cerca de dois meses após a tragédia envolvendo a jovem, a Universidade de Brasília criou a disciplina "Felicidade". Conforme Caixeta (2018) que publica em coluna do *Jornal Metrópole*<sup>20</sup>, a universidade informa que foram disponibilizadas 240 vagas para início das aulas no mês de agosto de 2018. A disciplina foca no autoconhecimento, o cuidado, a solidariedade, o afeto, diálogo e respeito às diferenças.

Além da iniciativa da UnB, a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) também abriu uma disciplina sobre "Felicidade" com início para este segundo semestre. Lemos (2018) que escreve para o jornal G1 Globo<sup>21</sup> destaca que alunos de todas as faculdades e campi podem matricular-se. As aulas visam descobrir a felicidade nas coisas simples, e que os estudantes em geral não são felizes e sofrem com depressão, de acordo com relato de professor da universidade para o jornal.

A Universidade de São Paulo (USP), que registrou 4 suicídios entre estudantes nos meses de maio e junho deste ano de 2018, mobilizou discussões no interior da universidade que levou a criação de um "Escritório de Saúde Mental" para os alunos, com reuniões

---

<sup>19</sup> Escrito por Victor Fuzeira para o *Jornal Metr poles*. Morte de estudante na universidade de Brasília suspende aulas. Brasília. 2018. Disponível em: ><https://www.metropoles.com/distrito-federal/morte-de-estudante-na-universidade-de-brasilia-suspende-aulas>< acessado em 15/08/2018

<sup>20</sup> *Jornal Metrópole*. Felicidade será a nova disciplina da UnB a partir do próximo semestre. 2018. <https://www.metropoles.com/distrito-federal/educacao-df/felicidade-sera-nova-disciplina-da-unb-a-partir-do-proximo-semester> acessado em 15/08/2018

<sup>21</sup> UFSM abre disciplina sobre 'felicidade', com inscrições para o segundo semestre. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2018/07/26/ufsm-abre-disciplina-sobre-felicidade-com-inscricoes-para-o-segundo-semester.ghtml> acessado em 15/08/2018



presenciais. A notícia foi divulgada por Bianca Vieira (2018) no jornal Folha de São Paulo<sup>22</sup>. O coordenador do programa em entrevista para o jornal diz que a iniciativa tem relação com os casos de suicídios e a disciplina serve como uma assistência pedagógica aos alunos.

As iniciativas que as universidades estão tomando e que objetivam uma contribuição para a redução nos índices de suicídio entre jovens, mostra que as instituições parecem estar preocupadas em buscar uma resposta para o fenômeno de suicídios entre jovens, que se apresenta como um fenômeno social e não individual.

As reportagens atentam para aspectos do cotidiano dos jovens com problemas de ordem social, que emerge das relações estabelecidas com meio social em que estão inseridos, com outros indivíduos ou instituições. Os aspectos descritos pelos jornais envolvem: o diálogo, o afeto para com o outro, a solidariedade, o cuidado, respeito às diferenças, o enfrentamento da ansiedade, da depressão, da sensação de abandono, frustrações com questões do cotidiano (CAIXETA, 2018). Além desses fatores que são sociais e que estão ligados ao risco de suicídio entre jovens, um ponto que me chama a atenção são os comentários realizados pelos leitores dos jornais. Um dos comentários realizados por um dos leitores da coluna escrita por Vieira (2018). Jornal Folha de São Paulo, diz o seguinte:

Somos seres sociais. Precisamos do contato pessoal, do olho no olho, do abraço, dos amigos, de desabafar em momentos difíceis, das diversões e gargalhadas, coisas simples, mas cada vez mais raras nos dias atuais, sobretudo nesses tempos em que mundo virtual vem se sobrepondo ao mundo real. O resultado é que estamos órfãos de gente, do calor humano e consequentemente de um sentido para a vida num mundo cada vez mais egocêntrico, individualista e frio. Que saudades do passado. (LEITOR DA REPORTAGEM DE VIEIRA, 2018)

O comentário revela, e muito, sobre a sociedade que estamos inseridos. A exacerbação do individualismo, vazio pessoal, a dificuldade de relacionamento com o outro, são sentimentos manifestados pelos jovens na modernidade. Como um pedido de socorro, mostram que os aspectos da modernidade estão afetando a forma de construção da autoidentidade, e o suicídio aparece como uma resposta possível às dificuldades enfrentadas. As universidades, nesse sentido, mostram-se preocupadas com esse fenômeno do suicídio entre jovens, e buscam meios para responder esses acontecimentos sociais.

É possível encontrar com alguma frequência, mensagens em redes sociais que revelam isolamentos sociais, angústias, tristeza, desesperança na vida, solidão tais como: “Eu sou

---

<sup>22</sup> USP tem 4 suicídios em 2 meses e cria escritório de saúde mental para os alunos. 2018 Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/08/usp-tem-4-suicidios-em-2-meses-e-cria-escritorio-de-saude-mental-para-alunos.shtml#top> acessado em: 15/08/2018

aquela pessoa que diz para todo mundo ter fé, ser forte e acreditar. Mas olha para mim, eu estou um caco” (COMPARTILHAMENTO DE USUÁRIA DO FACEBOOK, 2018), a mesma usuária compartilha diversas outras mensagens no mesmo dia como: “Às vezes é assim: Nem feliz, nem triste, apenas suportando.” Ou mensagens como:

**Figura 1 – Imagem retratando sentimentos manifestados por jovens nas redes sociais**



Fonte: Página do Facebook “E muleque das frases” (2018)

Abaixo da mensagem, mais de 280 comentários, em sua maioria mensagens que revelam uma identificação com a imagem retratada. Nos comentários, há também pessoas que criam grupos e comunidades e as divulgam, com objetivo ajudar outras pessoas que estão passando por problemas emocionais, de isolamentos sociais, tristezas, etc. Como por exemplo:

O grupo “DESABAFE AQUI” foi criado com intuito de ajudar as pessoas, de conversar e desabafar umas com as outras para que assim, todas possam se abrir, se expressar e dizer o que sente. Não entre no grupo com outras intenções, pois a única intenção do grupo é fazer com que a pessoas possam desabafar, se sentir entre amigos” (DESCRIÇÃO DO GRUPO NO FACEBOOK, 2018).

Quando manifestadas atitudes que expressam riscos de suicídio entre os jovens, esses espaços virtuais, como comunidades, grupos, páginas, procuram responder a esses riscos produzindo espaços de amparo com mensagens, bate-papo, entre outros, como forma de apoio aos demais indivíduos que estão manifestando sentimentos de isolamento, de depressão, de tristezas, medos, angústias que podem desencadear em pensamentos ou tentativas de suicídio.

Com a divulgação do número alarmante dos casos de suicídio entre adolescentes e jovens, pelas mídias, o tema tem se transformado em debate público no país, se tornando notícia, visando compreensão dos motivos que os fazem chegar à essa situação limite. O acesso aos noticiários mostra claramente como esse debate está presente em todo o país e evidencia uma real preocupação social com os riscos ao suicídio entre os jovens, como é possível perceber na tabela a seguir:

**Tabela 2: Notícias jornalísticas sobre suicídio**

<b>Colunista e ano da publicação</b>	<b>Título da Matéria</b>	<b>Veículo de Comunicação</b>	<b>Resumo</b>
Carlos Corrêa e Mauren Xavier-2017	“Aumento de tentativas de suicídio alerta para uma abordagem mais atenciosa”	Jornal Correio do Povo	Apresenta debates de especialistas da saúde sobre a influência ou não do jogo da Baleia Azul e da série ‘13 Reasons Why’. Considera-se que os programas de televisão ou jogos não decidem que um jovem atente contra a própria vida, mas pode aparecer como uma influência daqueles que já estão depressivos, já que o problema está na própria sociedade, por seus fatores influentes aos riscos para o suicídio
Talita Bedinelli e María Martín-2017	“Baleia Azul: O misterioso jogo que escancarou o tabu do suicídio no Brasil”	Jornal El País	O jogo da baleia azul e a série ‘13 Reasons Why’ contribuem para uma maior visibilidade sobre o tabu do suicídio, já que dão maior atenção a esse fenômeno que já é latente na sociedade. Os jovens e adolescentes que já estão sofrendo de transtornos depressivos e de ansiedades na sociedade, procuram aliviar seu sofrimento, encontrando nesses meios midiáticos uma saída
Fernanda da Escóssia-2017	“Crescimento constante: taxa de suicídio entre jovens sobe 10% desde 2002”	BBC News	A coluna aponta dados de crescimento dos números de suicídio no país, mostrando que o fenômeno não é isolado e nem recente. Menciona análise de sociólogos e profissionais da saúde. As pressões sociais que geram ansiedades e depressão, o bullying escolar, o sofrimento e a dificuldade em lidar com isso, a forma como os jovens usam a internet são meios que

			colocam os jovens em risco ao suicídio. Medidas como: abrir espaços de diálogo, buscar maneiras de falar sobre o suicídio são iniciativas que podem contribuir para a redução nos índices
Colunista não identificado - 2018	“Suicídios aumentaram no EUA logo após Robin Williams se matar, mostra levantamento”	BBC News	A coluna aponta para o impacto da morte de celebridades no número geral de suicídios da população geral, mas não há uma certeza de que os suicídios estão relacionados diretamente com a morte do ator. Mas apontam para o potencial de risco das pessoas imitarem personalidades que se suicidam, pois ao conhecer a vida da celebridade, identificam-se e repetem os atos, e isso é de conhecimento da saúde pública essa característica. Também há um aumento de número de postagens sobre o suicídio na internet após a morte de famosos.
Mário Magalhães-2018	“Suicídios no Brasil, o país onde o passado não passa”	The Intercept-Brasil	A coluna apresenta dados estatísticos dos altos índices de suicídio entre jovens indígenas, revelando que há uma estranheza, incompatibilidade, frustração com a cultura urbana que seduz, mas sufoca e que o jovem não aguenta. Menciona sobre o bullying escolar como um dos fatores relacionados aos altos índices de suicídio entre jovens e adolescentes, suicídios que são associados ao jogo da baleia azul e da série ‘13 Reasons Why, com uma expansão de buscas por métodos para se matar. No entanto pode ser considerado apenas um meio de alerta para o tabu do suicídio, que é um estigma. Chama de efeito Werther o receio de que ao se falar sobre uma morte estimule outras (e que não é ilusório). No entanto a coluna aponta que não falar sobre o suicídio é ocultar um problema de saúde pública.

Eliane Brum -2018	“O suicídio dos que não viram adultos nesse mundo corroído”	Jornal El País	Após a morte de jovens em uma universidade de São Paulo, pais e professores procuram compreender por que mais jovens tiram suas vidas, tornando-se um problema crônico na sociedade. A reportagem menciona sociólogo para explicar os números e buscar compreender as causas dos índices mais alarmantes na atualidade do que no passado. Os jovens estão com dificuldades de encontrar sentidos diante do desespero, havendo uma necessidade de encontrar caminhos para prevenir o ato, mas também buscar compreender o que o suicídio revela sobre essa época, em que as mudanças globais, as transformações sociais afetam o desenvolvimento de suas identidades, encontrando-se em um mundo desorientado, sem confiança. Há uma necessidade coletiva de romper o silêncio sobre o suicídio e a crença de que o problema está no indivíduo, mas sim, fruto de uma produção social, de uma resposta ao sofrimento que o meio social produz. A experiência do jovem com a internet pode camuflar a verdadeira realidade e pode influenciar os índices de suicídio, pelas consequências que o uso das redes sociais pode resultar, como a fragilidade dos laços sociais, os isolamentos, solidão, sensação de inadequação, desesperança, desamparo etc. Para Brum(2018) o rompimento do silêncio sobre o suicídio pode abrir muitas possibilidades de encontrar saídas para os caso de suicídio.
-------------------	---	----------------	--

Fonte: Elaboração da autora (2018).

Percebe-se que alguns meios de comunicação revelam uma preocupação social considerável com o fenômeno do suicídio entre jovens na sociedade. Profissionais de diversas áreas, inclusive sociólogos, procuram encontrar respostas aos altos índices de suicídio. Abordam diversas influências sociais para os jovens que atentam contra a própria vida. As influências midiáticas e globalizantes, a influência da série 13 Reasons Why e do jogo da baleia azul, a dificuldade de relacionamentos sociais com outros indivíduos pelo fato da

sociedade ser individualista, as influências dos suicídios de famosos entre outros aspectos podem ser observados nas inúmeras notícias que circulam pela internet e que geram polêmicas sobre os suicídios entre jovens.

As notícias publicadas sobre o suicídio de artistas famosos contribuem para que o suicídio se torne parte dessa cultura de massa e de risco, transformando-se em evento coletivo. Como é caso de astros da música e do cinema que colocaram fim a própria vida: músicos famosos como Chris Cornell, Amy Winehouse, Kurt Cobain e atores com Robin Williams, Heath Ledger entre outros famosos que sofriam de estados depressivos e de ansiedades, conforme Camila Junqueira (2018) em coluna para o site Vix<sup>23</sup>. A mídia transforma esses acontecimentos em fenômenos coletivos.

Além do mais, casos de suicídios cometidos por estudantes nos espaços de universidades e/ou outros lugares públicos, podem estar relacionados a uma forma de dar visibilidade a problemas que vêm sendo enfrentados, e de revelar publicamente suas emoções.

Considerando as mídias em âmbito global, aqui nos debruçamos mais sobre como os meios de comunicação de massa têm influenciado os jovens em suas experiências. E em se tratando suicídio, há significativos debates acerca de casos ou tentativas cometidos por jovens e sua relação com a cultura de massa, a exemplo do seriado '13 Reasons Why' e o Jogo da Baleia Azul.

Uma pesquisa publicada neste ano de 2018 pelo Departamento de Ciências da vida, Pontifícia Universidade Católica do Paraná- Brasil, com o título "Séries e Internet: Até que ponto elas interferem na ideação suicida?" almeja compreender e correlacionar o fenômeno do suicídio com a internet. O estudo revela que das 541 pessoas que participaram da pesquisa 99,6% utilizam frequentemente a internet, e 89,1% acreditam que a internet tem influência nas ideações suicidas. (BARBOSA et al., 2018, p.468).

Um dado interessante da pesquisa, é o fato de que 18, 1% dos entrevistados que já pensaram em cometer suicídio, 16% afirmam que houve influência da internet, por possibilitar aos indivíduos terem acesso (pelas redes sociais, por exemplo) aos perfis de outros

---

<sup>23</sup> VIX. "O que tantos casos de suicídios de celebridades têm em comum?" Disponível em: <https://www.vix.com/pt/entretenimento/546637/o-que-tantos-casos-de-suicidios-de-celebridades-tem-em-comum>< acesso em 04/07/2018

indivíduos com padrões e estilos de vida diferentes de suas realidades, resultando em baixa-autoestima, desmotivação na vida. (BARBOSA et al, 2018).

De acordo com o Boletim Epidemiológico da Secretaria de Vigilância em Saúde- Ministério da Saúde- Brasil, divulgado no ano de 2017, os adolescentes e jovens que tem ideias suicidas encontram-se quase sempre motivados pela “falta” de sentido na vida.

Adolescentes que já tentaram cometer suicídio encontravam-se magoados consigo, ou se colocaram em situações de risco (que não são definidas pelos autores). Os autores apontam que os jovens pensam no sentido da vida e, na sequência, na morte e suicídio. “E aquilo que vivenciam tende a ser intensamente sentido (SAMPAIO & AMÂNCIO, 2001, p.518).

Nessa transição da adolescência para a vida adulta os autores citados mencionam que ocorrem, naturalmente, conflitos no meio familiar, que podem gerar sentimentos de dor, de culpa, problemas que podem afetar psicologicamente e socialmente as ações e desenvolvimento pessoal no cotidiano.

Nesta pesquisa não há como deixar de falar sobre a série *Thirteen Reasons Why*, pois ela é citada em quase todas as notícias relacionadas aos debates sobre o suicídio entre jovens, e divide opiniões em diversos espaços sobre o seu papel social, como poderemos ver a seguir.

### 3.2 A SÉRIE THIRTEEN REASONS WHY: UMA TENTATIVA DE ROMPER COM O TABU DO SUICÍDIO OU UMA INFLUÊNCIA PARA O ATO?

A série americana "*Thirteen Reasons Why*"<sup>24</sup> ou “Os 13 porquês” é baseada no romance do escritor Jay Asher<sup>25</sup>, publicado em 2007. O seriado que se popularizou no Brasil está disponível na Netflix<sup>26</sup> e permite fazer um paralelo importantíssimo com a pesquisa, justamente por retratar a questão dos jovens e as diversas experiências vivenciadas por esses sujeitos.

De forma a contextualizar brevemente a série, é possível mencionar alguns aspectos vivenciados e narrados por Hannah, personagem principal da série americana, que tem 16

---

<sup>24</sup> Original Netflix- 13 Reasons why: Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/80117470> Acesso: 31/05/2018

<sup>25</sup> No site *Editorial Presença* pode ser visto a descrição da biografia de Jay Asher e a obra *Por Treze Razões*, inspiração para o seriado 13 porquês. Disponível em: <<https://www.presenca.pt/autor/jay-asher/>> acesso em 29/08/2018

<sup>26</sup> Netflix, com origem nos EUA, é uma fornecedora de filmes e séries televisivas, sendo acessada por meios de assinaturas digitais: Disponível em: <https://www.netflix.com/br/> Acesso: 31/05/2018

anos e que recentemente mudou-se para a escola onde ocorre a trama. As experiências da jovem levam-na a cometer suicídio, e que serão descritos a seguir.

O seriado conta com 13 episódios, cada um deles revela um assunto das 13 fitas k-7 que são gravadas por Hannah. As fitas são entregues pelo correio a um amigo que repassa as fitas a cada um dos considerados culpados pelo suicídio da jovem.

Ao longo da temporada a personagem Hannah passa por muitas adversidades com os colegas da escola, amigos e relacionamentos afetivos, sofre por não conseguir lidar com os problemas e decide pôr fim a sua vida. As cenas expõem a jovem como vítima de várias violências e constrangimentos. Alguns aspectos envolvem: a exposição de fotos obscenas e boatos sobre sua vida, culpabilidade pelo término do namoro da amiga (mesmo sem ser culpada), é vítima de assédio sexual e exposta para a turma da escola, é humilhada em público em um encontro romântico com um garoto da escola, exposta por colegas que roubam e publicam sem seu consentimento um poema por ela escrito falando sobre seus problemas pessoais, sofre estupro de um colega, sentia-se sozinha e não tinha com quem contar e confiar, entre outros fatos. A mãe de Hannah percebe que ela está sendo vítima de bullying, manifesta essa questão à direção da escola, mas não resulta em nada.

As diversas experiências vivenciadas pela adolescente fazem-na tomar a decisão de acabar com seu sofrimento, tirando a própria vida. Mas, antes, há tentativas de manifestar o sofrimento que estava sentindo para a turma da escola e professores por meio de uma mensagem anônima dizendo que: o único meio de acabar com um sofrimento é acabar com tudo, com a vida. A mensagem foi lida pela professora da sala, mas sem que soubessem que foi Hannah quem escreveu.

Os comentários dos colegas de turma foram os mais diversos, inclusive de que quem decide acabar com um sofrimento por meio de atos que prejudicam a própria vida quer chamar a atenção. Apesar dos comentários em sala, um colega de Hannah sabia que foi ela quem escreveu a mensagem, mas não se manifestou em nenhum momento. A garota também procura a ajuda do conselheiro da escola, relata que um colega a estuprou e que ela estava sofrendo, mas ele não a ajuda, pois não percebe a gravidade da situação que a jovem estava vivenciando. Hannah vai para casa e comete suicídio cortando seus pulsos.

A série tem repercutido de forma significativa nos veículos de comunicação e auxiliado na visibilidade do tema do suicídio, promovendo inúmeros debates a favor e



desfavor da série. Provavelmente, sua popularização se dá em razão de muitos jovens que a assistem identificarem-se com as violências que aparecem na trama. Além disso, como a série vem dividindo opiniões por se tratar do fenômeno do suicídio entre jovens, possibilita uma análise sobre os discursos a respeito da série, por meio de noticiários.

Jornais, revistas e outros meios de informação e comunicação, expõe opiniões de diferentes especialistas, principalmente da saúde, afirmando que a personagem influencia o comportamento dos jovens que assistem ao seriado. Por exemplo, Buscato (2017), que escreve uma coluna com o título: “Série 13 reasons why estimulou ideias de suicídio, diz estudo” e publica na revista *Época*, aponta o estudo de um grupo de pesquisadores americanos liderados pelo epidemiologista John Ayers que afirma que o seriado impacta seriamente sobre a vida dos espectadores. A sugestão é a de que, com a exposição de relatos e temas sobre o suicídio, aumentam-se as chances dos jovens se matarem.

Para o grupo de pesquisadores (divulgado pela colunista), após o lançamento da série, buscas da internet ligadas ao suicídio, incluindo métodos para se matar, aumentaram consideravelmente. O aumento das buscas era em sua maioria sobre interesse e planejamento mental do suicídio, aconselhando que pais e professores devem aproveitar a exposição dos adolescentes a polêmicas com a da série para discutir o assunto sobre o suicídio.

As buscas na internet mostram diversos outros noticiários e estudos que se colocam contra a divulgação do seriado. Em contraponto, outros meios midiáticos e estudos de profissionais argumentam a favor da série, dizendo que ela teve um impacto positivo por levantar debates sobre transtornos psicológicos, assim como mostra uma coluna do *Correio Braziliense (CB)*, neste ano de 2018, que destaca estudos da universidade de Northwestern, nos Estados Unidos. O estudo do centro de mídia e desenvolvimento humano indica que aumentou o número de pais e jovens motivados a falar sobre suicídio depois de assistir a série, e que o tema do suicídio deixou de ser tabu após o contato com a série. Também ressalta que os jovens que assistiram ficaram mais confortáveis em falar com seus pais sobre o tema, e os pais dizem ter procurado entrar no assunto sobre o suicídio com os filhos. Além disso, os jovens que viram a série, disseram que é benéfico para sua faixa etária e que os temas tratados nos episódios são parecidos com a realidade que estão vivenciando. (CORREIO BRAZILIENSE, 2018)

Os debates midiáticos revelam também que após o lançamento da série houve um aumento na procura do Centro de Valorização da Vida (CVV), que é uma associação sem fins

lucrativos e visa o apoio emocional e prevenção do suicídio, através de atendimento gratuito por telefone, chat, e outros meios de comunicação. Dariele Gomes (2017), em coluna para o “Notícias do Dia” de Florianópolis, publica: “Jogo da Baleia Azul que Incentiva o Suicídio viraliza nas Redes Sociais entre os Jovens” e menciona que desde que a série estreou houve um aumento de 455% nos e-mails com pedidos de ajuda ao CVV que também oferece auxílio por chat, telefone e Skype.

No entanto para a psiquiatra Deisy Porto da ACP (Associação Catarinense de Psiquiatria) entrevistada pelo jornal, ainda é cedo para confirmar se o aumento na procura está diretamente relacionado à série. Em contraponto, de acordo com Gomes (2017), para Selena Gomez (produtora-executiva da série) a trama teve como intuito conscientizar as pessoas, para ajudá-las, pois o suicídio nunca deveria ser uma opção.

Considera-se válido ressaltar o tabu em torno do tema do suicídio. Há uma tendência de evitar o assunto, com receio de que ao se falar sobre haja um incentivo ao ato, assim como abordam profissionais da saúde nesta reportagem. Esses tabus podem gerar uma criminalização da série americana.

Pablo de Llano(2017) em publicação para o jornal El País, afirma que com o aumento do número de jovens envolvidos com jogos com apelos de riscos letais, e também com a série da Netflix “13 Reasons Why”<sup>27</sup>, houve uma maior visibilidade dos índices de suicídio, no entanto há muito tempo os dados são alarmantes. O jornal parte da hipótese dada pela professora de psiquiatria Sheila Cavalcante Caetano da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo), de que o estilo de vida modificou-se, repercutindo em situações que envolvem o estresse e a depressão e também o estilo de famílias cada vez menores faz com que os jovens passem mais tempo em atividades solitárias, dificultando criar vínculos efetivos e redes de apoio onde possam pedir auxílio.

Alguns aspectos aqui podem ser concluídos. Primeiramente de que as tecnologias estão inseridas de forma significativa nas experiências dos jovens, inclusive com um sentido de “concorrência” com as instituições familiares e escolar.

Giddens (2002) já afirmava que:

---

<sup>27</sup> EL PAÍS. ‘13 REASONS WHY’, OS MOTIVOS DE UM SUICÍDIO JUVENIL EM UMA FITA CASSETTE  
>[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/30/cultura/1490873530\\_837649.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/30/cultura/1490873530_837649.html)< acessado em 25/06/2018

A modernidade é inseparável de sua "própria" mídia: os textos impressos e, em seguida, o sinal eletrônico. O desenvolvimento e expansão das instituições modernas está diretamente envolvido com o imenso aumento na mediação da experiência que essas formas de comunicação propiciaram (GIDDENS, 2002, p.29).

Para o autor as tecnologias são influentes nas práticas dos sujeitos na sociedade, onde os meios eletrônicos podem ser uma preferência maior pelo público que a consome, se comparado aos materiais impressos, pela comodidade, praticidade e rapidez que desempenha. Os jovens podem, nesse sentido, interagir muito mais com as tecnologias, seja redes sociais, internet, e outros do que com as famílias, por exemplo. Os meios tecnológicos concorrem com instituições como a família, a escola e religião, por exemplo. Os jovens acessam frequentemente meios tecnológicos que podem, ou não, ser suporte nas questões cotidianas que estes atores estão vivenciando. As redes sociais, podem inclusive, ser um espaço em que buscam “superar” as dificuldades presentes na sociedade de “riscos” que estão inseridos.

Em segundo lugar, os espaços das redes sociais são considerados abstratos. Não são espaços concretos em que os jovens possam se apoiar de fato, em que possam confiar. São alheios a vida prática, e isso geralmente gera ansiedades, desconforto e angústias por não lhes trazer uma certeza e segurança.

A realidade é que nem sempre as redes sociais e a internet são espaços seguros, que geram confiança, pelo contrário, pode ser um espaço de riscos. De acordo com Giddens (2002, p.11) “a modernidade é uma cultura do risco”. Para o autor esse risco é gerado pelo próprio caráter globalizado dos sistemas sociais da modernidade, são riscos calculáveis, mas nem sempre exatos, e podem ser substituídos por outros ao longo do tempo. Quanto maior o risco maior é o desdobramento da falta de confiança, esta que está ligada com o próprio desenvolvimento da personalidade, desde a infância dos indivíduos.

A confiança estabelecida entre uma criança e os que cuidam dela instaura "inoculação" que afasta ameaças e perigos potenciais que até mesmo as atividades mais corriqueiras da vida cotidiana contêm. A confiança nesse sentido é fundamental para um "casulo protetor" que monta guarda em torno do eu em suas relações com a realidade cotidiana. (GIDDENS, 2002, p.11)

Para o autor, a confiança está ligada a uma crença/atributo em alguma pessoa ou sistema, levando em conta seus resultados e acontecimentos. A falta de confiança se intensifica no momento em que se tem a separação entre o espaço/ tempo/ lugar.

O jogo da baleia azul é um exemplo de espaço de risco acessado por jovens. Considerando que torna-se um risco apenas quando os adolescentes e jovens já encontram-se com situações de risco ao suicídio, com desesperança, tristes, angustiados, depressivos, e os

meios que acessam podem ser apenas um estímulo para colocar em prática pensamentos que já vinham sendo vivenciados, o que não quer dizer que o jogo seja o principal motivo de suicídio entre os jovens. Já em relação à série, a visibilidade deste seriado pode contribuir para que se tenha maiores debates sobre o assunto, e uma tentativa de romper com o tabu em torno do suicídio.

## 4 HISTÓRIAS DE VIDA

O item a seguir refere-se à apresentação das histórias de vida de Amanda e Fernanda. O nome das entrevistadas, cidades e instituições são fictícios, objetivando a preservação dos dados pessoais das participantes, a escolha dos entrevistados está relacionada às experiências com ideações e tentativas de suicídio e que já tenham sido superados atualmente.

As entrevistas foram adequadas em forma de texto e todas as informações disponibilizadas pelas entrevistadas, abordando as histórias de vida dentro da metodologia “História Oral”, conforme Alberti (2013). Os relatos trazem as experiências desde a infância até o momento atual, explorando nas conversas suas vivências e sentimentos com relação à família, escola, igreja, amigos, entre outros espaços socializadores.

### 4.1 AMANDA MARIA SANTOS

Meu nome é Amanda tenho 18 anos e eu nasci em Maravilha-SC. Desde pequena, até os meus 3 anos de idade eu morei com os pais juntos. Como tinha muitos problemas dentro de casa, eles acabaram se separando e até hoje eu moro junto com a minha mãe, não vejo muito meu pai. Sobre os antepassados, não sei muita coisa, mas dos problemas que tinha em casa mesmo, porque a minha mãe quando ela era mais nova, morava com minha avó, e minha avó expulsou ela de casa. O meu avô, eu também só conheci ele depois dos meus 3 - 4 anos. A gente não conversa muito com meu pai, eu e minha mãe, porque nem eu nem ela temos experiência boa com ele, então a gente evita falar.

Por parte de pai eu tenho 4 irmãos: dois homens e duas meninas e por parte de mãe eu tenho mais duas meninas irmãs. Meus irmãos, um deles eu sei que nasceu aqui em Barracão, perto da Argentina, os outros eu não também tenho muito contato. A minha irmã por parte de mãe nasceu em Xaxim, e a outra nasceu em... Xavantina. Na verdade, eu nunca tive muito contato com meus irmãos, por parte de pai eu só conheço um e tive contato com ele até uns 2 anos de idade aí depois eu não vi mais. Por parte de mãe, minhas irmãs, uma delas eu não sabia que era irmã, um caso complicado da família porque a minha mãe casou muito nova e quando ela casou a primeira vez ela teve uma filha, e não podia cuidar dela e deu para uma amiga. A gente visitava a amiga dela e a filha estava lá, mas eu não fazia ideia que era minha

irmã. [risos] Aí teve a outra, que também foi quando a minha mãe era muito nova e a família do pai dessa menina tiraram-a da mãe por ela ser não vou dizer que ela era negra, mas por ela ser mais morena e a família dele ser toda alemã e eles acharam que por ela ser morena ela não teria condições de cuidar da filha dela. Eles tiraram ela da minha mãe e criaram ela, e minha mãe acho que separou da filha dela e nunca mais tive tanto contato, até faz muito tempo que não vejo minhas irmãs.

Meu relacionamento com meus pais sempre foi mais complicadinho porque até meus 3 anos de idade eu morei com eles dois juntos, minha mãe ficou 15 anos com meu pai e eles eram muito religiosos, sempre foram bem religiosos, então eles começaram a ir numa igreja e depois de um tempo meu pai começou a trair minha mãe, ele batia muito na gente, de me deixar desmaiada na sala de casa, e batia muito na minha mãe, ela tem trauma até hoje de tudo o que ele fez. Eles se separaram quando eu tinha 3 anos e ele foi morar com a amante e ajudou a minha madrasta a cuidar da filha dela, que também é fruto de uma outra traição que ela teve. Eu descobri que o pai dessa menina traía a esposa dele com a minha madrasta e teve uma filha fora do casamento, e o meu pai ajudou a cuidar e tudo mais, e eles construíram empresa juntos. Hoje eles são bem de vida, mas eu evito contato com meu pai, em partes por causa disso, e porque ele é muito religioso e eu não acredito em Deus. Então, para ele se eu tenho tatuagem eu sou do Diabo (risos) se eu tenho Piercing eu sou do Demônio.

Primeiro que uma pessoa religiosa não deveria ter esse tipo de atitude, mesmo achando errado, querendo ou não é teu filho, e eu evito o contato com ele porque acho que já não o considero mais assim como meu pai. Logo que eles se casaram ele não deixava minha mãe trabalhar, não deixava minha mãe ter celular, minha mãe não podia estudar, minha mãe não podia trabalhar, cuidava de mim, lavando e limpando, aquela coisa bem machista. Depois que tudo isso aconteceu, minha mãe não tinha estudo, ela não sabia fazer muita coisa, não tinha terminado a escola e acabou entrando num relacionamento meio que para me criar, porque eu tinha 3 anos e ela não tinha com quem me deixar para trabalhar.

Como meu pai tinha dinheiro na época, ele era chefe da segurança do regional, ele tinha deixado bastante coisa em móveis e a minha mãe vendeu a metade, tinha 3 mudanças dentro de casa, digamos assim, e ela vendeu duas para poder conseguir dinheiro para poder pagar as dívidas que meu pai tinha deixado, que ele também fazia muita dívida e não pagava. Ela entrou num relacionamento com um outro cara para poder me cuidar, porque como ele era aposentado ele falou para morarem juntos, cuidar de mim, e ficaram até os meus 10 anos de

idade juntos. Meu padrasto era um cara muito massa, ele era muito gente boa, sempre cuidou de mim, como se eu fosse filha dele. Se ele tinha que me levar no médico ele me levava, como nós passamos por uma situação de aperto quando eu era criança, se tinha uma festa junina na escola, por exemplo, eu queria ir, minha mãe não tinha dinheiro para me dar para ir na festa junina e ele vendia alguma coisa dele para dar dinheiro para mim ir, coisas que meu pai nunca faria por mim. Minha mãe ficou com ele, ele me cuidou, me criou até meus 10 anos de idade, só que ele bebia, bebia bastante, mas ele nunca foi um cara de beber e ficar brigando, incomodando, batendo, só que a minha mãe não gostava pelo ato de ele beber e ela incomodava até ele perder a paciência começarem a brigar. Aí ele foi embora quando eu tinha dez anos, voltou para a cidade dele, que é Iguaçu, ele voltou a morar lá. A gente conversa por ligação, de vez em quando ele liga, mas pouco contato, mas eu o considero mais meu pai do que meu pai de verdade. Depois disso a minha mãe teve algum namorado, mas nada que nem meu padrasto foi.

Eu sempre tive muito problema com minha mãe, desde pequena eu acho que em partes por ela ter que se preocupar muito comigo, com as coisas dentro de casa, e ela não tinha como me dar atenção, às vezes eu ficava muito, muito... “puta da cara”, desculpa a palavra, porque às vezes a gente não quer presente, tu não quer... mas acho que não tenho mais problema com isso, me tornei mais madura por causa disso. Porque tu não quer presente, tu não quer roupa, essas coisas, tu só quer alguém que sente contigo e converse, que te dê atenção e na época tudo o que acontecia na minha vida, em partes foi por causa da deficiência de carinho. As pessoas falam muito fácil: “nada é desculpa para... nada é motivo para... para fazer o que você fez, quando acontece alguma coisa, uma pessoa que tem trauma faz alguma coisa, se mata por qualquer coisa “há, não é motivo e tal”. É motivo! Qualquer coisa é motivo quando a pessoa tá mal, porque se a pessoa já tá mal, você pode ou enterrar, ou levantar, se você não cuida o que você fala para as pessoa, você enterra sem perceber, entendeu?! Muita coisa acontece por causa disso.

Quando eu era pequena antes de meus pais se separarem eu ia com ele numa igreja, aí eles se separaram e minha mãe parou de ir na igreja. Quando foi em 2010 por aí a gente voltou, eu voltei a ir na igreja só que eu ia por ir mesmo. Em 2014 depois de muita coisa que aconteceu na minha vida eu decidi voltar para a igreja e aí quando eu voltei para a igreja foi mais uma reviravolta muito grande na minha vida, e mesmo eu não acreditando hoje em Deus considero muita coisa que a religião fala, que a própria Bíblia fala, mesmo criticando muitas coisas tem muita coisa que eu aprendi na igreja e que eu levo para a minha vida, questão de

caráter questão de tipo vamos supor você não pode julgar uma pessoa pelo que ela tem por fora porque você não sabe o que tem dentro dela. A gente vê muito hoje... os caras engravatado tão roubando, então... o que vai definir uma pessoa por ruim, é a roupa dela? É o jeito como ela se porta? é o jeito como ela fala? Tem gente que fala um monte de gíria, e que fala um monte de coisa e anda num estilo totalmente diferente do que a sociedade quer que a gente ande, e é muito melhor como pessoa do que uma pessoa que está dentro da igreja ou está andando de terno e gravata. Eu aprendi a não julgar as pessoas. Na igreja a gente usava um termo muito religioso, a gente costumava falar que quem moldava uma pessoa era Deus e não a gente[...]Se Deus não estava julgando essa pessoa porque a gente que ia julgar? Mesmo que eu não acredite em Deus, uso essa frase como se fosse. Se eu fosse meu pai, se eu fosse religiosa, se Deus aceita ela como eles acreditam, se Deus aceita ela do jeito que ela é, porque eu que sou o pai dela não vou aceitar? Se eu fosse uma pessoa religiosa eu não ia fazer isso porque.... O Deus que eles pregam, é um Deus de amor, um Deus que...aceita as pessoas do jeito que elas são, e aquela coisa toda. Então pra que julgar? [...] Pra começar, meu pai não me criou, meu pai não me deu nada, nunca, o que precisei ele não me deu, pagava uma “merreca” de pensão, parece que ele achava que dava pra sobreviver, e não era aquilo que eu queria, eu queria um pai, e eu não tive. Então, porque o pai que eu tive não me criou, que não me ensinou os princípios que deveria ter me ensinado, tudo bem, eu tive minha mãe, e nunca vou desmerecer ela por nada, pelo que ela fez por mim. Se o cara que tinha do meu lado, junto com minha mãe, me cuidando, me ensinando, junto com ela, dando o apoio que ela também precisava, por que ela também sofreu muito, se ele não fez nada disso, agora vem dizer que eu sou um desgosto para ele, porque eu tenho tatuagem? Sabe, coisas assim que me fazem pensar.... “que cara que é esse na vida?” Entende? Ele vive no mundo dele por isso que eu acho que às vezes a religiosidade faz as pessoas não pensarem tanto como elas deveriam.

Eu acho que as pessoas têm que ter no que acreditar, as pessoas são carentes de acreditar em alguma coisa, ou algo que as pessoas possam acreditar, estão “presas” no medo, sabe?! Tipo, se... você não fizer isso você vai para o inferno, e elas ficam tão presas naquilo, que elas esquecem que talvez não tenha um inferno, e talvez não exista, entende? Elas estão presas naquele pensamento que elas têm e não conseguem se abrir para olhar para outras coisas, eu sei porque eu passei por isso. Eu vivi quatro anos indo na igreja, fazendo tudo direitinho porque se eu não fizesse tudo certinho ia pro inferno. Quando tu conhece outras coisas tu pensa: “Poxa, eu posso ser legal, posso ser uma pessoa com caráter, seguir os meus princípios, com caráter, da forma que eu tenho que ter, sem tá preso em algo e com medo de ir



pro inferno” (risos). As pessoas não podem pensar que pode ser que algo não exista, elas não começam a estudar uma outra coisa, elas aprenderam uma coisa e vão acreditar nisso a vida inteira com medo de ir pro inferno, é isso o que eu acho, sinceramente.

\*\*\*

A família significa a base. Cada lugar é lugar para aprendermos alguma coisa, na escola a gente aprende geografia, história, essas coisas, a escola não vai ensinar princípios para ti, ela vai ensinar o que tu tens que aprender. Na rua você escolhe o que você vai ser da tua vida e você decide pra onde tu quer ir. E a família te ensina o que a rua vai te mostrar, como é que eu posso te dizer isso. Se a família me dizer o que vou ver na rua, eu vou saber se eu quero...pra que lado que eu quero ir na rua, entendeu?! Lá você vai encontrar tal coisa, no mundo você vai encontrar tal e tal coisa, e você vai ter que saber pra onde você vai querer ir. Quando você encontrar isso lá na rua você já sabe para onde você quer ir. Você sabe o que é certo, o que é errado, e se quiser seguir você vai seguir, entendeu. Agora...quando você não tem uma conversa, quando não tem nada dentro de casa, você fica muito frágil às coisas que tem na rua. Ou você não sabe pra onde vai querer ir, ou você vai querer ir pelo caminho mais complicado, só pra saber o que tem lá, por curiosidade, digamos assim. Ou você vai testar os dois caminhos, aí você primeiro “quebra a cara” depois vai pelo caminho certo porque quebrou a cara, como no meu caso. Quando eu tinha oito ou nove anos de idade começou os problemas com minha mãe e eu já tava numa fase que brigava muito, discutia demais e não tolerava mais querer me mandar. Com dez anos eu comecei a me envolver com “mal caminho” digamos assim, que aí eu comecei me envolver com drogas e vendia drogas, vendia armas. Então, porque eu falo que a pessoa fica muito frágil ao que tem lá fora?! Porque, como você não teve carinho, você não teve nada disso, a primeira pessoa que te der atenção lá fora você vai achar que é.... “Meu Deus” sabe, você vai achar que a pessoa realmente tá te dando carinho, tá te dando atenção, então é seu amigo. E a primeira pessoa que de der atenção você vai achar que é teu amigo. E eu com dez anos foi exatamente isso que aconteceu, as pessoas que me davam atenção, queriam eu por perto e achavam que eram meus amigos. Imagina eu, uma criança, começo a me envolver com alguma coisa, prova vê que a sensação quando tu está sob efeito de alguma coisa é melhor do que quando está lúcido, porque quando tu tá lúcido você tem que encarar seus problemas, quando você está sobre efeito de alguma coisa, você tem que ficar ali acabou, fica viajando e pronto. Eu pegava, usava as coisas e tava querendo sempre provar algo mais forte, porque talvez aquilo que eu tinha usado a cinco minutos atrás já não era mais tão bom quanto poderia ser algo mais forte e aí foi assim, fiquei

usando drogas e vendendo, escondendo para os meus amigos e isso sem a minha mãe saber. Minha mãe, como estava mais preocupada em pôr comida na mesa, eu não julgo ela por nada disso, sabe, mas é porque as pessoas têm que saber que nem tudo vai saciar. Dizer que você traz comida pra dentro de casa, que você sustenta sua família não é o suficiente, nunca vai ser o suficiente. Se você não conversar, se você não tipo, eu comecei a conversar sobre namorado, essas coisas, com minha mãe agora quando tenho dezoito anos, sendo que a maioria das meninas hoje começam a falar com dezesseis, quinze, começam a ter conselho da mãe e tudo mais, eu nunca tive conselho. O que minha mãe dizia era assim: “se você quebrar a cara na sua vida, o problema é teu, porque você escolheu quebrar a cara na tua vida, você tem que saber o que é certo e o que é errado”, foi isso que eu recebi na minha vida. Não foi: “você não pode usar drogas, você não pode fazer isso, você não pode se envolver com más amizades” essas coisas todas.

Acho que foi em partes por isso que acabei me envolvendo com pessoas erradas, daí tipo comecei usar drogas, comecei vender, aí com quatorze anos, em... agosto, eu tive uma overdose. O que aconteceu: em julho... agosto... agosto de 2014 teve uma festa junina na minha escola e eu tinha que ajudar pra ganhar nota e eu estava saindo da festa junina da escola, um pessoal da igreja que eu ia quando eu era pequena com meus pais estava na porta convidando os jovens pra ir no grupo de jovens, e eu falei que na outra semana eu iria, aí eu fui na outra semana porque como a festa atrasou aquele ano, foi só pra agosto a festa junina da escola e eu falei que naquele dia eu não poderia ir- que era num sábado, e eu fui na outra semana, no sábado. Aí eu fui, e como eu era bem desconfiada, justamente por me envolver com tudo aquilo que me envolvi, vender drogas e essas coisas todas eu aprendi a não confiar nas pessoas, porque é perigoso. Eu ficava bem desconfiada, sabe, quando alguém chegava pra conversar... e na igreja todo mundo chegava pra conversar, chegava pra brincar e como eu tinha quatorze anos eu pensava: “ai meu Deus, gente, como é que vocês conseguem”, porque eu não era feliz, sabe, eu... vivia com a “cara amarrada” e só conseguia dar risada se tivesse em efeito de alguma coisa ou bêbada. Chegava aquele povo todo para conversar dando risada e eu pensava: “mas gente, de onde é que vocês tiram felicidade?” (risos) porque eu não conseguia entender, sabe. Eu lembro que aquilo me chamou muito a atenção. E na outra semana eu continuei indo algumas vezes no sábado na igreja, umas três semanas, eu lembro, era uma quarta feira eu saí mais cedo da escola, tinha reunião e eu saí no recreio, eu lembro que na época a minha mãe tava vendendo aqueles talão do Oeste Mania, a mãe vendia aquilo lá, saía de manhã cedo e vendia até meio dia e voltava pra casa fazer o almoço, depois voltava

pra vender e chegava só de noitezinha em casa. Eu saí mais cedo da escola com amigos meus e a gente foi beber, começamos a cheirar, fumar maconha e quando vi tinha aquela mistura de coisa e eu já não sabia mais nem onde eu tava. Já tava que nem meus amigos diziam “chamando Jesus de Genésio”(risos). Chegamos na casa de um amigo meu e eu já não aguentava mais nem comigo e usamos mais um monte de coisas lá e eu não conseguia nem caminhar, ele também estava muito mal. Eu cheguei em casa... e ele só me largou na frente de casa, perto do portão, eu levantei aí fui entrar dentro de casa. Quando eu entrei dentro de casa, meu vô tava sentado na sala, eu dei benção pra ele tentando fingir que eu tava normal, porque minha mãe não sabia de nada do que eu fazia... eu passei quatro anos vendendo drogas e fumando, fazendo o “diaba a quatro” e ela não sabia de nada. Tranquei a porta, fui pra cozinha pra arrumar a mesa porque eu sabia que daqui a pouco ela ia estar em casa pra fazer almoço, quando eu abri a geladeira eu desmaiei, eu apaguei, não vi mais nada. Lembro que (riso) -essa parte era engraçada- eu acordei, abri bem pouco o olho e estava escutando tudo o que acontecia ao meu redor, escutei a porta abrindo e minha mãe perguntando de mim: “pai, e a Maria?” Meu vô falou: “tá dormindo na frente da geladeira, na cozinha”. Minha mãe se pergunta até hoje quanto tempo eu fiquei lá desmaiada na frente da geladeira, ninguém tem ideia, e meu avô pensava que eu estava dormindo, ele falou: “a, ela tá dormindo na frente da geladeira”. Minha mãe já desconfiava do que poderia ter acontecido e saiu correndo, quando eu tava jogada lá. Nossa! Aquele dia foi tenso, porque eu apagava e acordava, apagava e acordava... e como todo mundo pensava que eu só tinha bebido, eles estavam me dando café, só que café acelera mais, e eu já tinha cheirado, já tinha o energético que eu tinha tomado, já tinha fumado, já tinha usado tudo o que tu imaginar, aí tu dá café para uma pessoa, que já está com o coração quase “saindo pela boca” é muito perigoso. Aí eu lembro que me colocaram embaixo do chuveiro e fiquei um bom tempo na cama, eu não queria ir para o hospital quando eu acordava, porque daí tipo eu acordava- voltava, acordava- voltava, e em uma das vezes que eu acordei eu estava na cama da minha mãe e todo mundo já estava lá, umas vizinhas lá em casa, a minha melhor amiga tava do meu lado na cama chorando, desesperada. E todo mundo dizia: “Temos que levar ela para o hospital” e eu gritava não, que eu não queria ir para o hospital e morrendo, e daí eu pedia perdão pra minha mãe, pedia perdão, me desculpa. Eu apaguei, quando acordei eu tava chamando um dos pastores da igreja, que ele era o que cuidava dos jovens e eu gritava o nome dele: “Pastor Lúcio, pastor Lúcio”. Ligaram para este pastor e colocaram o telefone no meu ouvido para ele falar comigo, começou a orar pelo telefone. Por fim me levaram para o hospital, e eu apaguei de novo, quando acordei no meio do caminho dentro da ambulância, comecei a cantar o hino da igreja: “não temo mais o

mal...” (música) Depois eu lembro que estava na UTI com um monte de médicos ao meu redor no local e eu lembro que foi um negócio muito louco. Essa última vez que eu acordei, que eu estava na UTI, entrei em coma três dias e quando eu saí eu lembro que não conversei muito com a minha mãe sobre isso, mas hoje a gente lembra e dá risada, mas naquela época não, a gente evitou conversar ao máximo. Saí do hospital, voltei pra casa e entrei mesmo na igreja assim e tive um cargo dentro da igreja por quatro anos que fiquei e saí depois. Geralmente as pessoas tem que ter no que acreditar, eu já tinha passado tudo o que eu já tinha passado, você fica muito frágil de algumas situações, e pensa: “vou me alimentar disso porque isso vai me ajudar” Querendo ou não a igreja me ajudou muito. Se tudo o que eu fazia errado antes, eu não estava mais fazendo, eu tava sendo aquela pessoa certinha que todo ‘bom’ religioso é, por medo de ir para o inferno tu faz tudo certinho. E aí como isso aconteceu comigo, eu pensava, agora eu vou me endireitar, é que eu precisava de uma religião, de alguma coisa pra me dizer como tinha que ser pra eu endireitar minha vida, digamos assim, foi exatamente isso.

\*\*\*

Eu me mudei da casa da minha mãe em janeiro agora, tinha me mudado e fui morar numa república com mais umas meninas e por causa de uns outros episódios que aconteceram também ano passado. Eu estava morando lá com elas até o mês passado e meu pai depositava pensão, ele ainda deposita pensão pra mim. Só que ele descobriu que eu estava morando lá com elas, aí quando ele descobriu ele falou que só ia continuar pagando pensão quando eu voltasse para a casa da minha mãe. Aí como eu não estava trabalhando eu tive que voltar. Estou morando com minha mãe de novo. Tive que me acostumar de novo pois é bem diferente morar sozinha, você tem a sua liberdade, e tu vai morar na casa da tua mãe tem horário para tudo, essas coisas, mas...

Em relação à liberdade: tu pode chegar e sair a hora que tu quiser, não precisa ficar dando satisfação da tua vida, não preciso dizer: “ah, vou no banheiro, já volto.” E é bem isso, pelo menos comigo é assim, eu tenho que dizer pra onde eu vou, a hora que eu volto, a hora que eu vou sair, se ela disser que não, eu tenho que ficar porque ela tem a chave, se ela quiser ela me deixa para fora.

A minha relação com a família não tá aquelas coisas né, mas a gente vai levando, sabe. Porque não adianta, mãe é mãe.

\*\*\*

Eu sempre fui uma pessoa que sempre tentou ser amiguinha de todo mundo, isso é o que acontecia. Sempre tentando ser amiga de todo mundo. Eu era uma criança muito calma quando eu era pequena, até minha mãe fala que quando ela ia fazer o serviço ela me deixava na frente da televisão e eu ficava com os olhos “grilados” assistindo. Eu nunca fui uma criança bagunceira, eu sempre fui muito calma, na escola eu sempre, (quando eu era menor) sempre tive muita dificuldade de aprender, porque eu sempre tive muita dificuldade de prestar atenção nas coisas. Eu era amiga de todo mundo na escola, nunca tive problema, mas a única vez que eu acho que minha mãe foi chamada na direção eu lembro que era porque eu sofri bullying quando eu era pequena, muito bullying por eu ser magrinha, porque eu sempre fui a mais alta da turma e a mais magrinha, aí eu sofria muito, me chamavam de magrela, de esquelética, de seca, de vassoura, falavam: “ah, cesta básica, só volta carne”. Sempre sofri muito bullying. E aí geralmente quando minha mãe era chamada, eu falava para ela o que estava acontecendo e minha mãe mesmo com todos os problemas ela sempre foi muito protetora, tipo “se encostou em mim, morre!” Se acontecia qualquer coisa e eu ia falava pra ela, ela ia pra escola e “quebrava o pau”. Eu sempre fui bem tranquila, nunca tive muitos problemas porque eu acho que, procurava ser amiga de todo mundo, só que eu não sei o que aconteceu, tipo, não sei se foi carência, ou o que foi que até dos meus oito anos até os quatorze quando eu fui pra igreja, eu tive depressão e aí que foi a minha fase mais complicada, aí ao mesmo tempo que eu tinha depressão, eu também tava envolvida com drogas, tava querendo me matar e aquela coisa toda.

\*\*\*

Memória vívida da infância: Tem várias assim, mas tem duas que são as mais fortes porque quando meu pai morava lá em casa, ainda morava com a gente, até os meus três anos que foi quando ele começou a brigar com a minha mãe. Antes era tudo bem sabe, eu lembro de que era tudo tranquilo, era só felicidade sabe, era parente direto em casa, era bem família, e eu lembro que a gente morava numa casa bem grande que tinha a garagem, aqui tinha uma porta e aí tinha outra(indica com gestos) tinha duas portas, uma para entrada por aqui(indica) e outra pela garagem. Nessa porta da garagem ele sempre entrava, estacionava o carro e eu ficava atrás dessa porta na garagem e eu colocava o dedinho mindinho pelo buraco da porta e ele ia lá e apertava, e todo dia sempre chegava do trabalho, sempre a mesma coisa. E quando as coisas começaram a ficar ruins, que ele chegava, brigava, teve um dia que ele chegou e ele já chegou brigando com a minha mãe, já chegou gritando, batendo nela e eu comecei a chorar, chorava desesperadamente. Aí ele parou de gritar com minha mãe e falou: “o que você quer?”. Você não me cumprimentou na porta hoje, aí ele começou a chorar. Aí eu lembro que

de noite quando ele chegou do trabalho, que minha mãe não queria mais deixar ele entrar, que daí foi quando eles se separaram, ela não queria mais deixar ele entrar e ele fazendo barraco fora de casa, na porta da garagem, pedindo pra eu colocar o celular dele na estante e minha mãe disse pra eu não fazer, porque se eu colocasse o celular dele na estante ele ia querer entrar, e a minha mãe não ia deixar ele entrar. A minha mãe disse que não ia mais deixar ele entrar, e ele gritando falou: “Então alcança as minhas roupas”. Ela colocou todas as roupas dele dentro de uma sacola e jogou para fora, e ele levou todas as roupas dele no lado de casa e tava querendo colocar fogo na casa, comigo e com minha mãe dentro. Eu lembro que ele deu um soco no vidro e quebrou todo o negócio de vidro da garagem e a mão dele ficou toda ensanguentada e tinha machucado toda a mão, minha mãe não abriu a porta, em momento nenhum e a gente ficou lá dentro. Foi quando meus pais se separaram. Deu muita briga depois, porque o juiz determinou que ele tinha que me buscar de quinze em quinze dias para visitar, só que ele não ia de quinze em quinze dias, ele ia a cada um ano, se ia. Por ano eu via ele umas três vezes e a minha madrasta nunca gostou de mim, aí eu lembro que teve uma vez que ele foi levar uma cesta de natal pra mim que ele... (risos) hoje eu e minha mãe damos risada, daí ele deixou a cesta de natal na porta da garagem, isso quando minha mãe já estava com meu padrasto. Ele deixou a cesta de natal e queria me entregar e eu fui lá atender e disse que minha mãe não estava em casa, que ela tinha ido pegar leite na assistência social pra mim, e ele deixou na porta da garagem e minha mãe chegou, meu padrasto tinha um revólver e a minha mãe estava lá dentro puxando o revólver de um lado para o outro, ela pegou o revólver da mão do meu padrasto e tinha tirado as balas, e aí jogou o revólver na cara do meu padrasto, e eu tentando puxar a cesta, só que era uma cesta muito grande e eu era bem pequenininha, e tava levando de arrasto a cesta e eu puxando a cesta. Aí ela pegou as balas do revólver foi pra fora e mostrou pro meu pai: “essa daqui é pra você, essa daqui é pra sua mulher, aquela desgraçada, essa é para a filha dela” mostrando as balas pro meu pai. Enquanto isso acontecia eu levava de arrasto a cesta para dentro de casa, eu acho que eu tinha uns 4 ou 5 anos.

A outra era de uma vez que tinha uma novela, acho que era Chocolate com Pimenta, que tinha o Petruchio, e eu lembro que quando eu era pequenininha eu assistia e via ele se escondendo embaixo da cama, e como eu era criança eu queria fazer igual, e aí eu fui, me escondi embaixo da cama e eu não queria sair por nada, e o meu pai me mandava sair e eu não saía e minha mãe estava tomando banho, aí ele pegou um cabo de vassoura e ele me dava “cabada” de vassoura pra eu sair debaixo da cama, aí eu fiquei desmaiada. Minha mãe saiu do banheiro, me viu desmaiada embaixo da cama, e eu estava com febre, ela teve que me tirar,

chamou a ambulância, daí eles pediram o que tinha acontecido e minha mãe não podia falar porque meu pai batia nela, daí ela tava com medo dele e não queria falar, daí disse: “ela tá com febre, não sei o que aconteceu e tal, desmaiou” só que eu estava desmaiada de tanto ele me bater. E fui para o hospital e quando eu voltei lembro que eu estava com febre, só que controlada por causa dos medicamentos, eu estava na cama e a minha mãe estava fazendo chá para mim, e ele falou: “Você deveria estar fazendo chá para mim, eu sim estou mal”. Minha mãe não sabia o que fazer porque eu estava mal na cama e meu pai brigando com ela, e acho que essas foram as mais piores, assim, digamos.

\*\*\*

A minha mãe sempre cuidou de mim, logo que ela se separou do meu padrasto tinha uma amiga dela que, como ela gostava de sair, ir para bailes, a filha da amiga dela cuidava de mim, ela tinha uns 18 anos na época, e minha mãe me deixava na casa dela e ela cuidava de mim. Mas eu sempre fiquei com minha mãe, mesmo depois que ela se separou ela vendeu coisas, porque ela não conseguia trabalhar, não tinha experiência e não conseguia emprego, aí eu sempre ficava em casa. Como meu padrasto era aposentado, também fazia bico como caminhoneiro e a minha mãe sempre ficava em casa. Só teve uma época que estava trabalhando na empresa Bondio, e ela trabalhava e eu ficava com meu padrasto quando ele não estava trabalhando, quando ele não conseguia viagens, ficava em casa e eu ficava junto com ele. Na época que fomos no Médici ela varria a rua e eu ficava com ele, que cuidava de mim.

\*\*\*

Quando eu era pequena, a mãe sempre era cuidadosa, ela não deixava eu sair para a rua brincar com ninguém, porque ela tinha medo de eu me machucar. Então eu saía da escola escondido para a casa das meninas brincar, logo depois da escola eu ia direto para a casa das minhas colegas brincar. Não era tão perto, era mais perto da escola onde nós morávamos, aí eu ia na casa brincar e a minha mãe aparecia quase louca na casa de todo mundo, me procurando porque eu não tinha chegado em casa [risos]. O meu pai sempre me dava muito brinquedo, eu tinha uma caixa muito grande de brinquedos, e eu lembro que eu brincava sozinha em casa, com as minhas bonecas, minhas panelinhas. Lembro que eu tinha muito brinquedo, e quando eu me mudei pro Médici, meus pais já tinham se separado, que daí a minha mãe estava com meu padrasto, eu tinha umas vizinhas que a minha mãe deixava brincar de vez em quando, e no que eu ia brincar com elas, elas diziam “ah, traz seus brinquedos que a gente brinca aqui, depois você leva de volta”. Chegava na hora, eu esquecia

de levar para casa e eu ia pegar no outro dia, e esquecia de pegar no outro dia e deixava. Eu lembro que era uma caixa cheia de brinquedos e aí quando vi não tinha mais nada, porque elas me roubaram tudo meus brinquedos, e quando a gente voltou a morar no bairro que a gente morou com meu pai, no Santo Antônio, eu já não tinha mais brinquedo nenhum, não tinha nada de brinquedo, nada, nada, nada. E a minha mãe também não tinha dinheiro para me comprar mais brinquedos, não tinha dinheiro para comprar panelinhas e essas coisas.... Como eu não tinha ninguém para brincar onde eu voltei a morar, a minha mãe não deixava eu brincar com os vizinhos, ela não gostava que eu brincasse com os vizinhos, porque os da frente tinham muito dinheiro, e ela não queria que eu visse as coisas que eles tinham e depois eu quisesse, ela queria que eu me acostumassem com o que eu tinha, era eu, ela e deu. Tinha os de trás (vizinhos) que a menina era meio “fora da casinha” e ela não queria que eu brincasse também por birra dela mesmo, mas eu acabava brincando mesmo de vez em quando. Eu lembro que eu ia para fora nos dias de calor e eu pegava barro, a mãe tinha me dado um potinho de margarina, e eu pegava aquele potinho de margarina e enchia de barro e eu botava bastante terra, bastante barro e eu fazia as panelinhas para brincar, eu fazia bem certinho o formatinho, moldava no barro e deixava em cima dos tijolos secando, lá em casa. No dia seguinte eu ia lá, pegava e brincava, era sempre assim depois que eu me mudei.

Na época, quando a gente se mudou para lá, era bem perigoso. A gente morava ao lado de um mercado e do lado desse mercado tinha sempre um carreirinho, bastante árvores, bastante mato. Na época que a gente se mudou para lá, uns caras drogados faziam casinha do lado do mercado para usar drogas de noite, aí era bem perigoso na época, vinham do lado de casa usar drogas. Mas eu conheço todo mundo daquele bairro, hoje os caras que usavam drogas são todos meus conhecidos. Então, hoje está bem mais tranquilo o bairro, do que naquela época, conheço todo mundo e tal.

\*\*\*

Eu saí da igreja em 2017, ano passado, em abril. Depois que eu saí ainda fui algumas vezes, porque tem algumas pessoas da igreja que eu ainda gosto bastante, são amigos. Fui uma ou duas vezes, mas como quando eu saí eu conheci outras coisas eu não tive mais contato e prefiro não ter, porque por mais que eu sou bem grata por ter aprendido bastante coisa interessante, eu também aprendi bastante coisa fora. O que eu tenho na cabeça hoje não me permite mais ver as coisas da mesma forma que eu via antes, ou um desespero para ter algo pra acreditar.

\*\*\*



Encontros de família foram bem poucos, hoje eu não gosto de família. Hoje é minha mãe e deu, sabe? Eu não sou nenhum pouco próxima da minha família, eu não gosto[riso] mas eu lembro que quando eu era pequena a gente viajava bastante, mais para os parentes do meu pai do que da minha mãe. Eles também vinham aqui em casa, que era uma casa grande daí todo mundo posava junto, aquela coisa de primo pra tudo quanto é lado e colchonete. Churrasco de família, bem tradicional mesmo. Depois não tinha mais muita coisa em família, assim. Como tinha umas priminhas, a gente brincava bastante, então eu acho que gostava, não sei dizer certo como me sentia, mas acho que eu gostava porque eu era criança, não via muita coisa, sabe?

\*\*\*

Teve um dia, que acho que foi um dos dias mais complicados. Teve uma vez que meu padrasto vendeu alguma coisa do carro dele para mim ir na festa junina porque minha mãe não tinha. E minha mãe tinha ido fazer uma limpeza na casa de uma amiga dela. Aí ela vendeu um... acho que foi uma panela elétrica cara que ela tinha, algo assim pra comprar uma roupa para mim ir na festa junina. Eu lembro que ela comprou um casaquinho rosa, uma meia calça rosa e uma sapatilha rosa para mim ir, porque era um dia de chuva, comprou um casaquinho bem compridinho. Antes de ela sair ela arrumou chiquinha, fez uma maquiagenzinha e meu padrasto tinha me dado 10 reais para mim ir na festa junina. A minha mãe tinha ido fazer limpeza e eu ia sozinha na festa junina. Tava chovendo e eu lembro que quando eu estava descendo, perto da escola, tinha uns guri no meio da chuva e eles foram vindo atrás de mim, me seguindo, e eu era uma criança, não sabia nada da vida. Quando eu vi, ele só colocou a mão no meu bolso e eu senti ele colocar a mão no meu bolso, eu tinha uma bolsinha de sapinho com os 10 reais e ele pegou e eu não vi. Fui para a festa junina e quando cheguei lá, estava todo mundo com pais, comprando doces, e eu era uma criança, sabe, eu não entendia muita coisa. Eu tinha escolhido uma mini pizza e estava toda feliz porque eu nunca tinha dinheiro pra comprar e naquele dia eu tinha. Aí eu fui colocar a mão no bolso pra pegar a carteira e eu estava com a pizza na mão, fui pegar minha carteira e pensei: “meu Deus, cadê minha carteira... será que caiu? Aí eu lembrei do guri, devolvi a pizza na hora para a mulher da cantina e fui pra casa no meio da chuva, chorando por causa daquilo. Cheguei em casa chorando e meu padrasto pediu: “porque você está chorando? ” e eu expliquei o que tinha acontecido, daí ele começou a chorar porque me viu naquela situação, eram dez reais, então pra ele não era nada, só que sabe quando...[chora] todo mundo lá com a família, se divertindo, comendo e eu não tinha dinheiro para comprar, nossa foi muito complicado para mim. Hoje não é nada, mas naquela época, nossa.[chora]

\*\*\*

Eu lembro que meu pai não queria que eu estudasse tão cedo, queria me colocar na escola mais tarde, e logo que eles se separaram, quando eu tinha três anos eu queria ir para a escola, aí minha mãe me colocou na escola e ela não tinha dinheiro para comprar caderno, e eu tinha um caderno que eu usava para desenhar, aí eu peguei aquele caderno, limpei ele, tirei as folhas que tinha desenhado e fui com ele e uma caneta na escola, só que meus colegas já sabiam escrever no prézinho, e eu não. E eu demorei bastante pra aprender, estudei até a nona série no municipal, depois eu fui para a estadual. Até a nona série eu mudei uma vez de escola, eu estudei até os cinco anos no Santo Antônio, depois eu fui para o Médici, meu deus eu odeio aquela escola, mas é... João Pedro. A gente ficou um ano morando ali, daí eu mudei de volta pro Santo Antônio. A escola João Pedro é muito ruim. O ensino é ruim, e eu falo até hoje que saí mais burra do que entrei, mais é a questão de ensino, porque embora eu tenha brigado na escola já, teve uma época que eu lembro que eu briguei, a minha mãe estava trabalhando de varrer rua e ela tinha comprado umas bolachas para mim, e tinha umas meninas que se jogaram por cima de mim, vinham correndo e se jogavam em cima do colo da pessoa e eu só ficava pensando: “que não venha pra cima de mim...” e eu tava com a mão mole, segurando o pote e a desgr\*\* veio e se jogou por cima do meu colo e voou as bolachas por cima de mim, gente do céu, a raiva que me deu aquilo, eu fui pra cima dela e gritei “sua desgraçada, as minhas bolachas, eu vou te matar” e eu pirada por causa das minhas bolachas, porque estavam caídas na areia e não dava para pegar de novo. Entrei na sala bem na hora que bateu o sinal, o professor estava chamando a gente dentro da sala, e na última aula era educação física, nunca esqueço, que eu falei “vou te pegar no parquinho”, brigando. Chegou no parquinho, estávamos se encarando, e eu cheguei gritando e peguei ela pelos cabelos e joguei no chão, e falei: “você vai pagar as bolachas pra mim”. Fiquei um ano naquela escola, depois eu me mudei de volta para o Santo Antônio com minha mãe. Eu sempre gostei dali, eu acho que por eu conhecer todo mundo, por a diretoria da escola também ser muito boa, era pertinho de casa, uns 15 minutos, e eu já conhecia todo mundo, sabe. Eu acho que eu gostava por causa disso. Como era pertinho, eu ia a pé.

O acompanhamento da minha mãe era ir quando dava “treta”, se alguém mexesse comigo ela ia. Ela não era tão envolvida, se preocupava com minhas notas, mas nunca foi algo de ir seguido na escola, reunião ela foi em uma que eu lembro. Também, eu e minha mãe nunca demos bola para essas coisas. Lembrança ruim de quando eu sofria bullying, todo mundo zoava, acho que mais sério que isso não.

\*\*\*

Geralmente uma criança com dez anos não pensa muito nas coisas. Eu acho que por eu ter me envolvido muito cedo com drogas, eu amadureci muito rápido, quando menos eu percebi. Eu era muito desconfiada, então eu acho que eu nem percebi quando eu vi eu já estava com ‘a cabeça lá na frente’. Como eu tinha que pensar rápido nas coisas eu era muito desconfiada, eu amadureci muito rápido, não tive algo muito significativo, mas acho que basicamente foi isso, quando eu percebi eu tava crescida[sentimento de infância perdida]. Eu acho que você tem que ir no seu tempo, cada um corre o seu próprio horário, seu próprio tempo. As vezes pra você com vinte e cinco ter uma empresa está ótimo, talvez eu com cinquenta anos esteja trabalhando de empregada de alguém, seja meu tempo, ou uma pessoa com cinquenta anos fazendo faculdade, ou uma pessoa com vinte e três que parou os estudos no ensino médio. Cada um percorre o próprio tempo, cada um tem um tempo para suas próprias coisas. Eu não posso dizer, você tem 22 e tem uma empresa e eu com 22 quero ter uma empresa, ter um carro, ter uma casa, entende.

O que mais mudou da infância para a adolescência foi a cabeça, pois antes eu não pensava muito para fazer as coisas, acho que por tudo o que eu passei eu não pensava nas coisas. Agora não, agora eu tenho a cabeça bem mais clara, eu sei o que eu quero, eu sei onde quero chegar, e eu sei o que eu tenho que fazer para chegar lá, então eu não vou me desviar daquilo que eu pensei pra mim.

\*\*\*

Frequentar a igreja foi muito importante, porque depois de tudo o que eu passei, querendo ou não foi uma base para eu aprender muita coisa. Mesmo que a maioria das pessoas faça as coisas por medo de ir para o inferno, como eu falei, eu aprendi muita coisa em questão de caráter, que talvez a minha mãe não tenha tido tempo de me dar um conselho mais... conselho mesmo. Eu aprendi muita coisa, entre certo e errado, coisas para mim levar para a vida, eu aprendi muito, acho que foi algo... que eu passei por coisas na minha vida que acho que passei para mim aprender mesmo. Tudo o que eu passei até hoje foi para mim aprender muita coisa. Quando eu tive depressão, que eu tentei o suicídio e tudo mais, quando eu entrei na igreja eu participava de um negócio, que a gente tinha dentro da igreja uma plataforma online que era o “SOS Jovem”, que atendia jovens com, ah... tava acontecendo qualquer coisa e tinha que ir lá. Eu atendia de madrugada, das 22:00 às 5:00 da manhã. Aí você entra na plataforma, se quiser falar seu nome poderia se identificar ou senão não, aí você fala seu problema e a gente ajuda. Era basicamente isso, era uma plataforma de ajuda online, que tinha gente que entrava e que na hora queria se matar, e tinha muita coisa que eu passei me ajudou quando eu tinha que atender na plataforma. Porque aí eu sabia como a pessoa

estava se sentindo e eu podia ajudar ela. Acho que me ajudou muito, acho que várias coisas que a gente passa na vida é para aprender alguma coisa sempre.

\*\*\*

Quando eu tinha dez anos que começou tudo sabe (fala sobre depressão). No mesmo período que eu comecei a me envolver com drogas, por que eu era bem sozinha, até porque minha mãe ficou quatro anos sem saber tudo o que eu fazia. Eu era muito sozinha, em questão de não ter com quem conversar, pra confiar mesmo, então eu me sentia muito sozinha, muito sozinha, e aí vinha aquela tristeza, uns pensamentos muito... Tipo “se está todo mundo incomodado com a tua presença porque tu não se mata logo”. As vezes quando minha mãe estava com raiva, minha própria mãe falava assim: “Teu pai te abandonou então, ninguém quer você por perto, ninguém precisa de você, porque tu não se mata, se nada disso faz sentido pra ti, então se mata logo, vai, acaba com sua vida, não vai mudar nada para ti, acaba com essa dor que você está sentindo.” E era isso que acontecia. Tantas pessoas julgam a quem se corta, embora eu não faça mais nada disso, eu não tenho mais depressão, não me vejo como uma pessoa deprimida, as vezes bate aquela coisa, a gente fala “aquela bad”, mas nada que nem antes. “ah, se corta porque quer chamar a atenção”, se a pessoa realmente quisesse chamar a atenção ela não usaria um casaco da grossura de uma coberta para esconder que ela se cortou. Se ela realmente quisesse chamar a atenção, ela não ficaria na dela para não falar para ninguém o que estava acontecendo. Eu já me cortei então eu sei como que é, a pessoa ela quer aliviar o que ela está sentindo, e a dor física é meio que uma distração. Aí eu me cortava, teve uma vez que eu tomei um monte de remédios da minha mãe, porque minha mãe sempre foi uma pessoa com muito problema de saúde, então eu peguei todos os remédio que ela tinha, tomei tudo numa pancada só para tentar me matar, eu vomitei tudo, não deu certo[riso] Aí eu lembro que antes de eu começar a ir na igreja eu tinha marcado um dia, uma semana antes, não na semana da festa, de ir lá no prédio da Plaza, porque tem um amigo meu que mora no último andar e tem acesso ao terraço, eu ia conversar com ele para ir lá e no momento que ele se distraísse eu me jogaria e acabaria com tudo. Já tinha marcado isso, tinha certo, era algo que não tinha como voltar atrás, eu estava decidida, eu vou lá e vou me jogar, pronto e acabou. Só que bem no dia, eu fui na igreja. Mas a pessoa ela geralmente tem aquela tristeza tão profunda, tão grande, que ela não se vê fazendo nada, ela tenta fazer uma coisa e ela para porque ela não consegue se enxergar naquilo, ela não consegue se dar por inteiro nas coisas porque ela está sempre se cobrando, e isso é uma coisa de pessoa que tem depressão, muitas vezes a ansiedade também ajuda, porque aí a pessoa passa o tempo todo se cobrando, passa o tempo todo querendo alcançar o máximo, e quando ela não consegue ela se frustra muito, ela

fica muito frustrada, e aí, por isso acontecer, acho que isso facilitou bastante as coisas pra minha depressão.

\*\*\*

Amigos (as): a que mais andou comigo, era uma amiga minha que também tem meu nome, é Maria também. Desde pequenas a gente andava junto, era minha amiga e na escola era sempre eu e ela, e eu lembro que na época que quando a gente voltou pra igreja quando eu tinha dez anos, a gente entrou na igreja e ia para zoar, e eu parei e ela continuou indo na igreja, e quando ela continuou indo na igreja, hoje ela continua na igreja. E aí eu lembro que quando eu fui convidada para ir de novo. Ela foi a pessoa que sabe de todos os problemas que eu passei, desde pequenininha quando eu comecei a ir para a igreja, quando eu voltei para o Santo Antônio, quando eu continuei na escola, até quando eu saí da igreja. Eu entrei na igreja e eu meio que seguia ela, como ela já aprendeu muita coisa, sabia de muita coisa eu fui seguindo os passos dela, muita coisa ela me ajudava. Depois eu saí da igreja, ela casou.

\*\*\*

Até a nona série eu estudei onde eu morei a minha vida toda quase, depois eu me mudei pro João XXIII, fiz o primeiro e o segundo anos lá, aí eu mudei de novo de escola e fiz o terceiro ano no Pedro Maciel. Aí eu reprovei ali no Pedro II e eu ia continuar lá esse ano e eu fiquei até março...abril na escola, aí eu parei para fazer a prova de conclusão de ensino médio, que vai ser agora dia cinco de agosto.

Eu não vou dizer que não tinha amigos na escola, quando eu estudava no Severino até a nona série, quem saia do Severino, ou ia no Druzi ou no Moran, era sempre assim, e eu fui para o Morani. Geralmente as pessoas eram as mesmas, saia do Severino e ia todo mundo para o Moran. No Maciel, eu comecei a estudar no ano passado porque eu trabalhava com os pais dos jogadores da chapecoense e ele é da base e eles levaram ele pra escola e eu trabalhava até às seis horas lá, daí até eu ir pra casa me arrumar e ir pra escola onde eu estudava, demorava demais. Eles falaram para eu estudar junto com o João que daí vocês vão juntos, e eu fiquei estudando lá, aí eu conhecia um amigo, só tinha um amigo e tinha o João que também era meu amigo, que era o filho dele. A relação com eles era bem legal porque o Pedro ia na igreja comigo já e o João continua indo porque os pais dele e ele vieram de São Tomé e o pai dele era pastor de igreja, e o João sempre era muito meu amigo, quase que melhor amigo, só que a gente perdeu bastante contato depois que eu saí da igreja e o Pedro eu tenho contato até hoje, sábado em foi lá em casa. Depois que eu fui estudar lá, como eu digo, eu faço amizade muito fácil, e eu fiz amizade com todo mundo.

\*\*\*

Sobre problemas na adolescência: hoje vejo com outros olhos tudo o que aconteceu, como eu falei, eu criei muita cabeça depois de tudo o que aconteceu. Tudo o que a gente passa na vida é por um motivo, tudo o que aconteceu me serviu para aprender muito, então eu não reclamo do que aconteceu. Eu vejo como aprendizado. Perdi tempo, perdi quatro anos com uma coisa, mas talvez me fez ter mais cabeça do que eu teria hoje se não tivesse acontecido. Eu acho que eu perdi tempo vendendo drogas, mas se isso não tivesse acontecido eu não teria tanta cabeça hoje, aprendi.

A quem eu recorria em momentos de dificuldade: Acho que foi isso que piorou minha depressão por que eu não confiava em ninguém e não tinha a quem recorrer, não tinha com quem conversar, saber que se eu falasse com alguém ia falar que eu tava querendo chamar a atenção. A minha mãe não tinha tempo para me escutar, então eu não tinha com quem conversar, era eu e eu, e isso contribuiu bastante com minha depressão porque como eu não tinha com quem conversar, com quem desabafar sobre o problema que eu estava passando eu só piorava.

Na época, como eu não falava com ninguém sobre isso, acho que também ninguém que está passando realmente por isso fale sobre o que está acontecendo, é difícil uma pessoa realmente pedir ajuda, a acho que isso dificulta muito. Porque hoje quando a gente vê alguma campanha sobre o suicídio, as pessoas falam para a família para ficar atento a como a pessoa age, porque a pessoa não fala, se a pessoa está pensando em... vamos supor que você esteja em uma sala cheia de gente, e tem uma pessoa totalmente distraída e você não vai pensar que ela esteja pensando em suicídio. Se a pessoa não falar, não tem como saber, e muitas vezes não fala por vergonha, por medo de falar e alguém falar que você está querendo chamar a atenção, a pessoa não fala.

Na época eu lembro que não tinha ninguém, mas eu tinha um amigo que também passou por isso comigo, justamente esse meu amigo que ia na igreja, porque ele parou de ir antes de mim, e quando ele parou de ir na igreja ele também tentou se matar várias vezes, ele tem um monte de cicatrizes no braço de se cortar, e a família dele também é religiosa e ele é homossexual então isso ajuda muito, a família dele não sabia, mas ele estava se comportando de uma forma que ele não queria, ele queria ser ele mesmo mas não conseguia. Comigo ele nunca comentou, e faz pouco tempo que ele se assumiu gay, mas a gente percebia que ele não era quem ele queria ser, eu pelo menos percebi, tanto que ele se cortava várias vezes e isso eu

via, só que eu preferia só dar conforto, não falar nada, não pedir. Porque às vezes a pessoa não quer falar, ela só quer um colo, então eu procurei sempre estar perto dele, mostrar que estava ali, mas eu sempre evitei perguntar essas coisas.

Geralmente quando a pessoa tenta se matar, ela não quer mais saber de nada, ela está (de) existindo, não está vivendo e eu acho que quando a pessoa toma a decisão de tentar, é porque ela está decidida a acabar, ninguém tenta suicídio, “ah porque eu quero ver com é”. Quando a pessoa tenta, é porque está decidida a chegar a algum lugar. Se ele tentou é porque ele realmente queria ter acabado com tudo.

Na escola eu nunca ouvi falar muito, nunca ouvi falar sinceramente sobre suicídio e sobre depressão, a gente nunca ouviu falar na escola. Eu lembro que quando eu estava na igreja a gente teve um evento que era o “Saiba Dizer Não”, eu lembro que o pastor na época, no grupo de jovens, a gente dividiu em equipes para cumprir tarefas e aí cada equipe ficou com um tema. O nosso grupo tinha ficado com o “saiba dizer não: suicídio” e a gente tinha que fazer um vídeo sobre o que as pessoas entendiam por automutilação. Fui eu, esse meu amigo João e mais um jogador que tinha começado a ir no grupo de jovens que também era meu amigo, fazer os vídeos com as pessoas e a gente foi pra rua para conversar com as pessoas daí gravava o vídeo pedindo e geralmente as pessoas falam o que elas sabem, tem gente que falou que era para chamar a atenção, tem gente que falou que tinha um vazio e não tinha como preencher, foi o que ouvi das pessoas, mas na escola mesmo eu nunca ouvi, entre os amigos também não, se falava era zoeira, que quem fazia queria chamar a atenção, só isso mesmo, o que todo mundo fala, geralmente.

\*\*\*

Avaliação do momento atual/ expectativas para o futuro: Já estive pior[risos] eu estou muito bem, digamos assim, bem para conseguir emprego, eu estou em um emprego bom, que eu gosto. Minha relação com minha mãe não é das melhores, mas é boa, perto do que a gente conversava, a gente conversa muito mais do que conversava antes, ela sentiu mais isso sabe, ela deve ter meio que se culpado por não ter me dado todo aquele conselho, e por isso acho que a gente conversa mais agora. Para o futuro, eu quero fazer minha faculdade, de Ciências Sociais[riso], eu ainda estou em dúvida, acho que primeiro vou fazer concurso para ser professora de sociologia, porque a gente vê algumas coisas que a gente não aguenta né, você, como faz ciências sociais, deve perceber. A gente vê os alunos de hoje em dia falando umas coisas na internet que a gente quer desconstruir e aí acho que mais por isso. Eu estava em

dúvida sobre o que fazer até começo do ano, aí quando eu estava morando na república, umas das meninas ela também está fazendo ciências sociais, e ela falou que eu tinha que fazer uma faculdade que fosse contribuir para as pessoas, porque se eu quisesse ganhar dinheiro eu não ia ajudar a sociedade e eu pensei nisso. Eu quero desconstruir o que eu vejo de errado e quero mudar as coisas que eu vejo que estão erradas, e para mim fazer isso eu tenho que começar com quem está aprendendo, eu tenho que ensinar as pessoas que não sabem o que eu sei para entenderem o meu ponto de vista, a minha opinião. Eu vejo o mundo de uma forma diferente porque eu estudei, eu li, eu pesquisei e depois de muita coisa eu cheguei a uma conclusão e eu quero ensinar essas pessoas, como posso dizer, desconstruir machismo, homofobia, racismo, tudo isso, até em questão de política principalmente, porque a gente vê as pessoas, elas não têm base, elas não têm ensino, elas não procuram saber e eu quero dar interesse para elas, porque se você só dar o ensino ela não vai aprender, você tem que dar o interesse para ela mesma buscar aprender. Aí depois um mestrado talvez.

\*\*\*

Eu estou trabalhando em uma loja de roupas, e eu gosto de vender. Agora nessas questões de crise é complicado vender roupas, mas eu gosto muito do meu trabalho, eu sou bem comunicativa, então eu gosto de vender, gosto de conversar com as pessoas e os clientes já são todos meus conhecidos, então acho que eu gosto bastante de lá. Trabalho é um sustento, se tu não trabalhar não chega a lugar nenhum, só que o trabalho é o que dá o teu sustento só que você não pode focar só no seu trabalho, eu tô trabalhando e eu sei que eu tô procurando aprender e eu quero viver de uma forma, tipo ter uma casa, ter o que comer e quero... isso para mim está ótimo. Não quero ser milionária, mas eu prefiro contribuir e ter o que comer do que não trabalhar, ou ficar parada ou ser milionária e não estar contribuindo para nada na sociedade.

\*\*\*

Mesmo depois de tudo o que eu passei, eu sou uma pessoa muito orgulhosa, no sentido de não pedir ajuda, o que eu tenho que passar eu passo sozinha, eu não peço ajuda, nunca. Na igreja eu aprendi uma coisa, geralmente as igrejas ensinam as pessoas a ser muito emocional e na igreja foi o contrário comigo, eu aprendi a ser muito dura, muito fria para algumas coisas, quando se trata de algo que eu estou passando. A gente era ensinada a não chorar, a gente era ensinada a enfrentar as coisas de frente e acabou, porque se você ficar chorando, ficar se lamentando o problema vai continuar ali, ele não vai mudar porque você chorou, porque você contou para alguém. Então independentemente do que eu tiver passando eu vou resolver e pronto, eu vou enfrentar as coisas de frente, eu não falo muito, muitos dos



meus problemas que eu tive assim. Não sou de conversar, falar o que estou passando, dificilmente.

\*\*\*

Daqui a cinco anos.... Eu me imagino terminado a faculdade, formando, fazendo as coisas para mim ser professora, espero que com uma vida mais ou menos, como falei[risos] tendo o que comer dentro de casa, um carrinho para andar, ajudar minha mãe, e espero que ela ainda esteja comigo, porque a gente não sabe o dia de amanhã, mas eu não consigo pensar em algo além disso, tipo algo muito para frente. Eu não sou uma pessoa que planeja muito, até fim de semana por exemplo, nunca planejo o que vou fazer fim de semana, porque eu sou uma pessoa muito de hora, eu mudo muito rápido de opinião, eu tenho uma coisa aqui hoje e talvez amanhã já não seja a mesma, uma coisa que eu tenho fixo, porque eu sou uma militante de uma juventude, então eu quero estar contribuindo ao máximo, ajudando o máximo de pessoas que eu conseguir dessa juventude, feito revolução[risos], acho que isso é o mais importante pra mim no momento, não consigo planejar coisas a longo prazo.

\*\*\*

Algo que eu aprendi, se for ajudar alguém que ouvir isso, procurar aprender com tudo o que acontece na vida da gente, mesmo depois de tudo o que aconteceu que eu criei muita cabeça, se você não aprender nada com o que acontece na sua vida, desde o momento que você acorda, sai do seu quarto, sai para a rua, se você não aprender nada com o teu dia, se você não parar para pensar em nada que você aprendeu você não está vivendo, se você não está aprendendo você não está vivendo, você está existindo. Você tem que aprender algo com o teu dia, nem que seja uma coisa.

Na loja, quando estou com meu patrão a gente sempre está fazendo alguma coisa, sempre tirando fotos de roupas para postar, ajeitando o instagram, se eu não estou aprendendo eu estou ensinando. Eu fiz a logo da loja e os amigos do meu patrão gostaram e eles também tem uma loja, foram pedir para eu fazer e eu já fui ensinando a fazer. Ou tem que estar aprendendo ou ensinando, acho que a humanidade precisa disso. Todo mundo em algum momento da vida teve que aprender. Um professor, quantas pessoas ensina por dia? Trinta em uma sala. Imagina você chegar ao final de sua vida e dizer: eu ensinei tantas pessoas na minha vida, eu ensinei tudo o que eu sabia para tantas pessoas na minha vida, é uma coisa que não tem preço. Passei a pensar assim: desde quando conheci a juventude, comecei a olhar os problemas que realmente estavam acontecendo, começa a enxergar o que está ao seu redor, e percebe que tudo o que viveu, aprendeu, estava errado e que os problemas são bem maiores.

Questão de homofobia, você não quer mais ver as pessoas sofrendo, se privando de muita coisa. Questão de machismo, a mulher não poder mais por um calção porque se ela sair na rua vai vir um cara e passar a mão porque acha que pode. São problemas sociais, é política, está tudo relacionado e quanto mais você estuda mais quer estudar, mais aprender, mais buscar e mais ensinar. Na juventude: é lindo demais, a gente tem curso de formação e a teoria marxista, tem o curso estadual, curso municipal, tem congressos do partido que eu participo, a gente tenta alcançar o máximo de pessoas possível.

#### 4.2 FERNANDA ALINE FERREIRA

Meu nome é Fernanda, tenho 27 anos e nasci na cidade de Bento Gonçalves- RS. Meus pais são separados. Eu conheci só meus avós maternos e meus avós paternos eu não conheci porque quando eu conheci meu pai eles já eram falecidos. Os meus avós maternos também são separados, isso aconteceu quando a minha mãe tinha doze anos e ela ficou morando com meu avô, tendo que criar todos meus irmãos menores, e a minha avó foi morar com outro. A minha mãe não teve um acompanhamento da mãe dela, nesse caso, da minha avó, na adolescência dela, aí ela saiu logo da casa do meu avô para querer se virar, aí foi que ela engravidou de mim e do meu irmão. Ela conhecia meu pai e ele dava carona para ela, eles eram amigos e às vezes ela dormia na casa dele. Depois veio o terceiro filho quando a gente tinha 3 anos, daí dali um ano veio outro, e depois outro, ou seja, a minha mãe teve cinco filhos e ela teve os outros 3 com pais diferentes, que ela já estava morando, só que ela tentava fazer dar certo e não dava, eu via a minha mãe sofrer muito nos dois relacionamentos dela, no relacionamento que gerou o meu irmão que hoje tem 21 e que está com depressão agora. A minha mãe sofria muito com ele porque, eu lembro que eu ia dormir e às vezes a mãe falava “para, para” (para o irmão) e eu era pequenininha, eu tinha uns seis anos.

O meu irmão, que é o terceiro, o pai dele também...uma vez eu vi a minha mãe sendo ameaçada pela janela do banheiro por ele e ele estava com um facão. Eu lembro que eu saí na janelinha e fiquei gritando. Veio o avô do meu irmão e disse para ele parar porque senão ele ia atirar com uma espingarda- para o pai do meu irmão parar. Ele tocou o pai do meu irmão de casa e falou para minha mãe que ia arrumar um caminhão para levar a mudança, porque ela não merecia mais esse homem. E eu já assim... fui ficando com aquela coisa: “Será que eu vou sofrer também? Meu Deus, eu não aguento mais ver a mãe sofrer”, eu pensava assim: os

meus irmãos tiveram o pai, mesmo que chegava o dia dos pais, e o meu pai? Quando eu tinha onze anos o meu avô foi morar com a gente, porque meu avô morava na colônia, para a minha mãe conseguir se virar com a gente porque minha mãe morava atrás em uma casinha de madeira e pagava uns 100 reais hoje de aluguel, 200 de luz e água, e eu com oito anos já tinha que cuidar dos meus irmãos, já não brincava como as outras crianças. Às vezes minha prima estava brincando e a minha mãe me chamava para estender as roupas aí eu pensava: “ahh, eu vou ter que estender as roupas. E, mãe: “eu posso brincar? ” e as vezes eu não podia, eu era a mais velha e a única menina, então eu tinha que ajudar a mãe.

A mãe também não tinha aquela coisa de dar muito carinho, até hoje ela não tem, mas não é culpa dela, é porque ela teve que tomar faixa preta desde os trinta e cinco anos porque ela fala que não conseguia nem dormir, pensando como que ela ia sustentar a gente. Tinha semanas que a gente comia só arroz, feijão e ovo, eu tinha uns 8 ou 9. Ir no mercado comprar bananas e bolacha recheada era só no dia que ela recebia, não tinha nos outros dias. Às vezes ia lá alguma vizinha e levava alguma coisa a mais do que a gente comia, hoje em dia a gente quer ir comprar uma mortadela no mercado ela vai, ela agradece a Deus. Hoje eu admiro muito a garra dela, só que ela nunca tinha escondido meu pai, só que eu achava que ela ia exigir demais de mim e eu não conhecia meu pai, chegava o dia dos pais e eu: e o meu pai? Um dia eu cheguei para a professora e pedi: profe, mas o meu avô não é meu pai? Porque minha mãe disse que meu avô é também meu pai, aí a professora falou: não, é o pai da sua mãe. Foi aí que eu cheguei e falei que eu quero saber quem é meu pai porque eu sei que o meu pai não é meu avô porque a professora me falou. A mãe disse: “ah... mas eu não sei se ele está vivo”. E falei: Porque você só gosta dos meus irmãos então, porque você não vai atrás do meu pai, eu que sempre tenho que fazer tudo aqui em casa. Apesar que não era por mal que ela falava: Eu quero que você me ajude, só isso. Aí foi que eu comecei a ficar doente, colocava na cabeça que eu só queria meu pai, que ela não gostava de mim e comecei a ficar só no quarto aí eu comecei a ficar doente, comecei a ver o sofrimento dela, trabalhando o dia todo, nossa! Se ‘virava nos trinta’ para sustentar toda a casa sozinha que hoje em dia é raro ver uma mulher sustentar cinco filhos sozinha.

Minha avó começou a dizer que eu não estava bem, para me levar no médico e eu comecei a sentir umas dores nas juntas e minha mãe levou nos médicos, até que foi constatado que era depressão e comecei a ir em psicólogo. Eu não queria falar nada para ela: “eu não vou falar nada para você porque você não é minha mãe, eu não te conheço”. No começo foi bem difícil, ela começou a me dar joguinhos para ir me conquistando para que eu “pegasse”

confiança dela e comecei a falar sobre meu pai. Qualquer coisa eu falava que eu ia sumir de casa e iria ir atrás do meu pai e comecei a cobrar isso da minha mãe, e minha mãe não foi e um dia eu falei que se ela NÃO fosse atrás dele eu ia fugir de casa e iria procurar ele.

Um dia eu subi em cima de uma casinha e pensei: “para que eu vou continuar vivendo se minha mãe não gosta de mim, só gosta dos meus irmãos, se eu não posso brincar, não posso fazer nada, viver trabalhando e ela não vai atrás do meu pai também, eu não tenho pai, todos sabem quem é e eu não sei”, aí eu me joguei de cima da casinha, ainda que eu não quebrei nada né. Um dia eu peguei e comecei a me cortar e fiz a tatuagem, e realmente eu tinha uns cortes, eu me cortava não sei porque motivo, mas acho que porque eu nunca tive carinho, e eu comecei a sentir falta de um pai, mas foi bem complicado. Começou a paralisar meu lado direito (do corpo) e eu ia em tudo que é médico e eu não sabia o que eu tinha, acho que eu fui em uns cinco ou seis médicos e ninguém sabia o que eu tinha. Em sete meses eu fiz dez vezes eletro na cabeça, de colocar aquelas massinhas e aqueles fios e eu não aguentava mais. Como ninguém sabia o que eu tinha começou a paralisar mesmo, paralisar a fala e eu achava que iria morrer, a mãe ia nos vizinhos e todo mundo falava: “meu Deus, eu acho que sua filha vai morrer, eu acho que é uma doença rara.” E eu pensava: Será que eu vou morrer antes de conhecer meu pai? ” E eu comecei a dizer para minha mãe ir atrás do meu pai porque eu não queria morrer sem conhecer ele, se eu fosse morrer eu queria pelo menos saber que eu tinha um pai.

O médico começou a me dopar de remédios para a depressão e eu vivia dormindo, e também dava remédio para o reumatismo que foi o outro médico que descobriu depois. O médico que descobriu o que eu tinha foi o primeiro médico e não deixaram me tratar porque não era neurologista, ele só era clínico geral e não tratava crianças com a minha idade porque eu tinha onze para doze anos. Minha mãe disse para deixar com o primeiro médico porque não aguentava correr comigo para lá e pra cá. Até que foi para aquele médico que descobriu e falou que atacou o psicológico, que eu tava com depressão e deu reumatismo no sangue, tudo junto. Ele falava para minha mãe não sair de perto de mim, e eu comecei a melhorar. A psicóloga disse para minha mãe que se ela não fosse atrás do meu pai era capaz de eu fazer uma besteira. Só que ninguém tem noção de quanto um pai faz diferença na vida da gente. Eu sempre pedi para Deus um pai que fosse me dar carinho, que não importasse se tinha dinheiro ou não, me tratar como filha, mesmo nesse tempo que não estava presente, e que não fosse me rejeitar. Eu pedi para Deus um pai e ele me deu um melhor do que era.

Os meus pais se conheceram assim: Como meu avô morava no interior e minha avó também, acho que o pai passou lá na casa do meu avô e parou e a minha avó disse que a Joana (minha mãe) vai lá para a cidade trabalhar, você consegue dar uma carona para ela. E foi aí que o pai e a mãe se conheceram, e o pai falou que toda a sexta de noite até domingo de tardezinha ela ficava lá no vô e em semana ia para a cidade trabalhar, isso quando ela já tinha seus vinte e tantos anos. Um dia o pai convidou ela para ir jantar lá, ela foi, só que como ela não tinha minha avó presente quando ela era mocinha, ela não estava direto lá, e morava com meu avô. Minha vó se separou do meu vô para morar com outro homem e esse outro homem bebia e era bem complicado, e o meu avô como era bem colono, ele é bem do interior ele não tem a cabeça assim de chegar para a filha, ainda mais aqueles antigos, ainda mais homem e chegar para a filha e dizer pra não engravidar, minha mãe não tinha muita instrução sobre sexualidade, sobre prevenção. Ela ficou com o pai, daí ela brinca comigo que ele fez uma macarronada de sardinha tão boa que ela não sentiu o gosto, porque ela odeia sardinha, tomou dois copos de vinho e aí nasceram dois gêmeos[risos] eu e meu irmão. Só que ela descobriu um tempo depois que estava grávida, e foi atrás do meu pai quando ela já estava namorando com outro, mas aí ela já estava de seis meses quando ela achou o pai em casa e o pai disse que não era dele: “Esses filhos não são meus, como que você foi vir atrás de mim só agora? Essas crianças são de outro. ”

Quando ela descobriu que estava grávida já foi um choque, quando ela descobriu que eram gêmeos ela tinha vontade de se atirar na frente de um caminhão, só que ela pensou: eles não têm culpa. Ela escondeu a gravidez até uns cinco, seis meses da minha avó e avô e só foi falar para o vô quando não tinha mais como esconder. Ele falou: fica aqui com nós, não tem o que fazer. A gente nasceu e como não tinha como a mãe se locomover da cidade para o interior, ela ficou morando um tempo com minha avó. Acho que a vó já tinha se separado do ex marido dela, daí minha vó não voltou para o meu avô e meu avô só teve uma mulher que foi minha avó e depois não quis ter mais ninguém, que acho que a decepção foi tão grande... A minha avó sempre ficava jogando na cara e minha mãe tem essa mágoa da minha avó até hoje, porque minha avó largou eles. Os outros irmãos da mãe foram um para cada lado.

O meu irmão não quer ver meu pai até hoje, eu quando fui conhecer meu pai foi o maior sonho da minha vida, eu sei que a minha mãe disse: “você pode rejeitar o irmão dela, agora ela não rejeita por que essa guria... eu vou perder minha filha, não faça isso (para o pai).” Eu tenho um irmão gêmeo de 27 que é esse, tenho um de 23 anos e esse é bem conturbado, bem revoltado, porque o pai dele é esse que tentou matar a minha mãe com um

facção e o pai dele tem a personalidade muito forte, muito forte. E o meu irmão é muito revoltado, não sei se é porque ele viu o pai tentar matar minha mãe. Depois o pai foi lá querer levar ele embora para ter uma vida melhor e ele não quis. Só que esse meu irmão ele tinha uma namorada que falava para ele sempre ir estudar e ele não estudou e essa namorada cansou e terminou com ele. Depois que essa namorada terminou, ele começou a beber, fumar. Hoje fuma cigarro e sei lá se usa maconha, só que ele nunca entrou em depressão porque ele coloca para fora o que sente.

O meu irmão de 21, esse que está com depressão agora, foi vendo tudo isso e guardou para ele, e esse ano foi descoberto que ele está com depressão, eu não sei o que aconteceu porque a minha mãe só falou que ele tentou se matar e esse meu irmão de 23 anos viu e levaram ele direto para o hospital e foi internado, deram calmante para ele e no outro dia a psicóloga e a psiquiatra foram lá, fizeram exames e a médica disse para a mãe que ele não conseguiria sair dessa sem ser internado porque ele estava em depressão profunda mesmo e não tinha como, ele estava muito sobrecarregado, guardou muitas coisas, ele via a minha mãe sofrer todo esse tempo lidando sozinha, ele viu eu sair de casa com 17 anos para ajudar a mãe, e eu sempre vivia ajudando a mãe a fazer as coisas dentro de casa, e eu trabalhava em um hotel-restaurante e sábado e domingo eu ia pra casa pra ajudar ela a fazer o serviço de casa e aí ele foi vendo tudo isso. Principalmente por ver esse meu irmão de 23 anos só retrucar com a mãe e falar nomes, não quer nada da vida, ele trabalha de vez em quando, pega o dinheiro e gasta tudo. O meu irmão de 21 quer achar um emprego e não consegue, ele já tem 21 anos, ele não consegue emprego, aí ele parou de estudar e fica com vergonha de voltar porque ele parou com 17 anos, ele diz: “com 21 não vou voltar pra sétima série”. Também tem que pagar ônibus, não quer que minha mãe gaste dinheiro com ônibus pra ele, porque a mãe já se vira nos trinta. Ele foi guardando isso pra ele, só que também tem ausência de carinho. A psiquiatra falou que a mãe espera muito pelo carinho dos filhos, porque quando eu estava em casa era que dava carinho, eu sempre estava ao redor de minha mãe dando abraços e eles não faziam isso. Quando eu saí, a mãe já não teve mais isso, porque daí é que ela sentiu de vez, aí ela fica estressada e fala: “vocês nunca dão carinho pra mim” e eles também falam: “você também nunca dá carinho para nós”. Eles já não têm o carinho do pai, da mãe também não. Não é só o pai que tem que dar carinho e não é só o filho, ambas as partes tem que dar carinho. Só que a mãe já está naquela fase que ela está esgotada, ela já passou por muita coisa, muito sofrimento. Por isso eu lembro que aquela vez, com doze anos que eu fiquei... a

psicóloga me falou que eu não era para levar muito o sofrimento da minha mãe, porque eu falava que a mãe sofria muito e tal.

Esse meu irmão de 23 anos foi chamado com minha mãe para falar com a psicóloga e ela falou que ele foi um grande motivo para o irmão tentar se matar, porque ele não aguenta mais vê-lo fazer a mãe sofrer. Essa semana a mãe ligou dizendo que o meu irmão de 23 está tomando jeito, que está mudando a cabeça dele, só que infelizmente às vezes tem que acontecer algum problema de saúde na família para se ligar. Eu queria largar tudo daqui e ir dar uma força para a minha mãe, só que eu não posso, porque aqui eu tenho o meu trabalho, tenho a minha faculdade.

O meu irmão menor de 20 anos é o único que está estudando, que foi o que eu criei. A mãe ia trabalhar e eu ficava cuidando dele, tanto que quando a mãe colocou ele na creche ele só chamava eu, não chamava a mãe[riso]. Eu tive que sair de um projeto que eu fazia de manhã para cuidar dele, e depois a mãe teve que tirar da ele da creche, eu tinha uns nove, dez. E eu falei para ele estudar, e ele é o que tá estudando ainda. Agora ele está fazendo jovem aprendiz e está bem feliz.

A relação com meus irmãos era... por exemplo, a minha mãe dizia para cuidar deles, se eles fizessem bagunça eu era para corrigir. Eu tinha mais aquela coisa de cuidar deles do que .... eu brincava mais com meu irmão gêmeo e com o outro do que com os menores porque os menores eu tinha que ficar sempre cuidando. Quem cuidava de mim acho que era a minha avó. A minha vó quando eu tinha oito anos e cuidava desse meu irmão ela só dava uma olhada, não é que deixava sozinha, a minha mãe não deixava, mas sempre tinha uma vizinha que ia lá e às vezes ficava com a gente. Mas eu me criei na creche, só que esse meu irmão mais novo a minha mãe não colocou ele na creche porque era muito frio, ele nasceu no inverno. No começo ela pagava uma vizinha, ela dava uns trocos pra cuidar de nós e ela fazia almoço e almoçava junto, e trabalhava em uma mulher das uma às oito. Eu ia quinze para uma na aula e a mãe chegava uma hora.

Quanto aos meus irmãos, a mãe conheceu um homem foi morar junto e logo engravidou daquele de 23 anos só que o cara saía beber e voltava transtornado e queria bater nela do nada. O de 21 ela engravidou só para “segurar” o homem, e o último ela realmente não se cuidou e esqueceu de tomar o anticoncepcional. Com 27 ela teve eu e meu irmão gêmeo, com 30 ela teve outro, com 31 ela teve o outro e com 32 ou 33 o último.

A família significa a base da vida da gente, se a família não está bem estruturada, uma família tem que ter carinho, diálogo... tem que ter tudo. Eu vejo pelo meu pai, ele nunca foi muito presente na minha vida, mas ele é sábio e ele nunca gritou comigo, ele nunca ergueu a mão (quer dizer agredir) desde que conheci ele com 14 anos, ele sempre sentou e conversou, eu levo isso muito para a minha mãe, tanto que ela mudou muito desde que eu conheci meu pai, e também quando casei e separei, eu falo com minha mãe para ter calma, sentar e conversar. Eu agradeço muito a Deus que na minha família não tenha ninguém com uma doença grave, que todos têm saúde, isso é o maior presente, não tem dinheiro que compre. A minha mãe não precisa ter luxo, nem dinheiro, mas a saúde que ela tem, a coragem e força que transmite para mim é gratificante

\*\*\*

Na minha infância a gente sempre ficava no bairro mesmo, na rua brincando. Só que hoje em dia a gente não vê mais isso. A gente ia lá nos vizinhos e brincava de jogar bola, de esconde-esconde, às vezes com aquela bolinha de cinamomo[risos], tinha um riozinho que era perto de um potreiro e íamos escondidos da mãe no riozinho, molhar as pernas e cuidávamos para não molhar a roupa para a mãe não surrar. A gente adorava. Eu brincava com meus irmãos na maioria das vezes e com alguma menina da rua e a minha prima. Comecei a brincar com minha prima quando ela tinha seis anos porque a diferença de idade era muito grande, e eu vivia com ela que me ensinou a andar de bicicleta porque minha mãe não tinha. Eu fazia muito essas comparações, às vezes eu tinha que estender roupas, varrer a casa e ela não precisava fazer isso, e eu pedia para a minha mãe porque eu tinha que fazer isso e a minha prima não. Eu via que ela tinha o pai dela junto e eu não tinha e isso também foi... A gente sente um vazio que não tem explicação, a gente fica naquela de cadê meu pai, sabe. O dia dos pais era o dia mais triste para mim, chega uma hora que é o direito do filho saber, não adianta. Por isso hoje eu estou sozinha e tenho medo de arrumar alguém, porque eu não quero ter um filho e depois me separar, e depois meu filho ficar... ah só vai a cada quinze dias ver o pai, eu quero que seja diferente.

\*\*\*

Onde eu vivia, quem morava perto era minha avó, minha mãe e meu avô morava no interior, então minha mãe ficou morando em uma casa, de favor. Só que a minha mãe sofria muito preconceito porque diziam: “quem mandou se encher de filhos”, “porque ela não se cuidou?” A minha avó mesmo falava porque ela não se cuidou, só que minha mãe, até hoje fala porque ela não esteve presente, porque não chegou e deu conselhos.



\*\*\*

A minha família é Batista (religião), então quando eu fui curada da depressão eu me batizei e minha mãe acreditava muito em Deus e aquela vez eu não sei se foi Deus, eu acredito muito em Deus. Que foi Deus também que proporcionou que eu conhecesse um pai maravilhoso, que também deu força para minha mãe. Um dia a gente foi para a igreja e o pastor disse: “sabe que Deus te deu essa filha para ela te dar força, para você conseguir criar os outros, porque se fosse ter só meninos ou meninas não iria te dar essa base, essa força para criar os outros filhos”.

Eu não ia muito antes de ficar doente, quando eu comecei a ficar doente o pastor ia lá toda semana fazer oração, e ele tinha aquele óleo ungido e passava na minha testa. E eles começaram a falar de Deus e comecei a frequentar a igreja quando eu comecei a melhorar, e quando eu estava doente eles vinham lá em casa falar sobre Deus para mim, que não era para mim ficar triste, que Deus ia cuidar de mim, que Deus ia encontrar meu pai. Eu me sentia melhor, eles me deram uma bíblia, falaram para mim confiar em Deus que ia dar tudo certo. A gente começou a orar no almoço e quando eu ia no médico, que era evangélico ele dizia que Deus ia me curar, para não ficar assim. Para mim, tudo para Deus tem um propósito. Esse meu irmão de 21 anos, tinha que talvez dar essa depressão nele para o meu irmão de 23 anos tomar consciência e mudar também e também para a minha mãe melhorar e para todo mundo lá em casa. Eu estava tentando fazer isso, eu ia lá em casa e tentava várias vezes conversar e não estava adiantando.

A religião para mim significa algo que tu acreditas, é uma fé inabalável que tu tens, que te deixa mais forte em tudo. Não importa a religião, acho que tem que ter fé em Deus e aquilo nos faz perceber que quando a gente coloca as coisas nas mãos de Deus, a gente pensa que Deus tem um propósito e não podemos desanimar, eu acho que tudo muda. Se você não acredita em nada, não tem fé, não tem religião, não tem nada aí que começa a desandar tudo. Acho que todas as pessoas precisam de fé, acreditar e se eu não fosse ter fé e nem minha mãe e ir nos médicos, eles não iam descobrir o que eu tinha. Alguns médicos são ateus né[risos] não sei como que conseguem lidar com isso, mas eu não sei, talvez se um médico ateu tivesse me atendido eu não sei se estaria viva, porque quem descobriu foi um ... é que não tenho como dizer isso porque eu era muito nova.

Durante uns três anos eu tomei remédio para depressão aí foi cada vez diminuindo a dose, só que na psicóloga eu fiquei uns dois anos, um pouco depois de eu conhecer meu pai ainda.

\*\*\*

O meu pai com a mulher dela eu considero unido agora, mas a minha mãe e o meu pai conversam, mas não são unidos, não conversam direto sobre mim e meu irmão, mas eles se respeitam. Agora, a família do meu pai é unida, mas sempre tem aquelas “picuinhas”, tem uns primos meus que têm ciúmes, eu já nem converso, só com meu pai, deixo nas mãos de Deus. Do lado de minha mãe são bem unidos, só que meus irmãos não estavam unidos, eles não tinham diálogo dentro da própria casa, era só a base de grito. Quando eu pedi para a mãe ir atrás do meu pai, eu pedi que fosse atrás dos pais dos meus irmãos, mas meus irmãos não faziam questão, e eu sentia a dor deles, não a dor deles, mas eu pedia para eles pedirem do pai e eles não estavam interessados, tinham medo de serem rejeitados, mas eles sentiram a falta do pai, até hoje sentem.

\*\*\*

Eu saí de casa com 17 anos, trabalhei um ano, mais ou menos, em um hotel-restaurante, me formei no ensino médio e fui para Criciúma. Morei lá 5 meses e conheci um cara e ele queria casar comigo, se juntar e eu fui morar com ele em Joinville, onde eu não conhecia ninguém, inclusive meus tios de Criciúma eram contra, e meu pai ficou meio em dúvida. Aí foi que eu tive um relacionamento abusivo, muito conturbado, abusivo no sentido de controle, me controlava em tudo, muito ciumento, me ameaçava, aí ele foi erguer uma vez a mão e eu disse que nem meu pai me bateu, se você me bater vai ser o primeiro e último, porque quem ama não precisa fazer isso, e até hoje nenhum homem encostou a mão em mim, nem mesmo meu pai, eu não admito isso.

Aí fui embora, fiquei quatro anos em Bento Gonçalves pra ver se ele ia mudar e ele não mudou, não deixava nem eu passar um batom pra ir no mercado, dependendo da blusa ou a bermuda não deixava eu sair sozinha, e às vezes eu estava no mercado olhando para as promoções e ele vinha do lado pedindo para onde eu estava olhando, pegava no meu braço e dizia que se eu o traísse ia matar, e isso começou a me cansar até que eu terminei com ele e deixei tudo o que a gente construiu em quatro anos, carro, móveis, tudo... e fui morar com a mãe. Nesse meio tempo eu sofri, porque ele ia todos os dias na minha mãe, e minha mãe disse que não aguentava mais o meu ex-marido vindo lá. E meu pai me disse para vir pra Xanxerê, já aquela vez antes de morar com ele, que era para escutar. Ele foi conhecer o meu ex-marido

e disse que tinha alguma coisa que não “batia”. Se eu estivesse escutado eu estaria na segunda graduação, bem melhor do que hoje, mas talvez não teria amadurecimento.

Vim para cá e fiquei morando com meu pai uns oito ou dez meses depois fui morar com meus primos, só que eu fiquei uns dez meses sem chegar perto de homens, e as minhas amigas começaram a dizer que eu não podia ser assim e que eu não estava bem. Mas eu não conseguia chegar perto de nenhum cara, eles vinham conversar comigo e eu já me esquivava e aí eu fui procurar tratamento, fui no psiquiatra de novo. Ele puxou toda a minha vida, desde lá da minha mãe, desde a infância dela, que ela teve falta da minha avó, que eu tive a falta do meu pai e que agora eu sofri uma decepção muito grande com meu ex-marido, porque eu nunca tive a presença masculina na minha vida, a primeira presença foi esse meu ex-marido.

Eu lembro que na minha infância quando era natal, distribuíram um monte de coisas, foi em um campo e cada criança ia buscar o seu presentinho, e ficávamos felizes. O que mais me marcou na infância foi o sofrimento da minha mãe, tudo o que ela passou com os homens, preconceito que ela sofreu, até hoje. Muitos julgavam-a por não saber criar dos filhos, mas se ela não soubesse todos estariam perdidos nas drogas e eu estaria grávida com não sei quantos filhos. Ela pode até ter errado na criação daqueles meus irmãos por não saber dar carinho talvez, mas ela sempre deu conselhos. Só que a minha família nunca esteve totalmente unida, sempre faltava um tio, uma tia.

\*\*\*

Quando a minha mãe ia trabalhar e me deixava sozinha, ou às vezes quando ela pedia para mim ajudar ela e os meus irmãos iam brincar, eu me sentia assim... nossa, sabe. E na aula quando eu estava doente, quando eu tinha doze anos que eu tinha problemas na sala de aula e me falaram que eu estava ficando deficiente, porque estava paralisando, e eu não fui mais na aula, eu não queria mais ir na aula e fiquei afastada, em casa. Eu lembro que eu ficava isolada, que parecia que eu tinha uma doença transmissível. Quando eu me curei teve uma conversa na escola, com o diretor e professores para que antes de eu voltar os alunos me tratar melhor, porque era um momento difícil, e aí foi totalmente diferente. Todo mundo fica assim né, acham que depressão é loucura, mas não é assim, não se tem noção do que a gente passa. De ver o sofrimento da minha mãe, de todo mundo ter o pai por perto e eu não e não entender porque meu pai não estava aqui. Assim, eu amadureci muito cedo, eu tinha doze anos eu já estava com o pensamento lá de.... Imagina, eu já estava cobrando do meu pai quando eu tinha doze anos. Quando eu tinha dezessete anos me falaram que eu tinha um amadurecimento além

da idade que eu tinha, acho que por ver a minha mãe sofrer tanto, e até hoje quando eu vou conhecer um cara eu fico pensando em todo o sofrimento que a minha mãe passou, mas eu não estou preocupada com isso agora.

\*\*\*

Quanto a escola eu comecei já na creche, com seis meses de idade. A minha mãe ia trabalhar e eu ia das sete e meia da manhã até às cinco da tarde na creche. Depois eu fui para o prezinho que ficava do lado, e eu gostava bastante. Um dia, eu tinha problema de bexiga e fiz xixi na minha roupa, minha mãe não tinha mandado outra roupa junto, e todo mundo ria de mim na sala, eu nunca mais vou esquecer. A minha avó me levou no médico porque a minha mãe tinha tanta coisa pra fazer. Mas eu tenho ótimas lembranças da escola, eu adorava. Eu lembro que tinha a matéria técnicas agrícolas na escola e a gente mexia na horta, era uma das coisas que eu mais adorava. Com dezessete anos eu estudava e trabalhava. Eu estudava de manhã no ensino médio e trabalhava tarde e noite em um hotel-restaurante, meu pai que disse que conhecimento é a única coisa que ninguém vai tirar de ti, você vai levar para a vida inteira, então enquanto você pode estudar estude, não tem coisa melhor. Na escola eu ia bem, só não gostava de matemática e física, odiava.

O ensino era gratuito e inclusive a mãe ganhava bolsa escola/bolsa família. A escola do ensino fundamental que era até a sexta série ficava perto, a escola do ensino da sétima, oitava e ensino médio dava uns 30 minutos a pé e não tinha ônibus naquela época em Bento Gonçalves. Tinha, mas a minha mãe não tinha condições de pagar, porque eu estudava a tarde e no caminho tinha uma mulher que ia trabalhar nesse horário e a gente ia com ela pra se cuidar e tal.

A minha mãe não fazia acompanhamento na escola, mas quando ligavam para ir ela ia, mas a minha mãe nunca foi de pegar o tema e fazer junto. Não adiantava eu pedir ajuda, eu tinha que me virar procurar nos livros, só que minha mãe não teve essa noção de estudo, ela sempre teve que se virar no trabalho braçal. Quando ela estava grávida de cinco meses de mim e do meu irmão ela ainda ajudava na roça.

\*\*\*

A passagem da infância para a adolescência foi nesse momento que virei mocinha, que minha mãe disse que eu não era mais criança e que estava passando para a adolescência e para a vida adulta e já tinha a maturidade adulta, e agradecia a Deus que eu já era responsável. Ela me falou que qualquer dúvida que eu tivesse era para vir e falar. Aí que a mãe foi falando dos

cuidados que eu tinha que ter com os guris, eu não entendia muito, mas eu sempre obedeci a ela. O que mais mudou nessa passagem foi a mudança do corpo, e a mãe dizia que eu tinha que tomar cuidado para não chegar perto dos guris, não beijar na boca senão ia nascer uma sementinha na barriga[risos]. Mais tarde, quando eu ia na sétima série o professor já começa a explicar sobre o sistema reprodutor feminino e masculino e aí começava a ter noção disso.

\*\*\*

Na minha adolescência eu frequentava os jovens da igreja e eu ia com minha mãe nos vizinhos, ia na minha prima brincar, e em uma amiga brincar de pega pega, eu gostava de ajudar a mãe na cozinha. Eu ia em um campinho jogar bola com meus irmãos.

Frequentar a igreja eu adorava, toda vez que eu ia era uma nova experiência e eu ficava feliz. Eu participava do coral, do coral da escola também participei. Mas acho que partiu da igreja isso porque eu gostava de cantar na igreja, e quando surgiu esse projeto na escola para os voluntários se inscrever eu me inscrevi. Na igreja eu gostava por que quando tinha culto no interior a gente ia de ônibus, daí o pastor passava com o ônibus para pegarmos. Hoje acho que não tem mais isso, mas lá tinha. Uma vez por mês passava um ônibus recolher os membros para ir lá no culto, era uma folia, a gente vinha cantando as músicas de Deus. Quando eu me batizei, me batizei com 12 anos, que eu tinha me curado, foi uma experiência que parece eu me voltei minha vida toda para Deus, porque depois daquilo ali a minha vida deu muitas reviravoltas que eu penso que foi Deus. E não era aquela religião que não podia isso, não podia aquilo, tu podia usar saia, salto, calça, maquiagem, brinco, etc. Só não eram a favor do vício, uma taça de vinho pode, cigarro não pode, mas nunca fui dessas coisas de vício.

\*\*\*

Contato com amigos da infância: Hoje eu tenho uma amiga lá do bairro, mas a maioria se casou e foi embora, e tenho duas ou três amigas que tenho contato, mas não é muito e foram elas que trouxeram muitas alegrias, porque quando eu estava doente elas vinham me ver. Na verdade a maior mesmo foi minha prima que eu tinha mais contato.

Eu não ia bem para a escola quando eu estava com problemas em casa, quando a mãe ficava doente lembro que um dia ela queria parar por conta com os medicamentos faixa preta que tomava, aí dava umas crises nela e eu achava que ela ia morrer e pedia a Deus para que ela não morresse e teve que voltar a tomar. E eu não ia bem pra escola só que eu não transmitia o que sentia, eu guardava para mim e acho que por isso tive depressão com doze

anos porque eu guardava muito para mim, eu ficava muito quieta, a gente vê os colegas felizes e tu pensa, mas porque para eles tem que ser desse jeito e na minha vida tem que ser assim.

Minhas amigas me convidavam quando tinha festa de aniversário na casa delas, ia ter bolo e na minha época a minha mãe fazia um bolo normal, uma nega maluca e deu né, não tinha esse negócio de docinhos. E elas estavam com roupas novas, e eu sempre com o mesmo tênis, a mesma roupa... não adianta, era diferente. Queira ou não queira sempre vai ter colegas que vão olhar mais para a riqueza material do que para outra coisa, e eu me sentia triste. E no dia dos pais também, e pediam do meu pai e eu dizia que ia dar para o meu avô, mas pediam porque meu pai não estava aqui, por isso fui pensando... nossa eles perguntam quem é meu pai e eu não sei e isso foi marcante.

Às vezes eu subia em uma árvore até passar aquela tristeza ou até minha mãe me chamar, às vezes eu ia falar com a mãe pedindo porque ela dava as coisas para o irmão e para mim não. Minha mãe ganhava muita roupa para guri porque ela trabalhava na casa da patroa que tinha um filho guri e eu achava que eles eram os preferidos, mas as vezes quando dava ela comprava uma coisa pra mim. Também porque eles não tinham que ajudar a minha mãe como eu, era sempre a figura feminina que tem que fazer as coisas da casa do que a masculina.

Suicídio: Eu lembro vagamente que alguém tinha se enforcado, não lembro aonde lá naquela minha cidade, e eu pensava nossa, como alguém tem coragem. E várias vezes tentei fazer isso, mas minha mãe escondia tudo, quando eu estava com doze anos, os médicos viram que eu tinha feito um coração na mão com agulha e mandaram erguer tudo. Eu subi em uma cadeira e peguei uma agulha que ela tinha lá e comecei a me furar o braço e me cortar com a agulha, e um dia eu fui almoçar ou jantar e ela viu, me levou no médico, e eles pediram como eu fiz aquilo, e eu disse que peguei a agulha e cortei. E eles falaram para a mãe, tira tudo o que tem de corda, de faca, coisas cortantes que não pode deixar perto. E minha mãe ficava direto em cima de mim depois que eu estava assim, só que hoje eu entendo.

Eu sentia que aquilo me aliviava, porque quando a gente está assim tem uma dor interna muito grande, não tem como explicar, é um sofrimento muito grande, eu achava que minha vida era uma porcaria e porque eu tinha que viver daquele jeito, eu não queria mais viver daquele jeito, eu não aguentava mais, e pensava que ia viver a vida inteira cuidando dos

meus irmãos e não tenho nem meu pai por perto. E em tudo o que eu fazia, parecia que a mãe não gostava de mim, só que era porque eu não tinha o pai também, e minha mãe deixou muito de dar carinho. Às vezes eu ia dar um abraço no vô.

Se cortar é realmente uma coisa que parece que é uma dor que está aliviando, porque você sente uma dor muito interior, aí é só remédio. Quando você dorme é a única coisa que parece que você se desliga daquela dor que você está sentindo, quando eu tomava remédio em uma hora eu estava apagada. De manhã eu acordava, comia e tomava remédio de novo e ficava o dia inteiro.... Só que mesmo assim eu sentia que ..., mas hoje graças a Deus eu não preciso mais disso, porque eu penso muito em Deus, se não fosse Deus não sei se tinha me curado, e também para minha mãe ter força, senão ela não tinha superado algumas coisas, de tudo o que ela passou com os homens, pais dos gurus, sabe. Ter cinco filhos e não parar de trabalhar nunca, mas o meu vô também que agora ela cuida. Eu me sentia mal porque eu via isso e não podia fazer nada, eu tentava ajudar ela, mas eu não podia brincar e também pensava porque minha vida era daquele jeito, porque não era melhor, porque não tinha um pai junto para ajudar ela. Claro que meu avô ajudava, mas não é a mesma coisa que pai.

Teve um caso que ela levou um cara lá e eu estava começando a ter depressão e cara acordou de noite, bêbado e tentou me abraçar na cama e eu comecei a gritar “para, para!” e a mãe foi lá, viu e expulsou ele de casa e até hoje ela nunca mais se envolveu com ninguém. E bem depois eu falei para ela, ela não viu o cara em cima de mim, mas ele estava. Não chegou a abusar porque eu gritei, mas tem crianças que ficam quietas. Depois eu via um homem perto e já ficava com medo.

\*\*\*

Eu lembro que uma guria da igreja pediu sobre a minha vida e eu contei sobre o meu caso de tentativa de suicídio. Na escola a gente não falava muito, mas eu lembro que um dia uma pessoa se matou e aí abordaram sobre a questão, pra família tomar cuidado aos sinais e tal. Eu não lembro muito também, eu lembro que falavam sobre violências, drogas, DST's e vida saudável, eu acho que falavam, mas eu não lembro bem.

\*\*\*

No momento atual eu estou agradecida a Deus e bem feliz porque apesar de eu passar por tudo o que passei com minha mãe e nesse relacionamento que eu tive, eu consegui, também com a ajuda do pai, me reerguer de novo, não do jeito que eu quero. Hoje eu evito muita briga e discussão, tem coisas que eu seguro para mim, na minha vida profissional

também. Sou muito feliz, muito madura no que estou fazendo e a gente sempre tem que tentar fazer o melhor mesmo que a gente não receba de volta aquilo, mas é o que falam, tudo o que a gente planta a gente colhe, se quer colher o bem tem que plantar o bem e ter força para superar as coisas, porque se você desistir e ficar reclamando aí é pior.

Hoje eu moro sozinha, sinto muita falta da minha mãe, o meu pai mora perto, mas eu sinto falta de alguém, assim. Eu trabalho o dia todo e estudo de noite, e eu sinto falta de ter uma pessoa, de ter um companheiro, só que eu no momento tenho medo de encontrar alguém que atrapalhe meus estudos. Hoje encontrar alguém que queira um relacionamento sério, uma pessoa que está batalhando, que você não pode ver todo dia, que é só nos finais de semana e nem todos porque a gente estuda. Eu tenho medo de me machucar também, por isso tenho medo de me envolver em um relacionamento, hoje em dia eu estou indo na igreja também, às vezes eu saio com minhas amigas, e tenho muitas amigas que conheci na universidade e que dou graças a Deus. Eu excluo muitas amizades que não me agregam em nada, amizade que querem status, festas, querem só beber ou só por interesse. E é assim, não adianta, eu acho que não é o dinheiro ou a riqueza da pessoa que vai influenciar, quando você morrer não vai levar riqueza, vai levar humildade e o bem que plantou para as pessoas na terra. Claro, buscar ter uma vida confortável todo mundo busca, e nunca pisar nas pessoas.

Morar sozinha por um lado é bom porque tenho minha liberdade, posso dormir a hora que eu quiser, se eu quero deixar uma xícara suja na pia eu deixo, fica também mais responsável, todo final do mês tem boleto, conta da água, da luz... tem que se virar. Mas, no final de semana tem vezes que eu me sinto bem sozinha, que eu sinto falta..., mas geralmente quando me sinto assim eu saio com alguma amiga, as vezes no grupo de jovens, ou vou no pai almoçar.

Hoje eu posso recorrer ao meu pai, graças à Deus, e até a minha mãe que está longe. Mas eu evito pedir, eu não gosto de depender das pessoas, gosto de me virar sozinha, quanto mais eu puder me virar sozinha melhor, daí eu tento me virar sozinha como posso. Aquela coisa de me sentir mal, se comparar antes de como estou agora, agora estou bem mais madura em questão financeira. Ajuda de conselho eu sempre vou pedir para meu pai, mas financeira dificilmente.

O trabalho significa um momento que me sinto bem, que para mim não é um trabalho, mas um hobby, é uma coisa que eu gosto e que me sinto muito bem. Eu trabalho em um



ambiente em que eles confiam em mim e sei que posso confiar neles (colegas). É um ambiente bem agradável.

Daqui a cinco anos eu me imagino concursada, se Deus quiser[risos] no município, ou de secretária escolar ou de professora do ensino infantil, vinte horas e o restante do tempo eu quero me dedicar na profissão que estou agora, na parte financeira e estar cursando contabilidade, eu quero trabalhar em duas coisas para dar uma quebrada na rotina, não ficar desgastante. E também quero trazer meu irmão mais novo para cá para ajudar ele, porque é o único que está estudando e ajudar mais a minha mãe, visitar ela mais vezes. Gostaria de acrescentar que apesar de tudo a gente sempre tem que ter fé em alguma coisa, acreditar.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo desenvolvido até aqui permite pontuar alguns aspectos importantes a respeito do fenômeno do suicídio entre jovens na modernidade. Primeiramente, as informações trazidas nesta pesquisa mostram-nos, através das análises de Durkheim, que as transformações da sociedade contribuem para a individuação e as instituições desempenham integração social, uma consciência coletiva dos indivíduos, principalmente no contexto do século XIX. No século XXI, a sociedade é marcada pela construção da autoidentidade com inúmeras opções de escolhas, pela característica plural e diversa das instituições como família e a religião, por exemplo. Considera-se também que as influências globalizantes e a fluidez das relações contribuem para a exacerbação do individualismo.

Para firmar essa consideração, as pesquisas bibliográficas e histórias de vida das entrevistadas evidenciam a individuação própria da sociedade moderna, que podem afetar diretamente os jovens e suas experiências de vida. As histórias apontam de forma clara os sentimentos gerados pela sociedade moderna desencadearam problemas relacionados a depressão, ideação e tentativas de suicídio de jovens: [...]eu lembro que eu brincava sozinha em casa, com as minhas bonecas, minhas panelinhas. [...]eu era muito sozinha, em questão de não ter com quem conversar, pra confiar mesmo. (AMANDA, 18 ANOS). A jovem revela:

A quem eu recorria em momentos de dificuldade: Acho que foi isso que piorou minha depressão por que eu não confiava em ninguém e não tinha a quem recorrer, não tinha com quem conversar, saber que se eu falasse com alguém ia falar que eu tava querendo chamar a atenção. A minha mãe não tinha tempo para me escutar, então eu não tinha com quem conversar, era eu e eu, e isso contribuiu bastante com minha depressão porque como eu não tinha com quem conversar, com quem desabafar sobre o problema que eu estava passando eu só piorava.

A respeito das atividades isoladas, fala que na infância brincava sozinha pois a mãe não a deixava brincar com a vizinhança, pelo risco, pela falta de confiança, e isso nos remete ao que Giddens (2002) menciona sobre os riscos e a falta de confiança na modernidade tardia. A entrevistada ainda relata: “Na época, quando a gente se mudou para lá, era bem perigoso” (AMANDA, 18 ANOS). O perigo está relacionado com a individuação, que resulta na falta de confiança em outros indivíduos, que também é fruto e ingrediente das violências presentes na sociedade. Mais tarde, quando adolescente Amanda (18 anos) menciona: “eu aprendi a não confiar nas pessoas, porque é perigoso”.

Para a jovem Fernanda (27 anos) a dificuldade de relacionar-se também é resultado da falta de confiança, sente-se desprotegida: “Eu tenho medo de me machucar também, por isso tenho medo de me envolver em um relacionamento”. Atualmente, a opção em viver sozinha, em não buscar envolver-se com outras pessoas, com outros relacionamentos é visto como uma opção, pelo sofrimento que passou em suas experiências, que a torna mais fechada, mais isolada.

A construção da autoidentidade dos jovens está relacionada ao contexto social em que estão inseridos, as relações que são construídas socialmente e que remete às formas de vida, as práticas desses sujeitos na sociedade. Atualmente, Amanda (18 anos) também revela esse sentimento apesar da superação dos problemas. Características individualistas são perceptíveis nos relatos: “Mesmo depois de tudo o que eu passei, eu sou uma pessoa muito orgulhosa, no sentido de não pedir ajuda, o que eu tenho que passar eu passo sozinha, eu não peço ajuda, nunca. ”

Ambas as jovens relatam que os sentimentos que geraram a depressão começaram a partir dos dez anos, mas advindos das relações conturbadas com a família, com a escola e outros espaços socializadores.

A solidão, a insegurança, a falta de confiança, o medo, tristeza, isolamento, a falta de carinho, as ansiedades e a depressão como resultado desses sentimentos tem sido manifestado por esses sujeitos. As tentativas de suicídio, as automutilações, são desejos de ‘fuga’ ou alívio para suas emoções, para o sofrimento que sentem:

Quando eu tinha dez anos que começou tudo sabe (fala sobre depressão). No mesmo período que eu comecei a me envolver com drogas, por que eu era bem sozinha, até porque minha mãe ficou quatro anos sem saber tudo o que eu fazia. Eu era muito sozinha, em questão de não ter com quem conversar, pra confiar mesmo, então eu me sentia muito sozinha, muito sozinha, e aí vinha aquela tristeza, uns pensamentos muito .... tipo “se está todo mundo incomodado com a tua presença porque tu não se mata logo”(AMANDA, ENTREVISTADA 1, 18 ANOS).

Os jovens, quando experienciam situações voltadas a ideações suicidas estão desesperançados na vida, sofrendo em solidão, isolados socialmente, sem ter em quem confiar, e depressivos. Estão sujeitos ao envolvimento com drogas psicoativas, automutilações e as tentativas de suicídio, e essas ações aparecem como uma forma com que esses sujeitos buscam “fugir” do sofrimento que os permeiam, uma forma de aliviar a dor, o sofrimento vivido em silêncio. Assim como indicam as histórias: “Um dia eu peguei e comecei a me cortar e fiz a tatuagem, e realmente eu tinha uns cortes, eu me cortava não sei

porque motivo, mas acho que porque eu nunca tive carinho, e eu comecei a sentir falta de um pai. ” (FERNANDA, ENTREVISTADA, 27 ANOS). Aspectos que envolvem diretamente o cotidiano dos jovens:

[...]eu não ia bem pra escola só que eu não transmitia o que sentia, eu guardava para mim e acho que por isso tive depressão com doze anos, porque eu guardava muito para mim, eu ficava muito quieta, a gente vê os colegas felizes e tu pensa, mas porque para eles tem que ser desse jeito e na minha vida tem que ser assim. (FERNANDA, ENTREVISTADA 2, 27 ANOS)

[...]eu, uma criança, começo a me envolver com alguma coisa, prova vê que a sensação...quando tu está sob efeito de alguma coisa é melhor do que quando está lúcido, porque quando tu tá lúcido você tem que encarar seus problemas, quando você está sobre efeito de alguma coisa, você tem que ficar ali acabou, fica viajando e pronto(riso) Eu pegava, usava as coisas e tava querendo sempre provar algo mais forte, porque talvez aquilo que eu tinha usado a cinco minutos atrás já não era mais tão bom quanto poderia ser algo mais forte e aí foi assim, fiquei usando drogas e vendendo, escondendo para os meus amigos e isso sem a minha mãe saber. Minha mãe, como estava mais preocupada em pôr comida na mesa, ela... não julgo ela por nada disso, sabe, mas é porque as pessoas têm que saber que nem tudo vai saciar. (AMANDA, ENTREVISTADA 1, 18 ANOS)

Eu já me cortei então eu sei como que é, a pessoa ela quer aliviar o que ela está sentindo, e a dor física é meio que uma distração. Aí eu me cortava, teve uma vez que eu tomei um monte de remédios da minha mãe, porque minha mãe sempre foi uma pessoa com muito problema de saúde, então eu peguei todos os remédio que ela tinha, tomei tudo numa pancada só para tentar me matar, eu vomitei tudo, não deu certo[...] eu tinha marcado um dia[...] de ir lá no prédio da pittol porque tem um amigo meu que mora no último andar e tem acesso ao terraço, eu ia conversar com ele para ir lá e no momento que ele se distraísse eu me jogaria e acabaria com tudo.[...] Já tinha marcado isso, tinha certo, era algo que não tinha como voltar atrás, eu estava decidida, eu vou lá e vou me jogar, pronto e acabou. (AMANDA, ENTREVISTADA 1, 18 ANOS)

Quem está passando por situações que envolvem risco ao suicídio, sente uma grande tristeza, não vê motivos para seguir com a vida, sofre de ansiedade. Também cobram-se para alcançar o melhor de si e não conseguem, sentem-se frustrados, contribuindo para a depressão. Esses fatos, que são narrados nas histórias de vida dizem muito sobre a sociedade em que vivemos. Sociedade marcada pela fluidez dos laços, pela incerteza, por um mundo cada vez mais acelerado, que exerce uma pressão sobre os jovens que estão construindo a autoidentidade, podendo afetá-los diretamente.

Não há uma busca por ajuda com amigos, colegas, parentes, ou outros indivíduos pela falta de confiança, uma das características que afirma o excesso de individualismo na modernidade. Fernanda (27 anos) relata também: “Às vezes eu subia em uma árvore até passar aquela tristeza ou até minha mãe me chamar. ”

A falta de confiança, pode gerar dificuldade de buscar ajuda com a família, amigos, colegas, parentes, ou outros indivíduos. “Essa última vez que eu acordei, que eu estava na UTI, entrei em coma três dias e quando eu saí eu lembro que não conversei muito com a minha mãe sobre isso, mas hoje a gente lembra e dá risada, mas naquela época não, a gente evitou conversar ao máximo ” (AMANDA, ENTREVISTADA 1, 18 ANOS).

Considera-se aqui o papel familiar na sociedade contemporânea. A família possui importância fundamental para geração de confiança nos adolescentes e jovens, para a socialização. No entanto, quando a família não garante essa proteção e segurança pode afetar significativamente as experiências dos jovens. Inclui-se aqui os relatos das entrevistadas que passaram por situações que envolveram ideações e tentativas de suicídio.

Ambas as histórias de vida destacam a família com o significado de base para suas vidas:

A família significa a base. Cada lugar é lugar para aprendermos alguma coisa, na escola a gente aprende geografia, história, essas coisas, a escola não vai ensinar princípios pra ti, ela vai ensinar o que tu tem que aprender. Na rua você, você escolhe o que você vai ser da tua vida e você decide pra onde tu quer ir. E a família te ensina o que a rua vai te mostrar[...]AMANDA, ENTREVISTADA 1, 18 ANOS)

[...]quando você não tem uma conversa, quando não tem nada dentro de casa, você fica muito frágil às coisas que tem na rua. Ou você não sabe pra onde vai querer ir, ou você vai querer ir pelo caminho mais complicado, só pra saber o que tem lá, por curiosidade, digamos assim. Ou você vai testar os dois caminhos, aí você primeiro “quebra a cara” depois vai pelo caminho certo porque quebrou a cara, como no meu caso. (AMANDA, ENTREVISTADA 1, 18 ANOS)

A família significa a base da vida da gente, se a família não está bem estruturada, ... uma família tem que ter carinho, diálogo... tem que ter tudo. Eu vejo pelo meu pai, ele nunca foi muito presente na minha vida, mas ele é sábio e ele nunca gritou comigo, ele nunca ergueu a mão desde que conheci ele com 14 anos. (FERNANDA, ENTREVISTADA 2, 27 ANOS)

Os relatos indicam a importância da família no desenvolvimento social, mas aqui nos mostra que em suas experiências de vida, a família é desestruturada e que a fragilidade da família afeta diretamente suas vidas. Em ambos os casos, a ausência do pai e a vulnerabilidade da mãe refletem nas experiências dos filhos, bem como os conflitos familiares contribuem para que os jovens passem por situações de risco ao suicídio, por não saber lidar com isso, considerando que os dados da pesquisa revelam que a proporção de óbitos por suicídio é maior entre solteiros, viúvos e divorciados, entre o período de 2011 a 2015.

As histórias de vida revelam que não havia diálogo entre a família, não havia carinho, afeto, apoio, sentimento de segurança, e confiança. Sentiam-se tristes, solitárias, isolavam-se, sentiam um vazio, uma desesperança na vida, tornando-se depressivas.

A confiança que é considerada característica fundamental para o desenvolvimento da personalidade e da segurança, fundamental para a construção da autoidentidade e nas relações que são estabelecidas no cotidiano dos indivíduos, como mencionado por Giddens(2002)

Não é possível identificar o “casulo protetor” nas histórias de vida das jovens. Não encontram na mãe e nem no pai um suporte, um porto seguro que as protegessem das adversidades cotidianas e para as escolhas da vida.

A família desestruturada, a falta de proteção, de carinho, de afeto dos membros familiares, pode desencadear em problemas sérios para os jovens, em escolhas que podem os prejudicar, que podem gerar um risco para a vida. Para ambas as jovens, a necessidade de atenção da mãe, a falta de carinho, afeto, apoio geraram sentimentos de isolamento, de angústias, de tristeza, de depressão. Além dos relatos das entrevistadas, os estudos sobre os jovens e a relação com o suicídio, trazidos para a pesquisa, também mostram que o isolamento social, a tristeza, a falta de carinho, os conflitos familiares, a falta de diálogo, são frutos das experiências cotidianas com as famílias e outras instituições socializadoras:

[...]como você não teve carinho, você não teve nada disso, a primeira pessoa que te der atenção lá fora você vai achar que é.... “meu Deus” sabe, você vai achar que a pessoa realmente tá te dando carinho, tá te dando atenção, então é seu amigo. E a primeira pessoa que te der atenção você vai achar que é teu amigo. E eu com dez anos foi exatamente isso que aconteceu, as pessoas que me davam atenção, queriam eu por perto e achavam que eram meus amigos.(AMANDA, ENTREVISTADA 1, 18 ANOS)“[...]em tudo o que eu fazia, parecia que a mãe não gostava de mim, só que era porque eu não tinha o pai também, e minha mãe deixou muito de dar carinho. As vezes eu ia dar um abraço no vô”(FERNANDA, ENTREVISTADA 2, 27 ANOS)

As histórias de vida também apresentam violências expressas na família, que afetaram diretamente as experiências dos jovens: “O meu irmão, que é o terceiro, o pai dele também...uma vez eu vi a minha mãe sendo ameaçada pela janela do banheiro por ele e ele estava com um facão. Eu lembro que eu saí na janelinha e fiquei gritando.” Além desse relato diversos outros podem ser percebidos nas falas da jovem. (FERNANDA, ENTREVISTADA 2, 27 ANOS)

A modernidade permite maiores escolhas. Permite ao indivíduo escolher com que relacionar-se, quando e como se relacionar socialmente, mas também gera incertezas, não

garante solidez nas relações, podendo gerar inseguranças, e afetar diretamente o grupo familiar que não é capaz de controlar as influências geradas pelo sistema global. Em situações de desamparo, os jovens podem escolher caminhos nem sempre positivos para suas experiências, digo retomando as falas das entrevistadas:

Com dez anos eu comecei a me envolver com “mal caminho” digamos assim, que aí eu comecei me envolver com drogas e vendia drogas, vendia armas [...](AMANDA, ENTREVISTADA 1, 18 ANOS)

A mãe não apresentava o “casulo protetor”, nem mesmo sabia por onde a jovem andava e o que fazia. Havia conflitos entre as duas partes que afetaram diretamente as experiências de Amanda (18 anos) e relata sobre o posicionamento da mãe:

[...]se você quebrar a cara na sua vida, o problema é teu, porque você escolheu quebrar a cara na tua vida, você tem que saber o que é certo e o que é errado”, foi isso que eu recebi na minha vida. Não foi: “você não pode usar drogas, você não pode fazer isso, você não pode se envolver com más amizades” essas coisas todas.

Aqui, considero também a religião no XXI que possui uma dinâmica em que cabe ao próprio indivíduo escolher se quer seguir alguma crença, como quer seguir, e ainda ter a possibilidade de trocar de religião ou decidir não mais frequentar, tudo isso fruto da diversidade e pluralidade de religiões na modernidade. A instituição, portanto, possui um sentido de união coletiva, coesão e integração, assim como Durkheim ressalta. Esse sentido, ainda permanece visível.

Nas experiências dos jovens, é possível considerar que a religião aparece como um ambiente gerador de confiança, pois a instituição dispõe de conforto, sendo um apoio nas situações de depressão, solidão, tristeza, que vivenciaram. Percebe-se que a religião resgata o sentido de comunidade que a modernidade tardia perdeu.

As experiências das jovens com a religião revelam tanto a possibilidade de escolhas de estilos de vida como relatam que na infância a religião era parte do cotidiano, quando seguiam com os pais para a igreja. Posteriormente, com a mudança de perfil familiar, quando ocorre a separação dos pais, a religião deixa de ser uma opção. Na adolescência a religião é frequentada, mas sem muito sentido para as jovens, mas que passam a ser sinônimo de proteção, de “salvação” justamente quando vivenciam situações ligadas aos pensamentos suicidas e tentativas de suicídio.

Quando eu era pequena antes de meus pais se separarem eu ia com ele numa igreja, aí eles se separaram e minha mãe parou de ir na igreja. Quando foi em 2010 por aí a gente voltou, eu voltei a ir na igreja só que eu ia por ir mesmo. Em 2014 depois de muita coisa que aconteceu na minha vida eu decidi voltar para a igreja e aí quando

eu voltei para a igreja foi mais uma reviravolta muito grande na minha vida. (AMANDA, ENTREVISTADA 1, 18 ANOS)

As escolhas de seguir a religião ou não depende também das situações que estão vivenciando, principalmente quando procuram um sentido para a vida. A mesma entrevistada relata: “mesmo eu não acreditando hoje em Deus considero muita coisa que a religião fala[...]Eu acho que as pessoas têm que ter no que acreditar, as pessoas são carentes de acreditar em alguma coisa, ou algo que as pessoas possam acreditar, estão “presas” no medo, sabe?! [...]eu já tinha passado tudo o que eu já tinha passado, você fica muito frágil de algumas situações, e pensa: “vou me alimentar disso porque isso vai me ajudar” Querendo ou não a igreja me ajudou muito. (AMANDA, ENTREVISTADA 1, 18 ANOS)

Caso semelhante ocorre com a outra jovem quando experienciou situações de ideações e tentativas de suicídio, tristeza, desesperança na vida e depressão: “Quando eu me batizei, me batizei com 12 anos, que eu tinha me curado, foi uma experiência que parece eu me voltei minha vida toda para Deus.” (FERNANDA, ENTREVISTADA 2, 27 ANOS)

[...]comecei a frequentar a igreja quando eu comecei a melhorar, e quando eu estava doente eles vinham lá em casa falar sobre Deus para mim, que não era para mim ficar triste, que Deus ia cuidar de mim, que Deus ia encontrar meu pai. Eu me sentia melhor, eles me deram uma bíblia, falaram para mim confiar em Deus que ia dar tudo certo. (FERNANDA, ENTREVISTADA 2, 27 ANOS)

A religião para mim significa algo que tu acreditas, é uma fé inabalável que tu tens, que te deixa mais forte em tudo. Não importa a religião, acho que tem que ter fé em Deus e aquilo nos faz perceber que quando a gente coloca as coisas nas mãos de Deus, a gente pensa que Deus tem um propósito e não podemos desanimar, eu acho que tudo muda. Se você não acredita em nada, não tem fé, não tem religião, não tem nada aí que começa a desandar tudo. (FERNANDA, ENTREVISTADA 2, 27 ANOS)

Esses relatos entres tantos outros apresentados nas histórias de vida evidenciam que a instituição familiar teve papel fundamental nas experiências dos jovens e adolescentes e quando há uma desestruturação podem contribuir para situações que os levem a ideações e/ou tentativas de suicídio. E a instituição religiosa como um espaço que integra o jovem ao meio social, principalmente por ser um dos espaços escolhidos entre tantas outras opções de ajuda, como psicólogos, psicoterapeutas, psiquiatras, e outros especialistas

O processo de transição da infância para a juventude é um aspecto considerável na modernidade, assim como foi destacado neste estudo. A idade flexível para esta transição, é significativamente visível nas experiências dos jovens, o que pode afetar o modo de vida. As entrevistas possibilitaram perceber um sentimento de infância perdida. Desde a infância a



necessidade de cumprir responsabilidades de um adulto, e de envolver-se com situações que não cabem a crianças, leva a um amadurecimento precoce.

Cuidar dos afazeres domésticos ao invés de brincar com amigos, cuidar dos irmãos, não ter com quem brincar ou não poder brincar, envolver-se com drogas e outras práticas ilícitas, fizeram com que as jovens se percebessem mais responsáveis, já a partir dos 10 anos pelas próprias situações vivenciadas, sem o respaldo de pessoas adultas. Em uma das falas: “Como eu tinha que pensar rápido nas coisas eu era muito desconfiada, eu amadureci muito rápido, não tive algo muito significativo, mas acho que basicamente foi isso, quando eu percebi eu tava crescida ” (AMANDA, ENTREVISTADA 1, 18 ANOS). Fernanda (27 anos): “eu com oito anos já tinha que cuidar dos meus irmãos, já não brincava como as outras crianças. ”

Diversas outras passagens das histórias de vida indicam o significado da família para os jovens, que estão em processo de desenvolvimento da autoidentidade, considerando que quando a instituição é desestruturada, afeta diretamente na vida dos jovens

As situações familiares vivenciadas pelas entrevistadas revelam nos dois casos: o divórcio dos pais, brigas familiares, bullying, a falta de carinho, de atenção, necessidades financeiras, entre outras situações que desencadearam sentimentos como a solidão, a tristeza, a falta de confiança, medo, ansiedade e depressão.

As situações de bullying também são experienciadas pelos jovens, retratam uma realidade por eles vivenciadas, assim como é possível perceber na série americana “13 reasons why” e que muitos dos adolescentes e jovens que a assistem identificam-se com a trama. Em relação às histórias de vida aparecem nas falas situações de bullying que as afetam:

[...]quando eu estava doente, quando eu tinha doze anos que eu tinha problemas na sala de aula e me falaram que eu estava ficando deficiente, porque estava paralisando, e eu não fui mais na aula, eu não queria mais ir na aula e fiquei afastada, em casa. Eu lembro que eu ficava isolada, que parecia que eu tinha uma doença transmissível. (FERNANDA, 27 ANOS)

[...]eu sofri bullying quando eu era pequena, muito bullying por eu ser magrinha, porque eu sempre fui a mais alta da turma e a mais magrinha, aí eu sofria muito, me chamavam de magrela, de esquelética, de seca, de vassoura, falavam: “ah, cesta básica, só volta carne”. Sempre sofri muito bullying. (AMANDA, 18 ANOS)

As histórias de vida mostram a escola não ampara os jovens, não menciona sobre violências como o bullying ou sobre o tema do suicídio, mostrando que há uma necessidade maior de abordar sobre essas questões.

As redes sociais e outros espaços virtuais aparecem como um espaço em que procuram compartilhar a dor que estão sentindo e esperam com isso encontrar pessoas dispostas a aceitar, a compreender o sentimento vivenciado, podendo ser um espaço também de suporte e ajuda/amparo. No caso mencionado por uma das entrevistadas, durante os quatro anos que participou ativamente da religião, da igreja, logo após superar a situação em que se encontrava vulnerável, contribuiu para o atendimento, chamado de suporte on-line, a jovens em situação de risco ao suicídio. O serviço era um serviço voltado a indivíduos que estavam vivenciando situações de instabilidade emocional e buscavam suporte on-line ou por telefone:

[...]quando eu entrei na igreja eu participava de um negócio, que a gente tinha dentro da igreja uma plataforma online que era o “SOS Jovem”, que atendia jovens com, ah... tava acontecendo qualquer coisa e tinha que ir lá. Eu atendia de madrugada, das 22:00 às 5:00 da manhã. Aí você entra na plataforma, se quiser falar seu nome poderia se identificar ou senão não, aí você fala seu problema e a gente ajuda. Era basicamente isso, era uma plataforma de ajuda online, que tinha gente que entrava e que na hora queria se matar, e tinha muita coisa que eu passei me ajudou quando eu tinha que atender na plataforma. Porque aí eu sabia como a pessoa estava se sentindo e eu podia ajudar ela. (AMANDA, ENTREVISTADA, 18 ANOS)

No caso das entrevistadas, a superação do quadro de depressão, das ideias suicidas dos jovens se deu através de novas formas de integração social, principalmente por meio da instituição religiosa. Sentiam-se acolhidas, gerando um sentido positivo para suas vidas. A igreja promoveu um sentido coletivo, com laços de amizade, afeto, criando responsabilidades com outras pessoas. Atualmente trabalham, estudam, fazem planos, e levam tudo o que passaram como aprendizado, exatamente assim como menciono aqui.

Certamente, também é digno que destaque que o tema do suicídio entre jovens é pouco discutido em espaços institucionais, como: universidades, escolas, famílias, organizações sociais, etc. Por isso, é necessário dialogar mais amplamente, nos mais diversos espaços sociais, buscando meios para a diminuição dos índices, considerando que o suicídio é a segunda maior causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos, segundo a OMS. É interessante destacar que a Campanha Setembro Amarelo<sup>28</sup> que foi criada em 2015 pela Associação Brasileira de Psiquiatria, Conselho Federal de Medicina e Centro de Valorização da Vida (CVV) no intuito de incentivar a conscientização e o diálogo sobre o suicídio visando a sua prevenção, serve como exemplo de iniciativa importante para que a discussão sobre o suicídio disponha de espaço para o diálogo na sociedade.

---

<sup>28</sup> A Campanha Setembro Amarelo foi criada em 2015, junto ao Conselho Federal de Medicina(CFM) e ao Centro de Valorização da Vida(CVV). Mais informações podem ser encontradas no site:<https://www.estudopratico.com.br/o-que-e-o-setembro-amarelo/> Acesso:31/08/2018

Algumas universidades já estão mobilizando-se na luta para a redução dos índices de suicídio entre jovens, e isso indica a gravidade desse problema. Disciplinas voltadas diretamente ao combate dos problemas que podem ser riscos para o suicídio estão sendo inseridas nos espaços acadêmicos e poderiam ser também introduzidas em espaços escolares.

Essa é uma iniciativa interessante, mesmo que ainda recente, e que procura mobilizar a sociedade para dar maior atenção a essas questões que são tão atuais e contribuir para que os jovens tenham espaços para falar sobre si. Considero que é urgente que as famílias também se mobilizem no intuito de acompanhar seus filhos na construção da autoidentidade. As experiências dos jovens que vivenciaram situações que remetem ao suicídio deixam claro que ainda não há um reconhecimento de que esse é um assunto que deve ser abordado nos mais diversos espaços.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3.ed.rev.atual. Editora FGV, 20. Rio de Janeiro. 2013.
- BARBOSA, Júlia Sprada. et al. **Séries e Internet: até que ponto elas interferem na Ideação Suicida?** 12º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde. ISPA – Instituto Universitário Lisboa. 2018
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução, Plínio Dentzien.- Rio de Janeiro: Zahar, 2001
- BAUMAN, Zygmunt, 1925- **Em busca da política** / Zygmunt Bauman; tradução, Marcus Penchel. — Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama; revisão técnica Luís Carlos Fridman.- Rio de Janeiro: Zahar, 1998
- BEDINELLI, Talita; MARTÍN Maria. **Baleia Azul: o misterioso jogo que escancarou o tabu do suicídio juvenil**. Jornal El País. São Paulo/Rio de Janeiro. Brasil- 2017. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/27/politica/1493305523\\_711865.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/27/politica/1493305523_711865.html) Acesso: 31/05/2018
- BUSCATO, Marcela. **“Série 13 reason why estimulou ideias de suicídio, diz estudo**. Revista Época. 2017. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/saude/check-up/noticia/2017/07/serie-13-reasons-why-estimulou-ideias-de-suicidio-diz-estudo.html>> acessado em: 16/08/2018
- BBC NEWS**. Suicídios aumentaram no EUA logo após Robin Williams se matar, mostra levantamento. 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-42988493>> acessado em: 15/08/2018
- BRUM, Eliane. **O suicídio dos que não viram adultos nesse mundo corroído**. Jornal El País. 2018. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/18/opinion/1529328111\\_109277.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/18/opinion/1529328111_109277.html)> acessado em 15/08/2018
- CAIXETA, Fernando. **“Felicidade” será nova disciplina da UnB a partir do próximo semestre**. Metrópoles. 2018. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/distrito-federal/educacao-df/felicidade-sera-nova-disciplina-da-unb-a-partir-do-proximo-semester>>acessado em 15/08/2018
- CARVALHO, Marcelo Sávio Revoredo Menezes de. **A trajetória da internet no Brasil: do surgimento das redes de computadores à instituição dos mecanismos de governança**. UFRJ. São Paulo. 2006
- CORRÊA, Carlos; XAVIER, Mauren. **Aumento de tentativas de suicídio alerta para uma abordagem mais atenciosa**. Correio do Povo. 2017. Disponível em:

<<http://www.correiodopovo.com.br/Noticias/Geral/Saude/2017/04/615804/Aumento-de-tentativas-de-suicidio-alerta-para-uma-abordagem-mais-atenciosa>> acessado em: 15/08/2018

**CORREIO BRAZILIENSE.** Estudo aponta pontos positivos sobre os debates da série '13 reasons why'. Correio Braziliense, 2018. Disponível em: <[https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2018/03/22/interna\\_diversao\\_arte,667774/pesquisa-sobre-impacto-de-13-reasons-why.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2018/03/22/interna_diversao_arte,667774/pesquisa-sobre-impacto-de-13-reasons-why.shtml)> acessado em 16/08/2018

**DATASUS.** Mortalidade- Santa Catarina- Lesões autoprovocadas voluntariamente. SIM. Secretaria Estadual de Saúde. Brasil. 2016. Disponível em: ><http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sim/cnv/obt10sc.def>< acessado em: 01/08/2018

DAYRELL, Juarez Tarcísio. **A juventude no contexto do ensino da sociologia: questões e desafios.** Sociologia: ensino médio / Coordenação Amaury César Moraes. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico.** / Émile Durkheim; tradução Paulo Neves; revisão e tradução Eduardo Brandão. - 3ª ed.- São Paulo: Martins Fontes, 2007.

\_\_\_\_\_. **Da Divisão do Trabalho Social.** Tradução Eduardo Brandão. -4.ª ed..- São Paulo: Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. **O suicídio: estudo de sociologia/** tradução Monica Stahel.- São Paulo: Martins Fontes, 2000.

EISENSTEIN, E. **Adolescência: definições, conceitos e critérios.** Adolesc Saude.2005; 2(2):6-7

ESCÓSSIA, Fernanda da. **Crescimento constante: taxa de suicídio entre jovens sobe 10% desde 2002.** BBC News. 2017. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-39672513>>acessado em: 15/08/2018

**ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE- BRASIL** Presidência da República. Brasília. 1990. Disponível em:> [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm).< Acesso: 11/10/2017

EVANS-PRITCHARD, Edward. **Os Nuer: Uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota.** 2ªed. São Paulo. 2002

FERREIRA, Renato Emanuel Campino. **O suicídio.** Faculdade de Economia. Universidade de Coimbra. Coimbra. 2008. Disponível em: <http://www4.fe.uc.pt/fontes/trabalhos/2008025.pdf>. Acesso: 09/10/2017

FUZEIRA, Victor. **Morte de Estudante na Universidade de Brasília suspende aulas.** Jornal Metrópole. Distrito Federal. 2018. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/distrito-federal/morte-de-estudante-na-universidade-de-brasilia-suspende-aulas>> acessado em: 29/08/2018

GENNEP, Arnold Van. **Os ritos de passagem: Estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento e infância, puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc.**; tradução de Mariano Ferreira, 4ª ed. Petrópolis, Vozes, 2013. 184p.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade Pessoal**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GOMES, Dariele. **Jogo Baleia Azul que incentiva o suicídio viraliza nas redes sociais entre os jovens**. Notícias do Dia. Florianópolis. 2017. Disponível em: <<https://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/jogo-baleia-azul-que-incentiva-o-suicidio-viraliza-entre-as-redes-sociais-dos-jovens>> acessado em: 20/08/2018

HINTZ, Helena Centeno. **Novos tempos, novas famílias? Da modernidade à pós-modernidade**. IFTA. 2001

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal**. Pesquisa nacional por amostra de domicílios contínua- PNAD CONTÍNUA. IBGE. 2018

\_\_\_\_\_. **Estatísticas do Registro Civil 2016**. IBGE. Brasil. 2016. Disponível: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/135/rc\\_2016\\_v43\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/135/rc_2016_v43_informativo.pdf) Acesso: 12/06/2018

\_\_\_\_\_. **Estatísticas do Registro Civil 2006**. IBGE. Brasil. 2006. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/135/rc\\_2006\\_v33.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/135/rc_2006_v33.pdf) acessado em 14/08/2018

\_\_\_\_\_. **Crianças e Adolescentes- Indicadores sociais**. IBGE. Brasil. 2010. Disponível em: <[https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/criancas\\_adolescentes/default.shtm](https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/criancas_adolescentes/default.shtm)> acesso em: 29/08/2018

JUNQUEIRA, Camila. **O que tantos casos de suicídios de celebridades têm em comum?** Blog Vix. 2018. Disponível: ><https://www.vix.com/pt/entretenimento/546637/o-que-tantos-casos-de-suicidios-de-celebridades-tem-em-comum>< Acesso: 16/07/2018

LEMOS, Fabiana. **UFSM abre disciplina sobre 'felicidade', com inscrições para o segundo semestre**. G1 Globo. 2018 Disponível em: <<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2018/07/26/ufsm-abre-disciplina-sobre-felicidade-com-inscricoes-para-o-segundo-semester.ghtml>> acessado em: 15/08/2018

LLANO, Pablo de. **‘13 Reason Why’, os motivos de um suicídio juvenil em uma fita cassete**. Miami- Flórida. 2017

MAGALHÃES, Mário. **Suicídios no Brasil, o país onde o passado não passa**. The Intercept. 2018. Disponível em: <<https://theintercept.com/2018/05/02/suicidios-brasil-passado-futuro/>> acessado em 15/08/2018

**MAPA DA INCLUSÃO DIGITAL/** Coordenação Marcelo Neri: FGV, CPS, 2012;

**MINISTÉRIO DA SAÚDE.** Boletim Epidemiológico/ Suicídio. Saber, Agir e Prevenir. Perfil epidemiológico das tentativas e óbitos por suicídio no Brasil e a rede de atenção à saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Brasil. 2017.

O DEMOCRATA. **UnB decreta luto oficial de três dias por morte de estudante.** Jornal. 2018. Disponível em: ><http://odemocrata.com/unb-decreta-luto-oficial-de-tres-dias-por-morte-de-estudante/><. Acesso: 16/07/2018

ONUBR. Nações Unidas no Brasil. **OMS: suicídio é responsável por uma morte a cada 40 segundos no mundo.** 2016. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/oms-suicidio-e-responsavel-por-uma-morte-a-cada-40-segundos-no-mundo/>> acesso: 12/09/2017

**ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS).** Prevenção do Suicídio: Um Recurso para OMS: Conselheiros. Genebra. 2006. Disponível em: <[http://www.who.int/mental\\_health/media/counsellors\\_portuguese.pdf?ua=1](http://www.who.int/mental_health/media/counsellors_portuguese.pdf?ua=1)> acessado em: 12/09/2017

**ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS).** Saúde do Adolescente. 2017. Disponível em: >[https://translate.google.com.br/translatehl=ptBR&sl=es&u=http://www.who.int/topics/adolescent\\_health/es/&prev=search](https://translate.google.com.br/translatehl=ptBR&sl=es&u=http://www.who.int/topics/adolescent_health/es/&prev=search)< acessado em 12/09/2017

PEIXOTO, Heloisa Cortês Gallotti. **Redução da Morbimortalidade por Acidentes e Violências Diagnóstico do Problema em Santa Catarina.** 2003. Disponível em: >[http://www.dive.sc.gov.br/conteudos/Sistema\\_Informacao/Sim/Publicacoes/Mortalidade\\_por\\_Causas\\_Externas\\_2003.pdf](http://www.dive.sc.gov.br/conteudos/Sistema_Informacao/Sim/Publicacoes/Mortalidade_por_Causas_Externas_2003.pdf)> acessado em 01/08/2018

**PESQUISA BRASILEIRA DE MÍDIA/** Secretaria de Comunicação Social- Assessoria de Pesquisa de Opinião Pública- IBOPE Inteligente. Brasília/DF. 2016

**PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA-** uma década de inclusão e cidadania / organizadores: Tereza Campello, Marcelo Côrtes Neri. – Brasília: Ipea, 2013. 494 p. Disponível em:[http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/bolsa\\_familia/Livros/Bolsa10anos.pdf](http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/bolsa_familia/Livros/Bolsa10anos.pdf) Acessado em:29/08/2018

**PROJETO JUVENTUDE.** Documento de Conclusão. Instituto cidadania.São Paulo. 2004. 98 p. Disponível em:<<https://registrojuventude.files.wordpress.com/2011/02/dicas-projeto-juventude-final-1.pdf>>acesso em 29/08/2018

RAMAL, Andrea. **Entenda o 'Jogo da Baleia Azul' e os riscos envolvidos.** 2017. G1 Globo.2017 Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/blog/andrea-ramal/post/entenda-o-jogo-da-baleia-azul-e-os-riscos-envolvidos.html>> Acesso: 31/05/2018

SAMPAIO, Daniel; et al. **Arriscar morrer para sobreviver: Olhar sobre o suicídio adolescente.** Análise Psicológica. Lisboa, 2001

SAMPAIO, Daniel et al. **Representações sociais do suicídio em estudantes do ensino secundário**. Aná. Psicológica, Lisboa, v. 18, n. 2, p. 139-155, jun. 2000. Disponível em <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S087082312000000200001&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S087082312000000200001&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 09/10/2017

**SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL**. Resolução sobre o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo é aprovada pelo Conselho Nacional de Justiça. Brasília DF. 2013. Disponível em: <<http://www2.stf.jus.br/portalStfInternacional/cms/destaquesNewsletter.php?sigla=newsletterPortalInternacionalDestaques&idConteudo=238515>> acessado em 29/08/2018

STEIL, Carlos Alberto. **Pluralismo, Modernidade e Tradição: Transformações do campo religioso**. UFRGS. Porto Alegre. 2001

TONATO, Edinéia. **As Redes Sociais nos Espaços Escolares: Mecanismos de Socialização e Construção do Self**. Chapecó. 2015

THOMPSON, John B. **A Mídia e a Modernidade: Uma teoria social da mídia**. tradução de Wagner de Oliveira Brandão; revisão da tradução Leonardo Avritzer. - Petropolis, RJ: Vozes, 1998

VIEIRA, Bianka. **USP tem 4 suicídios em 2 meses e cria escritório de saúde mental para alunos**. Folha de São Paulo. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/08/usp-tem-4-suicidios-em-2-meses-e-cria-escritorio-de-saude-mental-para-alunos.shtml#top>> acessado em 15/08/2018



## ANEXOS

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Este documento visa solicitar sua participação na Pesquisa “Abordagem Social do Suicídio: o suicídio entre jovens e adolescentes como fenômeno da modernidade tardia” que tem como objetivo: Problematicar as relações entre o suicídio e a sociedade na modernidade tardia com foco nas experiências de jovens e adolescentes.

Por intermédio deste Termo são-lhes garantidos os seguintes direitos: (1) solicitar, a qualquer tempo, maiores esclarecimentos sobre esta Pesquisa; (2) sigilo absoluto sobre nomes, apelidos, datas de nascimento, local de trabalho, bem como quaisquer outras informações que possam levar à identificação pessoal; (3) ampla possibilidade de negar-se a responder a quaisquer questões ou a fornecer informações que julguem prejudiciais à sua integridade física, moral e social; (4) opção de solicitar que determinadas falas e/ou declarações não sejam incluídas em nenhum documento oficial, o que será prontamente atendido; (5) desistir, a qualquer tempo, de participar da Pesquisa.

*Eu, \_\_\_\_\_ declaro estar ciente das informações constantes neste ‘Termo de Consentimento Livre e Esclarecido’, e entender que serei resguardado pelo sigilo absoluto de meus dados pessoais e de minha participação na Pesquisa. Poderei pedir, a qualquer tempo, esclarecimentos sobre esta Pesquisa; recusar a dar informações que julgue prejudiciais a minha pessoa, solicitar a não inclusão em documentos de quaisquer informações que já tenha fornecido e desistir, a qualquer momento, de participar da Pesquisa. Fico ciente também de que uma cópia deste termo permanecerá arquivada com o coordenador da pesquisa.”*

*Chapecó, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.*

Participante: \_\_\_\_\_

Assinatura do Pesquisador: \_\_\_\_\_